

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS

**AGENDA CONSERVADORA, ULTRALIBERALISMO E “GUERRA CULTURAL”:
“BRASIL PARALELO” E A HEGEMONIA DAS DIREITAS NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO (2016-2020)**

Marechal Cândido Rondon – PR

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS

**AGENDA CONSERVADORA, ULTRALIBERALISMO E “GUERRA CULTURAL”:
“BRASIL PARALELO” E A HEGEMONIA DAS DIREITAS NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO (2016-2020)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani.

Marechal Cândido Rondon – PR

2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Aparecida Machado Balestro dos Santos, Mayara
Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural:
Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil
Contemporâneo (2016-2020) / Mayara Aparecida Machado
Balestro dos Santos; orientador Rodrigo Ribeiro Paziani . --
Marechal Cândido Rondon, 2021.
147 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido
Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro
de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
2021.

1. Brasil Paralelo . 2. Nova Direita. 3. APH (Aparelho
Privado de Hegemonia) . 4. Neofascismo . I. Ribeiro Paziani
, Rodrigo, orient. II. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 27 dia(s) do mês de agosto de 2021 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os Professores(as) Doutores(as): Rodrigo Ribeiro Paziani, Gilberto Grassi Calil e Flávio Henrique Calheiros Cassimiro. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Rodrigo Ribeiro Paziani. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Flávio Henrique Calheiros Cassimiro, Gilberto Grassi Calil. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Dissertação foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.



Orientador(a) - Rodrigo Ribeiro Paziani

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)



Gilberto Grassi Calil

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.



Flávio Henrique Calheiros Cassimiro
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais



Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos
Aluno(a),

1



Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História
Profª. Dra. Carla Luciana Souza da Silva

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA


Eu, Prof. Dr. **Rodrigo Ribeiro Paziani**, declaro, como **ORIENTADOR**, que presidi os trabalhos **à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado do(a) candidato(a) **Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos** deste Programa de Pós-Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, **formalizo como orientador**, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o(a) candidato(a) foi considerado(a): **APROVADO(A)** na banca realizada na data de **27 de agosto de 2021**.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Trabalho considerado de importância e relevância historiográfica, porém que necessitará de uma revisão ortográfico-gramatical e do atendimento de alguns elementos críticos destacados pela banca examinadora para a versão final.

Atenciosamente,



Docente: **RODRIGO RIBEIRO PAZIANI**
Programa de Pós-Graduação em História
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA,
POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Flávio Henrique Calheiros Casimiro**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

O trabalho entregue pela candidata é de muita relevância para a historiografia. Considero somente que, para a versão final, o texto necessita de revisão ortográfico-gramatical e o atendimento de questões específicas indicadas por mim.

Atenciosamente,



Flávio H. Calheiros Casimiro
IFSULDEMINAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. **Gilberto Grassi Calil**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A dissertação expressa uma significativa contribuição à historiografia, com a abordagem de um tema atual e relevante, realizada de forma competente e com utilização de diversas fontes e a partir de referencial teórico pertinente. Sugere-se apenas uma revisão textual e a observação de indicações pontuais realizadas na banca, não se registrando nenhuma restrição.

Atenciosamente,



Gilberto Grassi Calil
UNIOESTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA
SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos, declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO **à distância, de forma síncrona e por videoconferência** do trabalho intitulado: “Agenda conservadora, ultraliberalismo e ‘guerra cultural’: ‘Brasil Paralelo’ e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)”, para banca examinadora realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Atenciosamente,



Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos

nome e assinatura

Programa de Pós-Graduação em História Universidade
Estadual do Oeste do Paraná

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, #FORABOLSONARO!!!

Escrever uma dissertação no cenário de uma crise política, social, econômica, sanitária e humanitária é uma tarefa e tanto, principalmente quando se pesquisa História do Tempo Presente e a ascensão das Direitas Radicais. Vemos atualmente, a contorção do Governo Temer, os avanços das políticas ultraliberais; a retirada de direitos da classe trabalhadora; o ataque diário à educação pública; aos movimentos sociais; aos educadores; a perseguição de liberdade de cátedra; e o avanço do neofascismo no Brasil. Diante desse contexto, manter a esperança viva só é permitido quando se tem ao lado pessoas que mergulham com você na luta e na vida, são essas mesmas pessoas que me deram suporte necessário para concluir minha dissertação.

Agradeço, em especial, as duas mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe, Nirlei e a minha avó, Lurdes. Sem elas eu não teria me tornado um ser humano cheio de esperanças, sonhos e força. Através dos estudos e da teoria marxista consegui encontrar minha melhor ferramenta. Obrigada por vocês, obrigada por ter permitido por meio da educação, alcançar o meu tão sonhado mestrado, mesmo com poucos recursos, finalizamos essa etapa. Quero agradecer aos meus tios, Carlos, Nivaldo e Nilton, por ter ajudado minha mãe e minha avó nessa dura batalha chamada “vida” e estudos, e, ter aprendido através das vivências e das letras dos Racionais que *“é necessário sempre acreditar que o sonho é possível”*, mesmo com poucos privilégios o acesso à educação nunca me foi negado.

Agradeço aos meus pequenos, minha irmã de doze anos, Vitória, feminista, inteligente, desenhista, criativa e comentarista da política brasileira. Agradeço ao meu irmãozinho, de cinco anos, Miguel, fonte de inspiração, esperança e genuinidade. Obrigada pela existência dos dois, ambos permitem eu lutar e construir um mundo melhor, igualitário e crítico. Espero que na juventude de vocês a educação esteja mais acessível e humanitária, o mundo, um lugar melhor.

Agradeço a família do meu padrasto, por ter ajudado minha mãe com o suporte financeiro e emocional para concretizar esse sonho, em especial, ao meu padrasto Valdir e a sogra da minha mãe, Rosa Ferreira.

Agradeço, ao meu orientador professor-doutor Rodrigo Ribeiro Paziani, pela paciência, rigor e honestidade ter aceitado o desafio de ter encarado essa pesquisa, com o

Rodrigo, cresci enquanto pesquisadora, aprendi e ainda estou aprendendo, a dialogar o meu principal referencial teórico-metodológico com o meu objeto de estudo. Horas refletindo o “quebra-cabeça/pesquisa”, recordo-me da minha primeira orientação, meio perdida e sem graça, o Rodrigo conseguiu mostrar o entusiasmo com a pesquisa, apresentou naquele dia, os “caminhos” necessários para construir uma carreira acadêmica através da pesquisa. Meses de orientações, discussões, formulações de textos, apresentações de capítulos, correções, trocas de mensagens virtuais e aprendizados nesses dois anos e cinco meses de mestrado, graças!

Rodrigo é um ser humano brilhante, todo o seu cuidado com a minha pesquisa permitirá que eu possa alcançar outros sonhos e objetivos fora do meio acadêmico. Sua dedicação, compromisso e amizade representaram um exemplo de profissional para mim. Ao professor-doutor Gilberto Grassi Calil, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora, os estudos desenvolvidos pelo Gilberto sobre as direitas, fascismo e a discussão gramsciana, são exemplos de estudos a serem seguidos e avançados, por isso, o trabalho do Gilberto tem um peso enorme na minha pesquisa e na minha trajetória acadêmica. Agradeço também, ao professor-doutor Flávio Henrique Calheiros Casimiro, por ter aceitado o convite para compor a banca, em especial, por ser uma das minhas principais referências com o estudo sobre as Direitas, principalmente, pensar o conceito da “Nova Direita” e o avanço de *Aparelhos Privados de Hegemonia*, marcado no contexto de reorganização da burguesia brasileira entre os anos de 1980 e 1990. Tive contato com o trabalho do Flávio em 2018, um ano antes de ingressar no mestrado e montar o projeto, por isso, o livro do Flávio, fruto de sua tese de Doutorado, é o meu principal “modelo” de pesquisa. Com o Flávio, aprendi a mergulhar nesse campo das direitas brasileiras. Por isso, em todos os eventos, em todos os grupos de pesquisa e para muitas pessoas, resalto a relevância do trabalho do Flávio. Obrigada Flávio, pela contribuição acadêmica e por ser um pesquisador cheio de brilho, vontade e elegância com os novos pesquisadores. O trabalho do Flávio é potente!!!

Agradeço à Universidade do Oeste Paulista — UNOESTE, de Presidente Prudente, pela oportunidade e realização da primeira etapa do meu sonho, a formação em História. Sobretudo, o corpo docente da Instituição, ao professor Thiago Belieiro, pelos conselhos acadêmicos e os puxões de orelha, à professora Lorayne Ueocka, pela orientação na iniciação científica e as prosas fora da sala, ao professor Maia, por sempre acreditar no meu potencial e no meu amor pelo curso, à professora Deise, pelos longos diálogos sobre a vida acadêmica e a vida após a Universidade, à professora Érica, pelo rigor acadêmico e à professora Alba, pela pelo esforço e competência, como coordenadora do curso, em buscar o melhor para os alunos. Sou grata por vocês, com cada um/a consegui evoluir academicamente, enquanto

educadora e pesquisadora. Aprendi ser paciente, rigorosa e esperançosa. À Universidade Estadual do Oeste do Paraná — UNIOESTE, pelo ensejo, da realização da segunda parte do meu sonho, o excelente corpo docente e o acervo marxista. Agradeço à CAPES, por ter concedido a bolsa para a consolidação dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos da graduação, dá vida e do mestrado, essencialmente, a minha amiga de longa data, Maraiza Souza, doze anos de amizade, atravessados pelo ensino médio; graduação; vida após a graduação; adolescência; sonhos; frustrações; comemorações; risos, cervejas, lágrimas, brigas (poucas), conselhos e apoio.

Agradeço a minha parceira acadêmica, da graduação, do debate, das provas, do litro, do diálogo, do riso, da sobrevivência, da luta diária longe de casa, do carinho, da parceria e companheirismo, Michelaine Sabino, obrigada por tudo Miche, sem você parte dessa realização não teria existido, você me ajudou enfrentar os momentos mais difíceis, os meus "monstros" internos, minhas crises existenciais e a minha ansiedade. Ela acreditou em mim quando eu tive dúvidas, ela ajudou a suportar o insuportável, a admirar o admirável e nunca abandonar o campo de batalha. Afinal, *o carrossel nunca para de girar* e quando ele se movimentava, precisamos da nossa pessoa ao lado. Ela atravessou a jornada acadêmica comigo e através do nosso “elo familiar” ou, a famosa consciência de classe, conseguimos encontrar uma na outra, a lealdade da amizade e reconhecer os poucos privilégios que tínhamos, mas, mesmo com tão “pouco,” a gente fez da graduação os melhores momentos de nossas vidas, bastava duas latinhas de cervejas, dois cantinhos nossos, a área da república ao som de Marília Mendonça a alegria estava feita. Portanto, esses momentos estão eternizados na minha trajetória, seja pessoal ou profissional.

Agradeço aos amigos, Eduardo Ferreira, Carlos Rafael, Matheus Barrientos, Leandro Andrade, Layane Angelo, Laiane Vieira, Wesley Shimizu (e a dona Mirian), João Gomes, Jaqueline Alirê, Bruno Silva, Guilherme Batista, Gustavo Costa, Gustavo Guassú, Luigui Guedes, Rafael Barcelos, Gabriel Alves, Victória Marin, Antônio Albano, Lucas Andrade e muitos outros, pela caminhada na graduação, por todas as trocas, os cafés, as festas em casa, o debate, os livros, os momentos apreensivos no processo seletivo do mestrado, obrigada por vocês. A existência de cada um me fez um ser humano melhor, uma pesquisadora melhor, me deu suporte para conseguir seguir adiante. Vocês são peças-chave do meu quebra cabeça/pesquisa. Agradeço às minhas amigas da minha República na graduação, em especial, a Ana e a Renata Grazielle, obrigada por todos os momentos, as trocas e as experiências, ter convivido com vocês me permitiu olhar com mais doçura para outros cursos e compreender o tamanho da nossa potência. Agradeço aos meus amigos da adolescência, Juliana Camelo (e

a Maju), Ariadny Pompeo (e o Théo), Mariana Bonbem, Heloy Ferraz, Guilherme Ferreira, Grazielle Brassica, Luana Barbarotto, Ananda Occ's, Raiane Marson, João Arruda, Amanda Postinguel e Mirian Bompadre (e a Manu). Vocês estiveram comigo em momentos importantíssimos da minha vida, principalmente, quando os meus interesses por História já apareciam no Ensino Médio e ficamos horas conversando sobre política, feminismo e religião. Obrigada por vocês terem mantido a esperança viva. A Juliana, a Mari, a Grazi e a Ariadny, em especial, por serem minhas amigas de alma, minhas confidentes e ter dado todo apoio necessário quando eu estava sem rumo. Agradeço ao José Carvalho e o Valcir Santa, amigos de Araçatuba, tanto me ajudaram e a Maraiza, quando saímos pela primeira vez da casa da família, para tentar ingressar na Universidade, porém, o curso de Direito não vingou.

Agradeço, especialmente, a minha primeira influência pelo curso de História, Renata Boni, obrigada professora, você foi a primeira pessoa a me influenciar para seguir essa área maravilhosa e humana. Agradeço à uma amiga em particular, infelizmente partiu em julho de 2017, a Letícia Silvestre (prima), você foi essencial na minha trajetória, com você aprendi a olhar com uma certa generosidade para vida, com um olhar mais humano, empático e cheio de esperança, sua força me dava força, sua vontade de viver me dava sentido, você morreu lutando e eu sigo o seu exemplo, só vou parar no meu último suspiro de luta, pois, “quem luta, pode perder. Quem não luta, já perdeu.”

Agradeço aos colegas e amigos de Marechal Cândido Rondon, sobretudo, a Daniela Maldaner, a Larissa Gomes, o Andrey Tirone, a Marciele Frohlich, o Jhonatan Vicentini e o Paulo Alexandre. Obrigada pelas noites de vinho, café, debates, feminismo, cultura, teatro e conversas “jogadas” fora ao longo desses dois anos em Marechal, longe da família e dos meus amigos próximos, encontrei em cada um de vocês o meu porto seguro e a minha vontade de continuar. Agradeço aos colegas do mestrado e doutorado, a Karol Gonçalves, Isabel Wendling, João Miranda, Guilherme Nardi, Guilherme Paslauski, Rui Marcos, Maristela Solda, Nilton Batista, Milton Azedo, Osmara Martins, Raphael Dal Pai, a Gislaine e Maria Edi, por ter compartilhado os debates, os cafés, os eventos e a prosas sobre as direitas, Gramsci e todas as disciplinas. Em especial, ao meu amigo e companheiro acadêmico, João, apesar dos pesares, de toda a resistência e discussões teóricas, João foi uma pessoa muito importante para mim, aprendi muito com ele e admiro muito o seu trabalho e a sua trajetória.

Agradeço, ao meu parceiro baiano, Eduardo Pereira, por todas as trocas acadêmicas, as mesas compartilhadas, os debates, as organizações de trabalho acadêmico, o rigor com a pesquisa e com os projetos futuros. Eduardo, me ensina a enxergar esse mundo acadêmico tão duro e rigoroso, com um pouco de leveza e esperança. Coletivamente, organizados pela

emancipação da educação pública/igualitária e da classe trabalhadora. Dedicamos horas de estudos sobre Gramsci para aprender a aplicar o sardo na teoria e prática, em especial, com o nosso grupo de estudos — GEMA-G (Grupo de Estudos Marxista e Gramsciano), o Du, ao longo desses dois anos me dou suporte para querer continuar seguindo a carreira acadêmica, não é fácil ser um/a jovem pesquisador no Brasil, principalmente, quando os ataques a educação são cotidianamente. Obrigada por ter me inserido no grupo de estudos — POLITIZA/Bahia, coordenado pelo professor Carlos Zacarias, com cada um de vocês cresço enquanto intelectual, ser humano e pesquisadora.

Agradeço aos colegas do GEMA-G, Felipe Cruz, Felipe Dexter, Mateus Bernardes, Leno, Roberta Rocha, Gabriel, Amanda, Pedro, Raphael Castello e Osvaldo Falcão. Por cada troca, debates e crescimento acadêmico ao lado de vocês. Vocês são pesquisadores incríveis.

Agradeço enormemente ao meu Partido do PSOL em Marechal, em especial, ao Luciano Palagano, Maicon Palagano, Elisa Koefender, André Kosloski, Luiz Bronstein, Paulo Goehl, Gilberto Calil, Gilberto Benites, Diego Rocha e a Ana Maria Carvalho. Este trabalho é fruto de todas as lutas que travamos juntos, símbolo de resistência e sede de mudança.

*Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez, uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.*

*Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?*

*É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço
Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixar estou perdido!)*

*Dizem-me: come e bebe!
Fica feliz por teres o que tens!
Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?
se o copo de água que eu bebo, faz falta a
quem tem sede?
Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.*

Bertolt Brecht

RESUMO

A proposta desse trabalho buscou analisar o fortalecimento e a estruturação de sujeitos coletivos representativos da chamada “nova direita” no Brasil contemporâneo, tendo por enfoque singular um dos seus mais recentes espaços de poder e hegemonia: trata-se da empresa, “Brasil Paralelo”. Criado em agosto de 2016 – no contexto histórico do Golpe midiático, parlamentar, judiciário e empresarial – tem se tornado um aparelho político-ideológico e educativo “porta-voz” de setores conservadores e de extrema direita no sentido de dar legitimidade “histórica” ao seu projeto político-institucional. Tendo como “principal referência” Olavo de Carvalho e composto por um conjunto de sujeitos e entidades representativas desta nova direita no interior de relações ampliadas do Estado – o Instituto Millenium, Instituto de Estudos Empresariais, Fórum da Liberdade, Instituto Liberal, Instituto Borborema e o Instituto Von Mises Brasil. O Brasil Paralelo apresenta em sua plataforma uma variedade de materiais voltados à produção e disseminação de conteúdos sobre o que entendem ser a “verdadeira” história do país e como ela deve ser apresentada, por parte de grupos da chamada “nova direita” ou extrema-direita. Os referenciais teóricos e metodológicos estão ancorados numa abordagem marxista-gramsciana (e seus comentadores) que articula questões envolvendo Estado, “sociedade civil”, poder e hegemonia às novas configurações político-ideológicas e materiais da sociedade capitalista, com especial atenção nas reflexões de “Brasil Paralelo” enquanto um aparelho privado de hegemonia à serviço de frações burguesas conservadoras, reacionárias e de marcas fascistas no Brasil recente. As fontes utilizadas são provenientes da própria Plataforma (Brasil Paralelo) – vídeos, filmes, entrevistas, cursos, textos e os estudos relacionados à “nova direita” e à extrema-direita. Sendo assim, o nosso objetivo principal consistiu em problematizar a atuação deste aparelho político-ideológico das direitas brasileiras nos rumos do tempo presente no Brasil.

Palavras-Chave: Brasil Paralelo, Direitas, Aparelho Privado de Hegemonia.

ABSTRACT

The proposal of the work sought to analyze the strengthening and structuring of collective subjects representing the so-called “new right” in contemporary Brazil, with a singular focus on one of its most spaces of power and hegemony: it is the company, “Brasil Paralelo”. Created in August 2016 - in the historical context of the media, parliamentary, judicial and business coup - it has become a political-ideological and educational apparatus "spokesperson" for conservative sectors and the far right in order to give "historic" legitimacy to its political-institutional project. Having as its main reference Olavo de Carvalho and composed of a group of subjects and entities representing this new right within the expanded relations of the State - the Millennium Institute, Business Studies Institute, Liberty Forum, Liberal Institute, Borborema Institute and Von Institute Mises Brazil. Brasil Paralelo presents on its platform a variety of materials aimed at the production and dissemination of content on what they understand to be the "true" history of the country and how it should be presented, by groups of the so-called "new right" or extreme. right. The theoretical and methodological references are anchored in a Marxist-Gramscian approach (and its commentators) that articulates issues involving the State, "civil society", power and hegemony to the new political-ideological and material configurations of capitalist society, with special attention to the reflections of " Parallel Brazil “as a private apparatus of hegemony at the service of conservative, reactionary bourgeois fractions and fascist brands in recent Brazil. The sources used are from the Platform (Parallel Brazil) - videos, films, identification, courses, texts and studies related to the "new right" and the extreme right in Brazil. Therefore, our main objective was to discuss the issue of the role of the political-ideological apparatus of the Brazilian right in the direction of the present time in current Brazil.

Key Words: Parallel Brazil, Rights, Private Apparatus of Hegemony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - “Teia” relações do Brasil Paralelo com outras organizações da “Nova Direita” (1983-2016)	76
Figura 2 - Cursos oferecidos pelo Instituto Olavo de Carvalho	83
Figura 3 - Episódios do <i>Congresso Brasil Paralelo</i>	108

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de visualizações no canal do <i>Youtube</i>	75
--	----

QUADROS

Quadro 1 - Membros permanentes	77
Quadro 2 - Núcleo de formação	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB:	AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA
APH:	APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA
BMB:	GRUPO BANCO MUNDIAL
BBM:	SOLUÇÕES DE TRANSPORTE LOGÍSTICA BRASIL E MERCOSUL
BP:	BRASIL PARALELO
CQC:	CUSTE O QUE CUSTAR
EPL:	ESTUDANTES PELA LIBERDADE
ESPM:	ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING
IB:	INSTITUTO BORBOREMA
IEE:	INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS
IL:	INSTITUTO LIBERAL
IOC:	INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO
IMB:	INSTITUTO VON MISES BRASIL
IMIL:	INSTITUTO MILLENIUM
MDB:	MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO
MBL:	MOVIMENTO BRASIL LIVRE
NOVO:	PARTIDO NOVO
PT:	PARTIDO DOS TRABALHADORES
PSDB:	PARTIDO SOCIAL DA DEMOCRACIA BRASILEIRA
PSL:	PARTIDO SOCIAL LIBERAL
SFL:	STUDENTS FOR LIBERTY

Sumário

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1: DIREITAS, ESTADO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	31
1.1. O papel das direitas no Brasil recente: o lugar da “Nova Direita”	31
1.2. O processo de fascistização no Brasil recente	45
CAPÍTULO 2: “BRASIL PARALELO” – UM APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA DA “NOVA DIREITA” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	58
1.1. Brasil Paralelo: origens, formação e desdobramentos	59
1.2. “Fórum da Liberdade”: palco mobilizador das direitas brasileiras	70
1.3. Brasil Paralelo e seus principais “Intelectuais orgânicos”	78
CAPÍTULO 3. BRASIL PARALELO: PRODUÇÃO MATERIAL, FORMAS DE ATUAÇÃO DOCTRINÁRIA E “DISPUTA DE NARRATIVAS”	107
3.1. Mídias e Redes Sociais: para situar o Brasil Paralelo	109
3.2. Brasil Paralelo e as redes sociais: para entender suas “narrativas” (2016-2020)	113
3.3. “1964: o Brasil entre armas e livros”: uma análise sobre revisionismo histórico	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS	135
Livros e artigos	135
Dissertações e Teses	138
Redes sociais:	141
Web jornais:	141
Outras Plataformas:	141
ANEXOS	142
Anexo A - Membros convidados no período de 2016-2019 (em ordem alfabética)	142
Anexo B – Matérias: Documentários e Séries	146
Anexo C – Núcleo de Formação	147

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “*Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: ‘Brasil Paralelo’ e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)*”, buscou refletir e analisar a emergência e a estruturação de sujeitos coletivos representativos de determinadas frações de classe dominante no Brasil recente, com destaque para um dos mais atuantes aparelhos privados de hegemonia burguesa dos últimos anos no Brasil: falamos aqui de “Brasil Paralelo” – nosso objeto de pesquisa.

Num contexto de reinvenção das direitas e a ascensão e fortalecimento de movimentos e grupos de extrema-direita de forte cariz fascista, não apenas em nosso país, mas em vários cantos onde se expande e reproduz a mundialização capitalista, tais sujeitos têm pautado um projeto de sociedade ancorada numa agenda conservadora, reacionária e ultraliberal. Todavia, no Brasil, pode-se dizer que a peculiaridade histórica tem sido atravessada por um “refluxo” reacionário-conservador ocorrido a contar de 2010, em meio ao processo de esgotamento do pacto de conciliação de classes que marcou a “transição pelo alto” rumo à democracia (até a chegada do PT ao poder) e, em particular, aos impactos da crise internacional do capital irrompida em 2008 e os modos de reestruturar seus interesses. Nesse clima de tensões, reorganizações, (res)sentimentos e crises de hegemonia – culminantes com o impeachment de Dilma e o Golpe de 2016 – que “Brasil Paralelo” ganha a cena. Voltaremos a isso.

Diante de tempos difíceis como este em que estamos enredados, com o avanço ostensivo da extrema-direita no Brasil, no final de 2018 procurei o processo seletivo do mestrado da Universidade Estadual de Londrina e outras estaduais do Paraná. Nesta busca, acabei encontrando na *internet* o Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), em particular as linhas de pesquisas. Pude conhecer as três linhas de pesquisas oferecidas pelo programa, mas a Linha “Estado e Poder” me chamou mais a atenção por suas reflexões sobre Estado, poder, hegemonia e classes dominantes. Através dessa motivação, procurei trabalhos de mestrado e doutorado disponíveis, além de rápida pesquisa nas trajetórias dos/as pesquisadores/as por meio de seus Currículos Lattes. Após conversar com os meus professores da graduação de História da UNOESTE (Universidade do Oeste Paulista) de Presidente Prudente/SP, tive a certeza de que gostaria de realizar o processo seletivo do mestrado do PPGH de História da UNIOESTE.

Conheci o meu objeto de pesquisa por indicação de um amigo, historiador e professor, em conversa com o mesmo ele disse sobre um canal que estava ganhando espaço na plataforma do *YouTube* em 2018, e estava fazendo material audiovisual sobre “história”,

principalmente sobre a história do Brasil. Mas a empresa já atuava fazia dois anos, porém, a partir do final daquele ano, começou a ganhar maior visibilidade, e foi nesse mesmo momento que conheci a obra do historiador Flávio Casimiro intitulada “*A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*”. Comprei o livro, comecei a lê-lo com o objetivo de poder compreender ao máximo o que se passava no Brasil e, particularmente, para a construção do projeto de mestrado.

Fui aprovada como aluna regular pelo PPGH de História da UNIOESTE, pela linha de pesquisa Estado e Poder, em março de 2019, com a orientação do professor Rodrigo Ribeiro Paziani. Num primeiro momento, cursei as disciplinas ofertadas pelo programa e, concomitantemente, passei a desenvolver atividades de orientação e pesquisa através de leituras, questões, escrita, debates, eventos e início de seleção de fontes. Prof. Rodrigo é peça central na minha trajetória como pesquisadora, com ele aprendi quais caminhos eu devo seguir na construção da pesquisa histórica, o rigor científico e principalmente, a lidar com dificuldades encontradas ao longo do mestrado (em especial a minha escrita).

A proposta da pesquisa parte das inquietações do tempo presente para buscar explicações no processo histórico a respeito das formas de organização, atuação e difusão político-ideológica da burguesia brasileira por meio de movimentos e grupos das direitas no Brasil após o longo período de “transição democrática”. Esse processo de reorganização das estratégias de ação política das frações burguesas teve como sustentáculo importante a estruturação e a ampliação de aparelhos privados de hegemonia formuladores de projetos e difusores de ideologia. Partimos dos estudos do historiador Flávio Henrique Casimiro acerca deste fenômeno de mobilização e articulação das direitas brasileiras que vigoram e representam uma estratégia de atualização dos mecanismos de dominação de classe no Brasil desde as décadas de 1980 e 1990.

A questão primordial da pesquisa, por conseguinte, busca compreender as formas de atuação e organização da empresa - *Brasil Paralelo* e os intelectuais que o compõem frente ao projeto de caráter neofascista articulado com setores da burguesia brasileira. Neste caso, procuramos identificar seu caráter principal: as principais formas de organização, o funcionamento da empresa, o público-alvo, os principais temas produzidos no campo da produção material, e as relações e parcerias com o Instituto Von Mises Brasil, Instituto Liberal, Instituto de Estudos Empresariais, Instituto Millenium e, em particular, o Fórum da Liberdade. Em nosso entendimento, essas organizações atuam no sentido doutrinário – de difusão do pensamento liberal e recrutamento de intelectuais orgânicos – alicerçada em um projeto de poder, desenvolvendo estratégias por meio de relações ampliadas do Estado.

A questão em especial é propositalmente abrangente, por isso, analisamos o nosso objeto em uma série de frentes específicas, levando em conta:

- O papel das direitas brasileiras a partir das décadas de 1980 e 1990.
- A atuação e a organização dos aparelhos privados de hegemonia de ação doutrinária no Brasil contemporâneo.
- A constituição da internet e das redes sociais e suas interfaces com o poder e a hegemonia burguesa;
- O avanço do processo neofascista no Brasil recente.

Estes apontamentos remetem-nos a uma questão fundamental de ordem teórica: a reflexão sobre a relação entre sociedade civil e Estado no capitalismo. Partiremos dos conceitos de Estado ampliado, considerando as noções interdependentes de sociedade civil e sociedade política, assim como os conceitos de intelectuais, ideologia, hegemonia, aparelho privado de hegemonia, partido e fascismo. Diante disso, utilizamos como ferramenta metodológica o arcabouço teórico da tradição marxista tão lucidamente implementada pelo sardo Antonio Gramsci, em seu instrumental conceitual complexo e que tão habilmente compreende o movimento no interior das relações sociais e, particularmente, de um grupo de comentadores e intérpretes do marxista sardo (DREIFUSS, 1989; LIGUORI, 2006; FONTES, 2007/2010; COUTINHO, 2007; BIANCHI, 2008; MENDONÇA, 2014; LIGUORI & VOZA, 2017; CASIMIRO, 2018/2020).

A construção da dominação e direção e a garantia de hegemonia, exige uma atualização constante das estratégias de produção de consenso, onde o custo político e social da manutenção prolongadas de poder pode trazer tensões, muitas vezes perigosas do ponto de vista da legitimidade do poder e, por outro, em certa medida podem dificultar a própria reprodução ampliada da acumulação capitalista. Esse processo ocorreu a partir da redemocratização do Brasil, sendo conduzido e articulado por distintas frações de classe burguesa a fim de manter os seus interesses e construir estruturação de domínio burguês – o que nos remete, portanto, a um debate sobre a “sociedade civil” e a sua relação (ampla) com o Estado.

Na análise gramsciana, porém, a categoria de “sociedade civil” está dialeticamente com sociedade política na concepção de Estado integral. A separação entre as duas instâncias ocorre de duas maneiras: de um lado, na perspectiva liberal, que tende a superdimensionar o

lugar ocupado pela “sociedade civil” (sociedade dos “indivíduos”), e, de outro, ao qual concordamos e que encontra guarida nas reflexões de Gramsci, consiste numa operação de natureza metodológica visto que entre Estado e sociedade inexiste “uma separação rígida entre economia, política e sociedade. Estado e sociedade não são realidades autônomas”¹, sem deixar de ver que o Estado precisa ser compreendido “em seu sentido orgânico e mais amplo como o conjunto formado pela sociedade política e sociedade civil [Estado integral]”.²

Temos a articulação e/ou indeterminação entre infraestrutura e superestrutura, onde se inicia o poder político, que se funda com o exercício do poder de classe, em que sociedade política e sociedade civil são complementares e devem ser observadas a partir de processos históricos concretos. Como afirma Virgínia Fontes:

Em Gramsci a sociedade civil não pode ser seccionada ou amputada da totalidade na qual emerge: responde a uma extensão da socialização do processo produtivo, mas não atua apenas nos espaços produtivos. Compõe-se de aparelhos privados de hegemonia que, ao mesmo tempo em que procuram diluir as lutas de classes, expressam e evidenciam sua difusão e generalização no conjunto da vida social. A sociedade civil, para Gramsci, é parte integrante do Estado e somente por razões analíticas pode ser destacada.³

Ou ainda nas palavras de Sônia Mendonça:

A partir dessas questões, começam a se delinear os contornos do conceito gramsciano de Estado, o qual, diferentemente de Lênin, por exemplo, é entendido em sua acepção mais ampla e orgânica, como o conjunto formado pela sociedade política e a sociedade civil, resultando no que Gramsci denomina de “Estado Integral”, ou Estado Ampliado, como o querem alguns estudiosos de sua obra, como por exemplo, Christine Buci-Glucksmann (1980). Ainda assim, muitos temem os desdobramentos da noção de “Estado Ampliado”, uma vez que o esquema simplificado segundo o qual Estado corresponde à coerção e a sociedade civil à hegemonia, reduz, em muito, a complexidade da análise gramsciana (Liguori, 2006) onde inexiste uma rigorosa divisão entre ambas as esferas [...]

O conceito de Estado ampliado permite verificar a estreita correlação existente entre as formas de organização das vontades (singulares e, sobretudo, coletivas), a ação e a própria consciência sociedade civil – sempre enraizadas na vida socioeconômica – e as instituições específicas do Estado em sua acepção restrita (sociedade política). Gramsci supera o dualismo das análises que separavam e contrapunham a base à superestrutura, integrando sociedade política e sociedade civil numa só totalidade, em constante interação, no âmbito do que ele considerava as superestruturas.⁴

Mergulhamos no desafio de compreender os movimentos oriundos da sociedade civil e da sociedade política, compreendendo que se articulam dialeticamente, também

¹ LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo. 2017, p. 5.

² BIANCHI, Alvaro. **O Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política**. Porto Alegre: 2ª Ed. Editora Zouk, 2018, p. 176.

³ FONTES, Virgínia. **O Brasil e o Capital- Imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

⁴ MENDONÇA, Sônia Regina de. **O Estado Ampliado como ferramenta metodológica**. In: Marx e Marxismo. Publicação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Marx e Marxismo, v. 2, n. 2, Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014, p. 34.

correlacionados à dimensão estrutural. O conceito de Estado integral, permite verificar a estreita correlação existente entre as formas de organização das vontades (singulares e, sobretudo, coletivas), a ação e a própria consciência sociedade civil – sempre enraizadas na vida socioeconômica – e as instituições específicas do Estado em sua acepção restrita (sociedade política). Gramsci supera o dualismo das análises que separavam e contrapunham a base à superestrutura, integrando sociedade política e sociedade civil numa só totalidade, em constante interação, no âmbito do que ele considerava as superestruturas.⁵

É neste campo que o presente estudo se debruçou, a partir da concepção de Estado integral de Gramsci e do papel edificante do poder pelos organismos atuantes na sociedade civil é que adentramos na discussão – de fundamental importância para o nosso objeto de pesquisa (Brasil Paralelo) – sobre as formas de organização das direitas brasileiras, em seus aparelhos de atuação política e ideológica ou como chamou Gramsci, os “*aparelhos privados de hegemonia*”.

Carlos Nelson Coutinho definiu esses aparelhos como organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política, porém articulados a esta, no sentido da edificação da dominação. Nessa matriz, não há hegemonia, ou direção política e ideológica, sem o conjunto de organizações materiais que compõem a “sociedade civil”.⁶ A reprodução do capital necessita de atores e intelectuais coletivos que, em níveis diferenciados, agem nos debates políticos e sociais, e, por conseguinte, a hegemonia pressupõe a luta de classes, ou seja, ela é historicamente construída e cotidianamente defendida.

De acordo com Gramsci, “o Estado tem e pede o consenso, mas também ‘educa’ este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente”⁷ – caso de escolas, igrejas, imprensa, partidos etc. Trata-se, portanto, de um conceito de Estado que engloba tanto a sociedade civil quanto a sociedade política, assinalado pelo marxista sardo através de conhecida assertiva: “[...] na noção geral de Estado [integral] entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política +

⁵ Idem.

⁶ COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: 3ª edição: Civilização Brasileira, 2007.

⁷ GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. V. 3. Maquiavel**. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p, 119.

sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção)”.⁸ Assim, força e coerção, as duas metades do Centauro maquiaveliano, são as frentes de ação do Estado integral através dos seus respectivos “aparelhos”, organizados no interior da sociedade civil e do Estado *stricto sensu*.

Em concordância com Fontes, as décadas de 1970 e 1980 foram especialmente ricas no que concerne “à constituição de organizações, tanto de base empresarial quanto sindicais e populares, que enfrentavam em sua multiplicidade a seletividade repressiva dominante”.⁹ No entanto, segundo Fontes e segundo Casimiro, entendem que as frações burguesas no país neste mesmo período apresentaram-se como “sociedade civil” no sentido liberal, contrapondo-se ao Estado, não apenas como uma forma de disputar a hegemonia na “transição” com os partidos e movimentos de esquerda e de representação classista (que, em “comum”, criticavam a ditadura), mas, astutamente, para buscar avidamente um modo de reconfigurar suas formas organizativas e de atuação dentro e fora do Estado (amplo).

Neste sentido, o Estado “redemocratizado” brasileiro teria um papel decisivo menos na inclusão de pautas progressistas e populares, mais no papel de reprodução dos poderes de uma determinada fração da classe burguesa e, portanto, de sua legitimação em sua natureza dúplice: coerção/consenso, direção e dominação.¹⁰ A representação político-partidária dos segmentos da direita liberal-conservadora – muitas vezes, agressiva na defesa de seus pressupostos e de sua atuação política – configurou-se em andamento como um processo gestado e em curso na “transição”, com o surgimento de estratégias e táticas de organização que ganharam materialização por meio dos aparelhos privados da burguesia na integração crescente com o próprio Estado.

Diante do exposto, destacamos alguns dos processos que dialeticamente conectados possibilitam a produção de consenso para a atuação hegemônica da classe dominante, assim como a ascensão do projeto da chamada “nova direita” no Brasil contemporâneo. Portanto, torna-se fundamental, por um lado, compreender a estruturação ao conjunto de frações da burguesia brasileira até os dias atuais. Por outro, buscaremos entender esse fenômeno como um processo histórico que vem sendo construído por instituições, agentes e contradições do próprio movimento do capital. No primeiro momento, optamos por realizar a apresentação

⁸ GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. V. 3. Maquiavel.** Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 244.

⁹ FONTES, Op. Cit. 2010.

¹⁰ Ibidem.

dos aspectos teóricos metodológicos, escolhidos para compor essa pesquisa, apresentando o léxico gramsciano e os seus comentadores.

No que tange às fontes documentais, tão caras nesta pesquisa, começamos por uma questão-chave do nosso tempo presente: como pensar os usos das fontes digitais na produção do conhecimento histórico em tempo de *Fake News*? Segundo Fábio Chang de Almeida, “durante séculos, a historiografia baseou suas regras de validação de fontes e metodologia de análise em um suporte documental específico: o papel.”¹¹ No final do século XIX, influenciados pela corrente positivista, o historiador deveria trabalhar, sobretudo, com documentos oficiais. O historiador tinha algumas etapas para avançar na produção do conhecimento histórico.

Na sua tese de doutorado, Chang levantou algumas hipóteses para avançar na interface entre fontes digitais e a história do tempo presente. A primeira, de caráter histórico, apontou que o tradicionalismo historiográfico pautado em documentos escritos tendo o papel como suporte. Por isso, segundo ele, “o impacto das novas tecnologias da informação sobre as atividades dos pesquisadores em Ciências Humanas ainda não foi totalmente assimilado”¹². A segunda dificuldade apontada pelo autor é sobre os trabalhos iniciais teórico-metodológicos a respeito dessas fontes. Por ser um campo novo e pouco explorado, há uma série de limitações para lidar com essa nova demanda.

Com o avanço da internet e redes sociais, a possibilidade de trabalhar com fontes digitais tornou-se menos distante e mais acessível. Os documentos digitais têm como característica a dissociação entre o suporte físico e o seu conteúdo informacional. Ou seja, é possível o descarte do suporte físico e a manutenção de seu conteúdo em um novo suporte. Com a evolução extremamente rápida, a tecnologia informática torna os suportes físicos de informação obsoletos em um curto espaço de tempo. O que pode se tornar um problema, em virtude de formas de “perda” ou “apagamento” (deliberado, inclusive) de fontes de informação no mundo virtual. Segundo Fábio Chang:

O primeiro tipo de fontes digitais utilizadas em uma pesquisa histórica diz respeito às fontes “não-primárias” digitais, que por sua vez correspondem aos documentos “não primários” digitais. A Internet oferece uma quantidade imensa de informação combinada com uma facilidade de acesso inexistente há apenas quinze ou vinte anos atrás. Basta digitar uma URL para que o navegador nos transporte a um universo de textos e imagens sobre os mais diversos assuntos. Entretanto, muitos sites

¹¹ ALMEIDA, Fábio Chang de. **A Direita Radical no Portugal democrático: Os rumos após a Revolução dos Cravos (1974-2012)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014, p. 36.

¹² Idem.

apresentam-se sob uma formatação aparentemente acadêmica, quando na verdade não representam o fruto de verdadeiro trabalho científico. Apesar de ser facilmente encontrado através de mecanismos de busca como o Google, grande parte do material existente na Internet não possui qualidade e contém erros grosseiros. Em outros casos, apesar de apresentarem-se como o trabalho de especialistas, os textos encontrados na rede refletem apenas a opinião altamente ideológica de seus autores. Isso quando é possível identificar os autores. Ao contrário de um livro ou uma revista impressa em papel, na Internet muitas vezes é mais difícil avaliar a autoria e procedência do material.¹³

Nos últimos anos, é possível afirmar a existência de aumento no número de pesquisas históricas ancoradas em fontes digitais, visto que trabalhar com essa fonte requer metodologia específica sobre banco de dados, formas de armazenamento, buscas em sítios eletrônicos e, o principal, salvaguarda e usos das fontes. Além disso, como indica o historiador Caldeira Neto: “as fontes digitais precisam ser divididas em três momentos: o primeiro, encontrar o material, o segundo passo, analisar o material por meio da hipertextualidade e conectividade e o terceiro e o último, catalogar e organizar”.¹⁴

Por outro lado, essa dimensão tem revelado o grande interesse de historiadores e historiadoras do “tempo presente” – especialmente, os de formação marxista – em estudar as relações entre mídias, poder, hegemonia e aparelhos privados ligados a setores da burguesia e do capitalismo no Brasil das últimas duas décadas através do uso e análise de fontes históricas digitais (sites, blogs, canais, plataformas etc.), incluindo o recente debate sobre fascismo/neofascismo no país¹⁵. Tais pesquisas contribuem para que entendamos o processo de reorganização e fortalecimento das “direitas” (nas ruas e redes) no sentido da totalidade histórica reivindicada desde Marx e vários intelectuais marxistas, como Gramsci.

Para a análise das fontes, alguns caminhos metodológicos foram definidos. Primeiramente selecionamos as principais produções audiovisuais do B.P. publicadas no canal do *Youtube* da empresa. “Congresso Brasil Paralelo, “Brasil a Última Cruzada”, 1964: O Brasil entre armas e livros e o “Pátria Educadora”. Realizamos uma breve análise sobre esses documentários, principalmente, “1964: o Brasil entre armas e livros”, as entrevistas dos

¹³ Ibidem, p. 37-38.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7WwZPLoX8>. “É possível uma história digital da extrema direita brasileira?” Acesso em: 25/08/2021.

¹⁵ Para saber mais: PATSCHIKI, Lucas. Os litores da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROCHA, Camila. “Menos Marx, Mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

CALIL, G. Gilberto. “O Integralismo no Processo Político Brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa.” Tese (Doutorado em História). Niterói e Marechal Cândido Rondon. Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Pós-Graduação em História - UFF/UNIOESTE, 2005.

“membros permanentes” do B.P. foram de suma importância para compreender a trajetória de cada membro que participou do B.P. entre 2016-2020, utilizamos as entrevistas dos membros para traçar um paralelo da atuação do B.P. com outras organizações da “nova direita”.

No Capítulo I, intitulado *“Direitas, Estado e Lutas de classes no Brasil Contemporâneo”*, destacamos o papel das direitas brasileiras na década de 1980 e 1990, até o momento atual. Torna-se fundamental a compreensão do que ocorreu internamente ao conjunto das frações da burguesia brasileira no contexto pós-1988 – à luz, por exemplo, da discussão o livro *“O Jogo da Direita”* de René Dreifuss (1989) – que vão culminar nos últimos anos com o (suposto) aparecimento de uma “nova direita”, conceito que emergiu nos debates acadêmicos depois das Jornadas de Junho de 2013.

No primeiro subtópico, visamos refletir sobre o "lugar" da “nova direita” no Brasil recente, com ênfase nas pesquisas de Camila Rocha intitulada: *“Menos Marx, Mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira' (2006-2018)”* e de Flávio Casimiro, *“A Nova Direita: Aparelhos de ação política e ideológica no Brasil Contemporâneo”*. Ambas as teses foram essenciais para compreender esse lugar da chamada “nova direita” e qual contexto histórico “nasce” esse fenômeno. No segundo subtópico, dedicamos a reflexão s pautando-nos em algumas obras de referência (PAXTON, 2007; KONDER, 2009; MATTOS, 2020), com o objetivo de compreender e analisar suas possíveis reverberações (ou ressignificações) em nosso tempo presente e, em particular, no Brasil contemporâneo, onde buscaremos apresentar algumas linhas sobre o tema para a discussão, com o objetivo de pensar o processo de fascistização no Brasil recente, buscando destacar os principais grupos desse fenômeno e principalmente, pensar o Governo Bolsonaro em três frentes principais: ideologia, movimento e governo.

Para iniciar uma discussão sobre a ascensão da “nova direita”/extrema direita e do neofascismo no Brasil contemporâneo nos últimos anos, é preciso ter em vista o caráter histórico desse processo. A construção e atualização da hegemonia dos segmentos das direitas brasileiras deve ser observada, pelo menos, a partir das últimas três décadas. Em nosso entender, levantamos a hipótese central de que o Brasil Paralelo faz parte deste projeto em curso.

No II subtópico, tentamos compreender o processo de fascistização no Brasil recente. Diante disso, procuramos compreender o bolsonarismo em três frentes específicas. O bolsonarismo como ideologia. O movimento bolsonarista, as organizações políticas e o governo Bolsonaro e suas políticas. Essa ascensão de grupos/movimentos de caráter reacionário-conservador não é um movimento isolado, entendemos que essa “ofensiva” onda

reacionária já estava em curso a contar da virada dos anos 2000, organizando-se em Fóruns, Imprensa, Institutos, Think Tanks, Redes Sociais No Brasil esse "refluxo" reacionário-conservador ganhou notoriedade, em 2014, depois da reeleição de Dilma Rousseff e conseguiu alcançar o poder, em 2018, com Jair Bolsonaro.

No capítulo II, por sua vez, destaca-se o papel do Brasil Paralelo, nessa parte da pesquisa fizemos uma breve discussão da categoria gramsciana de APH (*Aparelho Privado de Hegemonia*). Buscamos destacar as origens da empresa, contexto, formação, desdobramentos, principais intelectuais, organização, formas de atuação doutrinária/disseminação de consenso.

À contar do subtópico “Brasil Paralelo: origens, formação e desdobramentos”, nossa intenção foi apresentar como surgiu e se desenvolveu Brasil Paralelo e os seus espaços de atuação, a fim de identificar as suas formas organizativas e a sua dinâmica de atuação coletiva articulado a outros APHs, formando com eles uma de “*teia*” que pretende ampliar e fortalecer o seu projeto “educativo/doutrinário”. Já no outro subtópico, intitulado “*Brasil Paralelo e os seus intelectuais orgânicos*”, pretendemos discutir introdutoriamente através do Caderno do cárcere do sardo teórico Antonio Gramsci, o papel dos intelectuais, em especial o papel dos intelectuais do Brasil Paralelo. Com o objetivo de compreender a função dos intelectuais mais atuantes dentro e fora do Brasil Paralelo, para isso, tivemos que buscar abranger toda a trajetória pública desses intelectuais.

Por fim, no capítulo III, destacamos as principais produções do B.P, o papel da mídia e das redes sociais e também realizamos uma análise detalhada do filme 1964: O Brasil entre armas e livros. O nosso objetivo foi compreender quais caminhos e de qual forma a ciência histórica está sendo disputada por parte da “nova direita”. Por isso, para compreender esse processo de ascensão da “nova direita” e de movimentos autoritários brasileiro, precisamos desdobrar e entender o “lugar” da “nova direita”, os seus principais sujeitos, o contexto de ascensão desses grupos, seu caráter ideológico, formas de organização e atuação.

CAPÍTULO 1:

DIREITAS, ESTADO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

1.1.O papel das direitas no Brasil recente: o lugar da “Nova Direita”

Nos últimos anos, temos acompanhado o intenso e ofensivo avanço das direitas – de formas muito diversas, porém articuladas – no capitalismo como expressão da dinâmica da luta de classes no Brasil (e no exterior) em um contexto histórico marcado pela hegemonia burguesa, de cariz ultraliberal e autocrático, que tem colocado em risco concreto as conquistas de foro democrático. Senão, vejamos:

- Discursos de ódio a alimentar atos de violência dirigidos explicitamente contra mulheres, negros, indígenas e trabalhadores sem-terra/sem teto;
- Disseminação de visões de mundo ultra conservadoras e reacionárias no terreno social, político, econômico, cultural e educacional (Escola sem Partido, igrejas neopentecostais, grupos armamentistas);
- Perseguição à professores e professoras engajados com a dimensão crítica da história, da educação laica, pública e gratuita e da sociedade capitalista;
- Ascensão, fortalecimento e difusão tanto do revisionismo histórico, quanto do negacionismo científico;
- Ciranda privatista e financeirizada do Estado e a exaltação exacerbada do “deus mercado”;
- “Derretimento” ostensivo do patrimônio público estatal (ambiental, social, educacional) e destruição de direitos (trabalhistas, previdenciários) conquistados a duras penas pela classe trabalhadora;

Dentre tantos ataques frontais ao – restritivo e combalido – Estado democrático. Neste capítulo, iremos apontar e problematizar alguns elementos importantes de caracterização, identificação e reflexão no sentido de analisar quais são, no Brasil recente, os modos de organização e as estratégias de atuação e as lutas das direitas no sentido de garantir, reproduzir e atualizar sua dominação (isto é, a dominação burguesa).

Nesse sentido, importante destacar as marcantes manifestações que levaram centenas de milhares de brasileiros às ruas nas principais cidades a partir dos meses de março e abril de 2015, posto que foram elas que trouxeram à luz o ativismo de certos tipos de atores sociais, que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública. Se comparadas com

as jornadas de junho de 2013, tais manifestações revelaram a presença dominante de perfil conservador, articuladas em torno da defesa do afastamento da Dilma Rousseff e de um seletivo “combate à corrupção” levado a cabo pela “Lava Jato” e seu “justiceiro-mor”, o então juiz Sérgio Moro, tendo como alvo principal o PT (Partido dos Trabalhadores).

Mas não nos apressemos. Se é certo que a contar de 2015 uma “nova direita” ganhou destaque em diferentes espaços e por diferentes meios, principalmente através das redes sociais, nas ruas e pela ampla atuação de aparelhos privados de hegemonia, não menos significativo é o entendimento de Flávio Casimiro de que uma reconfiguração político-ideológica de tal direita “renovada” vem se organizando e se articulando desde os anos 1980 e 1990 em diante. Voltaremos mais à frente. Por outro lado, não podemos nos furtar – mesmo que de maneira breve – ao trabalho de questionamento dos governos petistas (Lula e Dilma) no sentido de que realizaram políticas sociais de natureza compensatória voltadas, sobretudo, a mitigação da desigualdades e de uma relativa dinamização do mercado de consumo, mas ao custo de produzir uma política de “conciliação de classes” feita de alianças e articulações com setores conservadores e reacionários das classes dominantes (agronegócio, latifundiários, FIESP, FIRJAN etc.) e a promessa de que seus governos estariam de total acordo com os projetos e objetivos do capital financeiro.¹⁶ Ou seja, o próprio partido, então “dos trabalhadores”, consolidou uma trajetória, iniciada nos anos 90, de ser uma “esquerda para o capital”.¹⁷

Tais processos, indissociáveis da dinâmica histórica da luta de classes no Brasil contemporâneo, desembocaram num percurso errático marcado por contradições e, especialmente, pelo fortalecimento de movimentos e grupos “renovados” (ou, melhor, reconfigurados) das “direitas” no país, embora ainda alicerçados numa certa proeminência política do PSDB. Segundo Luís Felipe Miguel:

Os petistas testemunharam, assim, dois fenômenos paralelos: o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita; e à direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso. Mas o uso de direita, no singular, precisa ser relativizado. O que há é a confluência de grupos diversos, todos conservadores ou reacionários, com divergências doutrinárias, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela

¹⁶ DEMIER, Felipe. **Depois do golpe: a dialética da *democracia blindada* no Brasil.** Mauad-X: Rio de Janeiro, 2017.

¹⁷ Na obra o autor detecta e analisa as mudanças capilares que terminaram por configurar o novo projeto político dos petistas e, com isso, permite compreender o sentido geral do movimento que os transformou na ala esquerda do “partido orgânico do capital”. A mudança de projeto é pensada como expressão de uma transformação muito mais profunda, incidente sobre a práxis dos sujeitos e sua relação com a luta de classes. É a face mais visível da mudança que afetou os próprios sujeitos: o transformismo. As sólidas evidências documentais apresentadas na obra comprovam que essa reviravolta ocorreu muito antes da eleição de Lula à Presidência, em 2002. COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital - o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998).** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

percepção de um inimigo comum. Os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o chamado libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo.¹⁸

Segundo o historiador Badaró, "pode-se dizer que a crise é a chave para entender os últimos anos da política brasileira. Melhor ainda se falar em *crises*, no plural."¹⁹ Em tal caso, os governos petistas (Dilma) chegaram a 2013 em situação de crise, não apenas interna, como também externa (os impactos posteriores da crise financeira de 2008).

Desde 2008, a economia capitalista, mundialmente, vive um processo de depressão violenta, do qual se recuperou parcialmente em algumas partes do mundo. No caso brasileiro o país sofreu um impacto imediato da crise, com queda brusca na taxa de crescimento econômico no ano de 2009, mas conseguiu se recuperar em partes, em grande medida por conta do fluxo comercial com a China, que se tornou o principal parceiro comercial no século XXI. O incentivo ao mercado interno, pela via de um crescimento real do salário mínimo, políticas sociais focalizadas (e endividamento) das famílias e subsídios a determinados setores do capital também foram relevantes. Tais mecanismos compensatórios foram perdendo força pouco a pouco e, a partir de 2014, os indicadores econômicos começaram a apresentar problemas, manifestando que os impactos da crise econômica se fariam a sentir de forma mais intensa no período seguinte. “Esse aprofundamento da crise representou fortes abalos nas bases de sustentação social do governo, então exercido, no plano federal, por Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores”.²⁰

Porém, a perda de sustentação política do Partido dos Trabalhadores, no entanto, já havia começado antes mesmo do agravamento da crise do capitalismo no Brasil. Em junho de 2013, a partir das manifestações populares contra o aumento dos preços das passagens de transporte urbano, reivindicaram melhores bens públicos e se colocaram contra os abusos corporativos e a violência de Estado praticada em função da Copa do Mundo que aconteceria em 2014. “Os protestos, em última instância, eram por mais democracia e contra o neoliberalismo.”²¹

Existem muitas interpretações em disputa sobre esse momento da história do Brasil recente. Em vista disso, partimos da antropóloga Rosana Pinheiro Machado, do historiador

¹⁸ MIGUEL, Luis F. **O colapso da democracia no Brasil**: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 94.

¹⁹ BADARÓ, Marcelo. **Governo Bolsonaro**: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020, p. 147.

²⁰ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 148.

²¹ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019, p. 33.

Gilberto Calil e o historiador Marcelo Badaró a fim de pensar Junho de 2013 como manifestações populares e, portanto, bastante diferentes dos protestos pró-impeachment que começaram em 2014, os quais foram arquitetados por um projeto de frações de classes conservadora e reacionária. De acordo com Pinheiro Machado:

As Jornadas de Junho como uma continuidade histórica das lutas anarquistas e autonomistas da virada do século XX no mundo todo e, sobretudo, dos protestos pelo transporte público que vinham acontecendo no Brasil, com a Revolta do Buzu, que ocorrerá em Salvador contra o reajuste da passagem em 2003.

Um olhar mais generoso sobre Junho de 2013 requer entendê-lo, de fato, como *jornadas*, como um processo que não começou e nem terminou em um dia. Para tanto, precisamos descentralizar a narrativa, retirando o foco de São Paulo. Apesar da inegável importância pragmática e simbólica da cidade, em função da multidão que reuniu e da repercussão que angariou, é fundamental olhar para o que ocorreu noutras capitais. Isso ajuda a não cair nas falsas armadilhas de pensar as manifestações como uma grande revelação, uma marcha sem foco, um monstro disforme que reúne multidões festivas e despolitizadas.²²

De acordo com a interpretação do historiador Badaró sobre as Jornadas de Junho de 2013:

Tentamos entender melhor junho de 2013. É fato que o perfil de seus participantes, dimensionado por um pequeno número de levantamento realizado por institutos de pesquisa de opinião, cujos os critérios de estratificação dos entrevistados são questionáveis, revela uma composição social heterogênea. No entanto, revela também uma clara predominância de manifestantes nas faixas de rendimento entre 0 a 5 salários mínimos e nas faixas etárias mais jovens. Indo um pouco além das aparências dos acontecimentos, podemos perceber que, apesar de terem sido palco para todo o tipo de de propostas, inclusive algumas de teor claramente reacionário, aquelas manifestações apresentaram grandes demandas que permaneceram em pauta ao longo do processo - pela redução do preço e melhoria da qualidade do transporte coletivo, contra a violência policial, contra a corporações empresariais de mídia, em defesa da saúde e da educação - e possuíram um claro perfil de classe.²³

Agrupando essas duas reflexões, dentro dos marcos da nova conjuntura aberta pelas jornadas de junho, temos não apenas a configuração do quadro propriamente político mais recente no Brasil, como também permite-nos levar em consideração a situação inaugurada em meados de 2013 até a polarização que marcou as eleições de 2014.²⁴

De 2014 a 2016, podemos dizer que ganhou força, no interior de frações burguesas, um novo jogo entre as forças de uma direita “arcaizante” (espólio da ditadura) e uma direita

²² PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 33.

²³ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 148-149.

²⁴ Vale dizer que, desde 1994, as disputas eleitorais vinham se dando entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que culminaram em 2002 com a vitória de Lula da Silva e do PT. No entanto, foi nas eleições de 2014, em que novamente a disputa ocorreu entre PT (Dilma Rousseff) e PSDB (Aécio Neves), que ganhou terreno e materialidade o discurso (ideológico) da “polarização” no campo

mais radicalizada – até que a segunda “conquiste” a primeira – para retirar o PT do poder num grande acordo nacional. A crise política já estava instaurada, e a crise econômica chegou em seguida para coroar a razão golpista. Segundo a cientista política Camila Rocha:

Mas foi apenas a partir da reeleição de Dilma Rousseff em 2014, que a nova direita começou a se materializar de fato a partir do primeiro protesto pró-impeachment, organizado logo após o anúncio da vitória da petista. Logo após o primeiro pico de mobilização atingido pela Campanha Pró-Impeachment, em março de 2015, jovens e militantes até então desconhecidos, oriundos do contra-públicos digitais, passaram a angariar influência junto a públicos dominantes e, em nas eleições de 2016 alguns militantes se candidataram a cargos legislativos. Neste momento o fenômeno da direita envergonhada passou a ser algo do passado, no entanto, a nova direita em formação ainda continuava ser constituída por diferentes forças políticas que haviam se unificado sob um único projeto, o que ocorria apenas a partir das eleições de 2018, quando formou-se uma frente ampla, ultraliberal-conservadora, em torno da campanha à presidência de Jair Bolsonaro.

Diante disso, o desgaste petista, as crises e a sua relação direta com grupos da classe dominante ajudaram a ampliar o projeto alinhado às frações burguesas mais reacionárias, ultraliberais e autocráticas de destronar o “reinado” do Partido dos Trabalhadores (PT). Sendo assim, a partir de 2014 em especial após-reeleição de Dilma Rousseff, teve um entendimento de que existem novas formas organizativas e de atuação político-ideológica das direitas no Brasil, tanto nas ruas, quanto nas redes sociais – o que veio a ser denominado de “nova direita” (ALEXANDRE, 2017; DAL PAI, 2017; ROCHA, 2018; CASIMIRO, 2018; SOLANO & ROCHA, 2019). Essa “nova direita”, composta em sua maioria por jovens, de natureza reacionária e adepta do anticomunismo, tais como o “Revoltados Online”²⁵ e “Movimento Brasil Livre”²⁶ (MBL) – dirigidas politicamente pela oposição de direita, sob às coordenadas

político/partidário – especialmente com o questionamento, na época, do resultado das urnas pelo PSDB, chancelado pelas entidades representativas do capital no país (FIESP, FIRJAN) e ovacionado pela mídia corporativa/empresarial.

²⁵ De acordo com o historiador Matheus Henrique Marques Sussai, “Revoltados ON LINE”, é uma comunidade virtual fundada no dia 01 de agosto de 2010, que se objetiva criticar e se manifestar contra o governo federal do Brasil. É importante lembrar que no ano de 2010, aconteceram as eleições presidenciais, que resultaram na continuação do Partido dos Trabalhadores com um novo representante na presidência do país. Desde o seu início, a comunidade virtual usa de suas publicações para demonstrar a sua oposição ao Partido dos Trabalhadores e as suas ações enquanto partido que atua na presidência do país. A comunidade virtual apresentava 1.141.707 “curtidas” no dia 17 de novembro de 2015, número notadamente diferente do que vimos na introdução deste texto (1.648.074). Vemos como que em menos de um ano (novembro de 2015 a maio de 2016), o número de pessoas, que já era alto no primeiro momento marcado, subiu significativamente. **“Revoltados Online” e as Manifestações contra o Governo Federal Brasileiro:** notas iniciais de uma pesquisa. Apresentação de comunicação realizada no XI - Seminário de Pesquisa e Ciências Humanas - SEPECH - *Humanidades, Estado e desafios didáticos-científicos*, Londrina, 27 a 29 de julho de 2016.

²⁶ Criado em 2014 o MBL (Movimento Brasil Livre), segundo o historiador Demian Melo, do dito e do que temos assistido nos últimos anos, apreende-se uma dinâmica na qual a iniciativa do EPL, o MBL, se autonomizou, passando a ser aquilo que desde a origem pretendeu-se criar com a abertura da franquias do Students for Liberty no Brasil em 2012. Interessa também apontar o fato de que a necessidade de criar a marca fantasia MBL inscrevia-se numa estratégia delineada desde o início, a saber, a de que o movimento pudesse gerar quadros

do PSDB – emergiram depois de junho de 2013 e afloraram com toda força nas manifestações de março e abril de 2015.

O uso das cores verde e amarelo da camiseta da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) representou os “figurões” da bizarrice daquele panorama atual: ali presente estavam as viúvas da ditadura civil-militar-empresarial e os jovens de classe média (em sua maioria brancos) protestando a fim de banir do país “toda a sujeira do Partido dos Trabalhadores” ou do perigo “comunista”. O ano de 2014 marcou o avanço das direitas radicais brasileiras. A tragédia foi anunciada. Segundo a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado:

Celso Russomanno (PRB) e o pastor Marco Feliciano (PSC) foram os deputados mais bem votados em São Paulo, e o Rio de Janeiro escolheu Jair Bolsonaro (PP) em primeiro lugar. O deputado mais votado no Rio Grande do Sul naquele ano, Luis Carlos Heinze (PP), declarou que quilombolas, índios, gays e lésbicas são “tudo que não presta”. A guinada conservadora já estava em curso, desenhada e pronta para eclodir. É comum que se responsabiliza as Jornadas de Junho de 2013 por tudo que aconteceu no Brasil, mas, como já apontei no capítulo “A Revolta dos 20 Centavos”, esse é um argumento que não ajuda a compreender o fenômeno de rearticulação das direitas nacionais e globais, que vêm conquistando corações e mentes desde a virada do milênio.²⁷

A partir desse cenário, entre 2014 e 2016, surgiu a ideia da criação de outro aparelho privado de hegemonia em prol dos interesses dessas direitas radicais brasileiras disfarçadas de liberalismo. A (empresa) Brasil Paralelo, criado através de três jovens gaúchos de classe média, indignados com o cenário naquele momento e ressentidos com o Governo petista, que coadunam com o perfil dos manifestantes de 2015 – embora, como diremos adiante, apareça em cena a contar de agosto de 2016, no processo em curso do Impeachment de Dilma Rousseff. Para Débora Messenberg, a “direita que saiu do armário”,

As manifestações que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas nas principais cidades brasileiras durante os meses de março, abril e agosto de 2015, trouxeram à luz o ativismo de certos tipos de atores sociais, que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública. Tais manifestações revelaram presença privilegiada de grupos de perfil conservador, que a despeito de suas

para a disputa político-eleitoral, fortalecendo o campo político-ideológico da direita. E pela conveniência de não criar problemas fiscais para com sua matriz americana – cuja razão social declarada à receita é de uma entidade “sem vínculos político-partidários” –, buscou-se criar uma marca que dialogasse com o patriotismo desmiolado de parcela da população – através do slogan “Brasil Livre” –, em oposição a tudo que cheirasse a esquerda, a começar evidentemente pelo próprio governo do PT, igualado, como se sabe, à corrupção. Assim, o protagonismo do MBL na organização e mobilização das direitas nas ruas e nas redes sociais desde 2015, alimentado por uma retórica cínica da mídia que o apresentava – assim como o Vem Pra Rua – como “apartidário”, o credenciou à posição que goza hoje no campo da direita. **“O MBL e a sua rede”**. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/o-mbl-e-sua-rede/>. Acesso em: 15/05/2021.

²⁷ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 67-68.

clivagens internas em termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho segregador e autoritário.²⁸

No âmbito intelectual, indivíduos liberais na economia e conservadores nos costumes passaram a se organizar e atuar com maior vigor em várias frentes de formação e direção política através de uma “teia”²⁹ de APHs empresariais, de cunho ideológico. A partir dessa ampliação os APHs produzem consenso em torno de temas ligados à ideologia de gênero, comunismo, ditadura, feminismo e afins; criando uma *verdade totalmente aceita*, isto é, ancorada em projetos que refletem os interesses de disputa por hegemonia de classes dominantes. Em nosso entendimento, essa ampliação de *teias* de APHs procurou sustentar o projeto de fascistização em curso e isto tem uma razão concreta: não se trata de um movimento espontâneo, mas de uma ofensiva ideológica alicerçada em vasta rede de aparelhos privados de hegemonia. De acordo com a historiadora Virgínia Fontes, “os aparelhos privados de hegemonia assumiram uma nova centralidade, de maneira a estabelecer pontos de luta precoces em diferentes áreas da atuação e organização popular, para impedi-la, modificá-la e corrompê-la.”³⁰

O ano de 2014 foi muito importante para entender o avanço das direitas radicais brasileiras que saía do armário. Até aquele momento, diversas pessoas tinham vergonhas de ser de direita. Desde então, falar hoje que uma pessoa é de direita ou principalmente de extrema-direita passa a ser motivo de orgulho. Foi em 2014 que o Brasil elegeu uma das bancadas mais conservadoras de sua história, em uma eleição marcada por profundo ódio destilado contra os nordestinos. Conforme Rosana Pinheiro Machado, “a vitória de Dilma foi apertadíssima (51,64% dos votos). O seu opositor, Aécio Neves, chegou até comemorar a vitória na presença do amigo Luciano Huck. Aécio nunca aceitou o resultado das urnas, pedindo inclusive auditoria da votação. Desafiando a democracia, ele atiçava ainda mais uma horda que já estava a postos.”³¹

Alguns desses intelectuais da “nova direita” que *surfaram* neste processo de fascistização, inicialmente a partir de 1990 e principalmente a partir de 2010, tiveram algumas

²⁸ SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). **As Direitas nas Redes e Nas Ruas**: A crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 175.

²⁹ A noção de *teia* surgiu a partir de rede extrapartidária constituída pelo historiador Gilberto Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido. Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela “estruturação das várias organizações extrapartidárias”, que vincularam-se “de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária” (CALIL, 2005, p. 487).

³⁰ FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 140.

³¹ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 71.

participações importantes nas produções do Brasil Paralelo, em seguida destacamos alguns desses intelectuais. Ao longo da dissertação, especialmente no capítulo II, apresentaremos o chamado “*Núcleo Duro - Brasil Paralelo*” (os principais membros das produções).

Os anos de 2015 e 2016 foram marcados por manifestações pró-impeachment de caráter reacionário-conservador, antipetista e contra a corrupção. Surgiu uma era das manifestações verde-amarelas e festivas nos finais de semana, principalmente marcada pela presença das elites brancas brasileiras. De acordo com Badaró, “os atos convocados por essa “nova direita” receberam por parte dos governantes um tratamento muito distinto daqueles que marcou Junho.”³²

Segundo Rosana Pinheiro-Machado, “tanto o MBL quanto o Vem Pra Rua, movimentos sociais pioneiros das direitas jovens no Brasil, tiveram um papel muito importante no processo de impeachment, convocando manifestações e atraindo a nova geração para o seu campo ideológico”. Enquanto as Jornadas de Junho tiveram um caráter mais popular e mobilizador, na média, jovens de classe média baixa, o *palco* reacionário conservador da “nova direita” atraiu pessoas mais velhas, com ensino superior e rendimentos de médios a elevados. Como bem aponta Camila Rocha, a partir de uma palestra oferecida pela USP em 2019 — intitulada “A emergência da nova direita e o bolsonarismo”,

O avanço da esquerda na arena cultural na sociedade civil gerou reações. Principalmente os movimentos que lideraram, o movimento, feminista, negro, lgbt; gerou uma série de reações. Então aqui, são alguns trechos de pessoas comuns essas que eu falei ao longo da pesquisa que eu entrevistei em lugares diferentes do Brasil as pessoas falando, negro diz “eu sou empoderado”, como se fosse superior arrogante, a sociedade tem a tendência de colocar mulher acima, a sociedade quer o controle; como se o movimento feminista não quisesse a igualdade e sim tivessem agindo como se as mulheres fossem superiores aos homens, os gays gostam de afrontar de impor, enfim, o comportamento deles para sociedade, são donos da verdade, a sociedade seria obrigada a aturar a assistir pessoas gays.

Essas falas vão gerando esse tipo de reação, gerando essa imagem. De que esses movimentos agem dessa forma. Arrogantes, que se impõe, e tese da doutrinação que eles querem doutrinar as pessoas, querem impor, querem falarem que eles estão certos e as pessoas estão erradas eles não respeitam as pessoas e também gerou sentimento de raiva, ressentimento e principalmente de homens, pessoas mais velhas e evangélicos. Então, quanto mais um homem mais velho e evangélico geralmente era o tipo mais conservador possível. Se falar viado pra viado não pode, negro pra negro também, socar a mulher ela tem Maria da Penha, e a gente? Não é

³² BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p.159.

direitos iguais? A corda sempre arrebenta para os mais fracos e os mais fracos somos nós, deveria ter uma lei para proteger a gente.³³

Na análise de Rocha, a nova direita é um fenômeno amplo e complexo, com origens que não necessariamente imediatas. O processo de formação da nova direita brasileira envolve elementos relativos à oposição aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) até as contradições diante da determinada agenda política, como a legalização do aborto ou questões mais diversificadas, ligadas a moral. Como ressalta Rocha (2018), os mesmos grupos mais organizados como o Movimento Brasil Livre (MBL) foram formados a partir da socialização e interação de pequenos grupos precedentes, em relações que fortaleceram o sentido de unificação e a socialização política, bem como a formação de uma identidade filosófica.

A retrospectiva do MBL em 2016, foi emblemática. Eles se apropriaram da linguagem de lutas de esquerda. Se colocaram como mobilizadores das massas, alegaram que as mídias e o poder estabelecido eram manipuladores; os políticos corruptos. Disseram que as manifestações organizadas pelo movimento tinham sido as maiores da história do Ocidente, conseguiram catalisar por meio de uma estética jovem e moderna grupos reacionário-conservador que não aceitava o discurso criminoso e os privilégios de políticos. Para eles, as ruas reagiram, e isso possibilitou a atenção de muita gente insatisfeita, como por exemplo, os jovens empreendedores sócios do Brasil Paralelo, diferente do MBL a atuação do Brasil Paralelo parte apenas nas redes, focando principalmente em produções materiais audiovisuais.

Segunda entrevista com o Jornalista da *Folha de São Paulo*, em 2019. Um dos sócios fundadores do Brasil Paralelo - Lucas Ferrugem, comentou sobre as diferenças com o Movimento Brasil Livre (MBL):

Lucas Ferrugem (sócio): Temos diferenças consideráveis com o MBL. Porque o MBL se aproximou e se apoiou num braço político e de tutoria de movimentos de ruas. E nós, nos posicionamos muito mais num braço de organizar informações de

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qAzH9OM8U8>. Acesso em: 15/05/2021.

professores e intelectuais e disponibilizá-las. Dá pra dizer que o Brasil Paralelo é um braço de educação, enquanto o MBL é um braço de militância política.

Esse é o nosso leque. Informação e formar pessoas dentro desses valores que nós acreditamos.

Jornalista: Vocês falaram que estavam se articulando desde 2013?

Lucas Ferrugem (sócio): Em 2013 as coisas só ficaram no âmbito da ideia, as coisas aconteceram mesmo em 2016, em 2016 começamos a atuar enquanto Brasil Paralelo.³⁴

Neste cenário, de reorganização das direitas nas redes acabou surgindo intelectuais desse movimento se expandindo em páginas eletrônicas via *Facebook*. A partir da cientista social, Débora Messenberg, destacamos os nomes de Rogério Chequer, empresário que se descreveu em sua página do *facebook* (2.023 seguidores em outubro de 2016), como trabalhador da *State of the Art Presentation* (Soap), definida por ele “como empresa de soluções de comunicação em momentos decisivos”, Chequer participou do “*Congresso Brasil Paralelo – dividindo pessoas e centralizando poder*”, em 2016. Outra figura destacada é a atual deputada federal Beatriz (Bia) Kicis (PSL), que além de procuradora aposentada do Ministério Público Federal e uma das mais leais seguidoras de Jair Bolsonaro, atuou no “*Revoltados On-line*” e participou da primeira produção material do Brasil Paralelo em novembro de 2016.³⁵

Em resumo, outro nome destacado por Messenberg³⁶ que virou um “fenômeno” nas redes sociais, o atual Presidente do “Instituto Liberal”, Rodrigo Constantino. Segundo a autora, “Constantino era seguido, em outubro de 2016, por 145.521 pessoas no *Facebook*, onde se apresenta com a seguinte citação: ‘*um soldado incansável na luta pela liberdade, sem medo da patrulha e do politicamente correto*’.” Rodrigo Constantino, já participou da metade das produções do Brasil Paralelo, consideramos que ele seja uma das principais figuras nos primeiros momentos do Brasil Paralelo, aliás, Constantino representou o B.P. no Fórum da Liberdade, em 2018 (veremos em outro capítulo).

Neste sentido, a autora faz uma caracterização geral dos perfis dos formadores de opinião, pois entende que esses atores, “após serem difundidos pela mídia e redes sociais, acabam por funcionar como quadros de referências que permitem aos seus seguidores dar coerência às suas opiniões, escolhas e ações.”³⁷

Outro trabalho que consideramos importante para pensar as concepções ideológicas e ao alinhamento ao contexto histórico e causa e efeito do novo padrão de disputa política é o

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4&t=738s>. Acesso em: 15/05/2021.

³⁵ SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 187.

³⁶ SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 191.

³⁷ SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 193.

artigo de Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, intitulado *A Nova Direita brasileira: ideias, retóricas e práticas políticas*, publicado em 2016 pela Revista *Insight*. Neste trabalho, os autores destacaram seis hipóteses para a compreensão do protagonismo assumido recentemente pelos intelectuais da nova direita no país. Segundo os autores, “em primeiro lugar, é importante destacar o fortalecimento de um novo discurso de direita não é um fenômeno restrito às fronteiras brasileiras.”³⁸

Das seis hipóteses levantadas pelos os autores, destacam-se:

1. coerência com o cenário internacional, entendendo a nova direita enquanto um fenômeno mundial;
2. o distanciamento do momento epocal da ditadura, que oblitera e distorce a percepção clara sobre os riscos e vícios do autoritarismo implantado a partir de 1964 (da mesma maneira que, creio eu, há toda uma geração que não conviveu sequer com o processo de redemocratização, possuindo uma experiência acomodada nos limites protetores de um Estado de Direito);
3. as mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural (que penso possibilitou a expansão rápida do padrão de guerra híbrida);
4. a criação de *locus* institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita³⁹;
5. a emergência de governos de esquerda no país, incluindo seus sucessos e fracassos, capazes de geração de polarização; e
6. a crise do sistema partidário.

Segundo os autores, “o protagonismo desses intelectuais da nova direita está vinculado a transformações que tiveram curso, ao longo das últimas décadas, na própria indústria cultural do país, destacando-se, nesse sentido, mudanças no mercado editorial.”⁴⁰ De acordo com Soares:

Desde 2002, um mercado de reações às gestões presidenciais petistas estabeleceu-se, tanto por meio dos suportes das mídias convencionais mescladas às ultra contemporâneas quanto da produção social de intelectuais duplamente híbridos: trata-se de jornalistas-professores e de professores-jornalistas.⁴¹

Portanto, apesar de partirmos dessa conjuntura “quente” em que as direitas passam a se reorganizar (ou reconfigurar) novamente, concordamos com Casimiro quando se propõe a explicar o fenômeno da “nova direita” e suas reverberações no Brasil recente através de um “recuo” histórico no tempo, tomando por eixo analítico o processo de “redemocratização”

³⁸ CHALOUB, J.; PERLATTO, F. Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: ideias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016.

³⁹ “A vinculação e a articulação de muitos desses personagens com institutos como o Instituto liberal, o Instituto Millenium, o Instituto Ludwig Von Mises, o Instituto liberdade, o Instituto de Estudos Empresariais, o Estudantes pela Liberdade e o Instituto Ordem Livre”. In: CHALOUB & PERLATTO, 2016, p. 30.

⁴⁰ Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/> . Acesso em: 21/01/2021.

⁴¹ Soares Rodrigues, Lidiane. Uma Revolução Conservadora dos Intelectuais (Brasil 2002/2016). *Política & Sociedade* - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 39 - Mai./Ago. de 2018, p. 277.

no país entre os anos 1980 e 1990. Para ele, aliás, é mais do que necessário partir desse contexto histórico para pensar as continuidades e rupturas das formas organizativas e de atuação político-ideológica das diretas brasileiras, isto por que “tratava-se de um momento estratégico no conjunto das lutas sociais e para a redefinição das bases institucionais de operacionalização e legitimação de um dado projeto de poder e dominação”.⁴²

A “saída” da ditadura no Brasil evidenciaria não apenas aquilo que Florestan Fernandes (1976) identificou como a contrarrevolução burguesa de natureza autocrática, porém nos anos 1970 e 80 sob a égide da “liberalização” e “desestatização” do regime já num contexto de hegemonia capitalista neoliberal, quanto, principalmente, as contradições e tensões de classe relativas ao processo tardio de “ocidentalização”⁴³ do país, isto é, das possibilidades históricas de ampla e efetiva participação de trabalhadores, camadas populares, artistas, intelectuais e políticos, dentre outros, na propalada “sociedade civil”⁴⁴, que culminaria no – controlado – movimento das Diretas-Já, entre 1983 e 1984.⁴⁵

Diante do cenário “lento e gradual” e, acima de tudo, “seguro” para as classes dominantes do país - a burguesia brasileira já começava a reagir frente às formas de organização das classes trabalhadoras e passou a se reestruturar as suas estratégias e táticas políticas para adequar-se às novas formas de se relacionar com o Estado em tempos democráticos. De acordo com Dreifuss, temos alguns elementos para refletir acerca dessa conjuntura:

Os esforços dos pivôs políticos empresariais militares se concentram nas eleições de 86 e na configuração da Assembleia Constituinte. A vitória do conservadorismo – ideológico e fisiológico – e da politicagem, na Assembleia Nacional Constituinte, e do monopólio organizativo do PMDB, foi assegurar por uma forte e efetiva campanha política e de propaganda, apoiada no aparente sucesso do Plano Cruzado – um ‘grande estelionato político’, segundo a expressão do Delfim Netto. O general Golbery do Couto e Silva, por sua vez, já esperava, em meados de 86, que, graças Plano Cruzado, a Assembleia Constituinte tivesse o predomínio de um ‘centro democrático’ responsável que isolaria os ‘radicais de direita e esquerda’.⁴⁶

Naquele contexto, o empresariado “democrático” voltado para o social e o “empresariamento” das funções do Estado no Brasil, se articulou pautados em pressupostos

⁴² CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 31.

⁴³ MACIEL, David. **A argamassa da ordem**: da ditadura militar à nova república (1974-1985). São Paulo: Xamã, 2004.

⁴⁴ Aqui então compreendida num sentido “liberal”, baseado nas liberdades jurídicas (formais) garantidas em Constituição, e não na concepção gramsciana (muito embora, Carlos Nelson Coutinho tenha se valido de uma interpretação “liberal-democrática” de Gramsci).

⁴⁵ SILVA, Adriana; BRITES, Cristina; OLIVEIRA, Eliane & BORRI, Giovana. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

⁴⁶ DREIFUSS, René. **O Jogo da Direita**. Vozes: Petrópolis, 1989, p. 99.

da defesa da propriedade privada e da economia de mercado. As estratégias de dominação da classe dominante são, historicamente, as mais variadas. Segundo Casimiro, uma das faces da complexificação específica perpetrada a partir da redemocratização é a estratégia de organização que se materializa por meio dos aparelhos da burguesia, porém íntegra crescentemente o próprio Estado. Isto vem ganhando projeção tanto de forma deliberada quanto inconsciente”, através da instrumentalização, objetivação e reprodução de seus projetos e valores em diversos meios, de forma que os seus interesses tomem amplitude e intensidade. Paulatinamente, vão radicalizando-se. Através da multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, gradativamente a ideologia dominante ganha notoriedade e força, adquire ressonância em diferentes espaços da vida social e as formas de atuação da burguesia estabelecem conexões nacionais e transnacionais. Tais aparelhos compõem o que se consumou denominar hoje de “nova direita”.⁴⁷

Neste sentido, o que caracteriza a nova direita – diferenciando-a das chamadas “velhas direitas” – não são os atores, sequer a ideologia, mas sim o *modus operandi*, o qual, como dito, materializou-se numa série de aparelhos da burguesia, em outras palavras, aparelhos privados de hegemonia em perspectiva gramsciana. Ainda de acordo com Casimiro, “a burguesia brasileira, nessa construção das regras do jogo democrático, passa a defender de forma mais aberta e articulada o seu modelo de sociedade fundada nos valores da economia de mercado e da meritocracia”.⁴⁸

Temos assim a reorganização da burguesia brasileira em defesa dos seus interesses e em prol da ampliação do capital, o que implica em cisões, conflitos intraclasse, mostrando a complexidade dessas relações de poder – ao mesmo tempo em que, conjuntamente, passam a defender e internacionalizar para dentro do Estado (restrito) às suas pautas. Como assinalado por Virgínia Fontes, “a partir de certa escala, a sociedade civil empresarial lança-se novamente à ocupação do Estado”.⁴⁹

Neste sentido, o papel dos intelectuais orgânicos no interior desses “aparelhos” é fundamental na busca pela legitimação de um determinado projeto de poder, com o objetivo de alçar uma condição de hegemonia. Ao questionar se os intelectuais são um grupo autônomo e independente, Gramsci aponta que “todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e

⁴⁷ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018.

⁴⁸ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018. p. 124.

⁴⁹ FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010. p, 237.

consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”.⁵⁰ E complementa afirmando que os intelectuais são formados historicamente e constituem “categorias especializadas para o exercício da função intelectual”.⁵¹ Ou seja, para a legitimação de sua posição de classe, todo grupo social necessita criar os seus próprios intelectuais, seja a burguesia, seja a classe trabalhadora. Dessa forma, Gramsci cria o conceito de “intelectuais orgânicos” que cada classe constrói, com o intuito de homogeneizar e conscientizar não somente a classe da qual são originários, como, de preferência, promover a “educação” das massas.

À luz desses referenciais teóricos, o trabalho de Casimiro, por exemplo, busca refletir e elucidar a atuação de um conjunto de APHs. Isto exige refletir também acerca desses APHs no âmbito da “sociedade civil”, na qual esses aparelhos atuam no sentido de fortalecer, naturalizar e universalizar os seus interesses de classe, através da construção do consenso – sem abrir mão, quando necessário, de mecanismos e práticas coercitivas. O que nos leva a questão das relações ampliadas constituídas pelo Estado capitalista⁵², particularmente com Poulantzas quando alude que o “Estado, trabalhando para a hegemonia de classe, age no campo de equilíbrio instável do compromisso entre as classes dominantes e as classes dominadas”.⁵³

No que concerne ao nosso estudo, a obra de Casimiro, além de contribuir na elucidação de quem é e como atua a chamada “nova direita”, permite criticamente que caia por terra certas análises acerca do ultraliberalismo – comumente, defendida pelos dominadores, assim como setores da esquerda – que adotam o pressuposto de que se trata de uma defesa e prática de negação do Estado, pautado pelo capitalismo de tipo *laissez-faire*.

Ainda que os ideólogos se arvoram como defensores do “Estado mínimo”, a teia de atuações dos aparelhos privados da burguesia analisados por Casimiro (2018/2020) evidenciam que as suas estratégias têm como sustentáculo a inter-relação com o Estado em sentido restrito, que é acionado de diferentes maneiras, seja para exercer a coerção, seja para “educar” para o consenso (ou uma “pedagogia da hegemonia”), propiciando a intensificação e o aprofundamento da exploração e expropriação do conjunto da classe trabalhadora e rifando recursos naturais e direitos sociais histórica e arduamente conquistados. Isto evidencia, ainda,

⁵⁰ GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere. V.2 Os intelectuais. O princípio educativo.** Jornalismo. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2001, p. 15.

⁵¹ GRAMSCI, Antônio. Op. Cit. 2001, p. 18.

⁵² FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010.

⁵³ POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo.** São Paulo: Paz e Terra, 1980, p. 33.

que a perpetuação da hegemonia burguesa se dá, dialeticamente, através da sociedade civil e da sociedade política.⁵⁴

Desta forma, um elemento-chave que esse conjunto de hipóteses a respeito da “nova direita” permite evidenciar é, como apontado, a ampliação do Estado brasileiro, demonstrando que não podemos reduzi-lo a seus órgãos, aparelhos e agências administrativas. Ao mesmo tempo que os fermentadores e propagadores do ultraliberalismo criticam o Estado, os aparelhos analisados ampliam-no imbricando-se a ele, promovendo assim uma espécie de reprivatização “não-oficial” do mesmo, inscrevendo nele os seus objetivos como projetos de interesse “nacional”, mas que na realidade são de classe (ou de determinadas frações). A “nova direita” configura-se “dialeticamente como veículo e resultado do processo de atualização da dominação burguesa em sua expressão capital-imperialista.”⁵⁵

Visando avançar essa discussão, iremos refletir a atuação das direitas brasileiras em um espaço mobilizador que anualmente realiza encontros a fim de propagar os seus interesses em defesa e a aprovação de projetos de caráter privatizador em prol da manutenção da hegemonia e da produção de consenso. Por isso, buscaremos a partir do “Fórum da Liberdade”, entender as dinâmicas e projetos defendidos por essas direitas no Brasil Contemporâneo.

1.2.O processo de fascistização no Brasil recente

Observamos, em tempos atuais, com a ascensão de movimentos reacionários-conservadores no Brasil e no mundo, esses movimentos estão sendo caracterizados a partir de um contexto marcado por um pós-fascismo⁵⁶, com o objetivo de analisar esse processo destacamos as diferenças entre o fascismo clássico e o (neo) fascismo. Neste sentido, buscamos compreender quais são os grupos fascistas no Brasil recente, quais são os *modus*

⁵⁴ NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

⁵⁵ FONTES (2010), Op. Cit., p. 465.

⁵⁶ De acordo com Traverso, “atualmente, o surgimento da direita radical traz uma ambiguidade semântica: por um lado, quase ninguém fala abertamente do fascismo - exceções notáveis ao Aurora Dourada na Grécia, o Movimento por uma Hungria Melhor (Jobbik) na Hungria e o Partido Nacional na Eslováquia – e a maioria dos observadores reconhecem as diferenças entre esses novos movimentos e os seus antepassados dos anos 1930. Por outro lado, qualquer tentativa de definir este novo fenômeno nos faz comparar com os anos do “Entre Guerras”. Em resumo, o conceito de fascismo parece ser inapropriado e indispensável para se compreender esta nova realidade. Portanto, chamarei o momento atual de um período de pós-fascismo. Este conceito enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação; certamente ele não responde a todas as questões que foram abertas, mas ele enfatiza a realidade da mudança.” TRAVERSO, Enzo. **Do Fascismo ao Pós-Fascismo**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas V.13 N.2 2019, p. 13.

operandi desses grupos e a relação do Governo Bolsonaro com a ascensão desses movimentos reacionários-conservadores. Com a finalidade de explicar esse movimento, apresentamos o conceito de fascismo (clássico) a partir de Paxton e Konder. Nas palavras de Paxton:

Fascismo pode ser definido como uma forma de comportamento político marcado pela preocupação obsessiva com o declínio, humilhação ou vitimização da comunidade e por cultos compensatórios de unidade, energia e pureza, em que um partido fortemente baseado em militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em colaboração desconfortável mas eficaz com as elites tradicionais, abandona liberdades democráticas e persegue com violência redentora e sem restrições éticas ou legais objetivos de limpeza interna e expansão externa.⁵⁷

E, de acordo com Konder:

O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro.⁵⁸

Em um campo caracterizado por diversos estudos, as obras de Robert Paxton e Leandro Konder possuem destaque por apresentarem análises pertinentes que conseguem definir parâmetros conceituais sobre o fascismo, tanto em suas ocorrências particulares quanto como um fenômeno geral. Ambos buscam decifrar as origens do movimento fascista a partir de elementos sociais, ideológicos, econômicos e políticos que influenciaram seu surgimento e possibilitaram sua ascensão ao poder; e ainda, procuram construir uma reflexão que ultrapassa suas manifestações particulares tal como se objetivam na Itália e na Alemanha no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.

“O fascismo foi a grande inovação política no século XX, e também a origem de boa parte de seu sofrimento.”⁵⁹ Após a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, tanto na Itália quanto na Alemanha o contexto social

⁵⁷ PAXTON, Robert A **Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

⁵⁸ KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁵⁹ PAXTON, Op. Cit., p. 13.

era gravíssimo: o retorno de soldados desmobilizados nas frentes da guerra, frequentemente se constituíam em bandos para militares que usavam da violência contra a população, a crise social profunda com a ausência de um partido revolucionário que pudesse se apresentar às massas populares sendo uma alternativa revolucionária. A “crise social profunda (...) lança as massas pequeno-burguesas para fora do seu equilíbrio”,⁶⁰ mas elas flertam com a saída fascista, porque não confiam no processo revolucionário das forças políticas do proletariado.

No dia 28 de outubro de 2018, com cerca de 55% dos votos apurados (excluídos nulos, brancos e abstenções), Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República do Brasil, numa onda marcada pelo forte crescimento de partidos de extrema-direita pelo mundo e especial, no Brasil. Segundo Marcelo Badaró, “a imprensa internacional variou entre classificá-lo como ultradireitista, radical de direita, populista de direita ou neofascista.”⁶¹ Compreender o movimento bolsonarista requer uma série de frentes específicas, até porque o bolsonarismo é um elemento novo no cenário brasileiro e ainda, um debate em aberto. Por isso, destacamos ao longo da discussão alguns pontos específicos desse fenômeno.

Em seu livro “*Governo Bolsonaro, neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*”, Marcelo Badaró investiga o bolsonarismo em três frentes específicas. O *bolsonarismo como ideologia. O movimento bolsonarista, as organizações políticas e o governo Bolsonaro e suas políticas*. De acordo com Badaró, “a eleição de um neofascista não significa, de imediato, a instalação de um regime político fascista no Brasil.” À vista disso, torna-se fundamental apresentar ao leitor com mais detalhes tais especificidades apontadas por Badaró e outros teóricos, de modo a compreender o bolsonarismo como um movimento neofascista e um governo com um projeto neofascista autoritário em curso.

Em entrevista pelo Programa Câmara aberta em 1999, Bolsonaro se declarou favorável a tortura, a sonegação de impostos, disse que se assumisse a presidência, daria o golpe e implantaria novamente a Ditadura Militar, e ainda ressaltou que na época da Ditadura só morreu vagabundo e por fim, “disse que através do voto não se mudará nada nesse país.”⁶² “Bolsonaro foi eleito, por cerca de três décadas, para mandatos parlamentares com base no voto, principalmente, de militares e familiares, apresentando-se como defensor de melhores remunerações e mais “direitos” para a tropa.”⁶³ Bolsonaro é um figura “atípica” ao sistema político brasileiro e, principalmente, de figuras da direita tradicional ou centro esquerda. De

⁶⁰ TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018, p. 33.

⁶¹ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 167.

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWOWsUiddhg>. Acesso em: 25/02/2021.

⁶³ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 168.

acordo com o cientista político Marcos Nobre, “Bolsonaro sempre desafiou o “sistema”, ganhou como candidato *outsider*. Mas foi também como pretense *outsider* que atuou desde o primeiro dia de mandato como presidente. Governar para ele seria o mesmo que se render ao sistema”.⁶⁴

Jair Messias Bolsonaro, foi aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, de Campinas. Em 1977, formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, Rio de Janeiro. Coursou a Brigada de Paraquedista do Rio de Janeiro. Em 1983, formou-se no curso de Educação Física do Exército. Chegou à patente de Capitão. Em 1986, ele liderou um protesto contra os baixos salários dos militares. Escreveu um artigo para uma revista de grande circulação no país, intitulado “*O salário está baixo*”.

Em sua carreira política, em novembro de 1988, Jair Bolsonaro foi eleito para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Em outubro de 1990, foi eleito deputado federal pelo PDC. Renunciou ao mandato de vereador e tomou posse na Câmara dos Deputados em 1991. Em 1993, participou da fundação do Partido Progressista Reformador (PPR), nascido da fusão do PDC e do Partido Democrático Social (PDS). Em 1994, Jair foi reeleito e na sua candidatura, a sua plataforma de campanha incluía a luta pela melhoria salarial para os militares, o fim da estabilidade dos servidores, a defesa do controle da natalidade e a revisão da área dos índios ianomâmis. Foi mais uma vez indicado para a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara. Em 1995, filiou-se ao Partido Progressista Brasileiro (PPB), resultado da fusão do PPR com o PP. Em 1998, exercendo seu terceiro mandato de deputado, se candidatou ao cargo para presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Em 2002, foi eleito pela quarta vez ao cargo de deputado federal pelo PPB, mas nesse mesmo ano, filiou-se ao PTB. No início de 2005 deixa o PTB e filia-se ao PFL. Em abril, deixa o PFL e filia-se ao Partido Progressista (PP). Em 2006, é eleito para seu quinto mandato. Assume a titularidade das comissões de Constituição e Justiça e de Cidadania, de Relações Exteriores e de Defesa Nacional e de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado. Em 2014, Jair Bolsonaro foi reeleito para o seu 7º mandato. Em março de 2016, filiou-se ao PSC e, em 2017, esteve em negociações com o Patriotas (PEN). Em 2018, Bolsonaro filiou-se ao Partido Social Liberal (PSL) e lançou-se candidato à Presidência da República⁶⁵. Segundo Marcelo Badaró Mattos:

⁶⁴ NOBRE, Marcos. **Ponto-Final:** A guerra de Bolsonaro contra a democracia. Todavia: São Paulo, 2020, p. 20.

⁶⁵ Disponível em: https://www.ebiografia.com/jair_bolsonaro/. Acesso em: 27/02/2021.

Em todos os seus postos legislativos, Bolsonaro defendeu sempre posições fascizantes, difundindo um discurso centrado em alguns elementos ideológicos basilares. O principal deles foi a defesa sistemática da ditadura militar e, particularmente, de suas dimensões de terrorismo de Estado, como a tortura e eliminação de opositores políticos. O breve pronunciamento na votação do impeachment de Dilma Rousseff, quando exaltou o torturador Brilhante Ustra, foi apenas mais um episódio em que Bolsonaro tratou como herói aquele criminoso sádico que comandou a tortura no maior centro de repressão da ditadura na década de 1970. Foram frequentes os momentos em que Bolsonaro afirmou que as memórias de Ustra era seu “livro de cabeceira”. Esse tipo de discurso, de representação da Ditadura como um “áureo” da história recente do país (lembramos que o fascismo sempre se apresentou como um discurso de resgate dos tempos “áureos” da nação) e de exaltação da repressão, encontrou espaço não apenas na tribuna do Legislativo mas também em meio de comunicação, ganhando maiores dimensões entre os militares e a partir dos esforços de apuração dos crimes da ditadura desenvolvidos pelas Comissões da Verdade na primeira metade da década de 2010.⁶⁶

A partir de 2010, Bolsonaro passou por diversos programas de auditório de TV e se tornou um fenômeno midiático, tão pouco levado a sério Bolsonaro representou o famoso “*tio do pavê*”, aquele homem que faz “piadas” machistas, racistas e homofóbicas, quando tem reunião de família, festas e ceia natal. Embora processado por algumas dessas declarações, tanto no Conselho de Ética da Câmara como nos tribunais superiores da justiça brasileira, Bolsonaro recebeu no máximo condenações leves. Sobre os holofotes na TV brasileira com temas polêmicos, Bolsonaro criava o seu próprio programa e ampliava sua base de apoio para além do eleitorado militar, em direção aos grupos conservadores-reacionários mais amplos da sociedade. Como tática de atuação, o humor ‘politicamente incorreto’ tornou-se forma de governar. Como mostraram os pesquisadores Piaia e Nunes:

Entre 2010 e 2018, Bolsonaro ocupou um espaço incomum para políticos na TV aberta brasileira. Coletando somente para programas de entretenimento na TV aberta em que o parlamentar foi o principal convidado, somam-se 33 participações. Para efeito de comparação, Jean Wyllys e Marco Feliciano, outros dois deputados com bastante exposição, participaram 9 e 12 vezes, respectivamente. As participações de Bolsonaro ocorreram em programas como Agora é com Datena (1), Agora é Tarde (3), Casos de Família (1), CQC (5), Manhã Maior (1), Mega Senha (2), Mulheres (1), Okay Pessoal (1), Pânico na Band (1), Programa do Ratinho (2), Programa do Raul Gil (1), Quem convence ganha mais (1), Superpop (11), The Noite (1) e Você na TV (1). Destas, a maioria foi na Band e na RedeTV!, com apenas uma participação na TV Gazeta.

Duas atrações se destacam desse conjunto. A primeira é o Pânico na Band, que, apesar de ter contado com a participação presencial do deputado somente uma vez, exibiu, entre março e dezembro de 2017, 34 episódios do quadro “Mitadas do Bolsonabo”, em que o humorista Márvio Lúcio interpretava o parlamentar interagindo com a população. Deve-se ressaltar, também, que Bolsonaro foi entrevistado 3 vezes na edição de rádio do programa Pânico em menos de 2 anos (entre 2016 e 2018).

⁶⁶ BADARÓ, Op. Cit., p. 169-170.

A segunda atração é o programa Superpop, apresentado por Luciana Gimenez na RedeTV!, do qual Jair Bolsonaro participou 11 vezes entre 2010 e 2018. O parlamentar praticamente se tornou membro do time de comentaristas do programa, participando três vezes no ano de 2016 e duas em 2011 e em 2017. Em mais uma rápida comparação, Jean Wyllys e Marco Feliciano participaram no total uma e quatro vezes, respectivamente.⁶⁷

Bolsonaro apostou pelo menos desde 2010 (antes mesmo de ser influenciado por Donald Trump), vincular sua imagem com um personagem “comum”, menos tradicional politicamente e mais, como diz Nobre, “*um antissistema*”, dessa forma, Bolsonaro conseguiu “*surfear*” no contexto de ascensão das direitas radicais. Como bem explorado por Pinheiro-Machado:

De 2016 a 2018, vimos seu nome se fixar na memória do povo, sempre por meio de polêmicas que despertavam amor e ódio. Como narrei no capítulo “Bolsonaro sabe meu nome”, meses antes da eleição, com Lula fora da parada, muita gente que outrora dizia que o odiava passou a dizer algo como: “Acho ele muito radical, mas não tem outro candidato, tem?”. Bolsonaro reinou sozinho porque soube usar os espaços de cultura popular: primeiro indo a programas de auditório, depois virando memes “zueros” na internet.⁶⁸

Em 1989, após se candidatar pela primeira vez para Presidente da República, Enéas Carneiro, era uma espécie de “*cômico de estimação*”, não faltando diversão na campanha eleitoral. O mesmo se candidatou, mais duas vezes à Presidência da República, entre (1994 e 1998) e uma vez à prefeitura de São Paulo (2000), em 2002 foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, recebendo votação recorde: mais de 1,57 milhão de votos, a segunda maior votação já registrada no país. Mas o que o Bolsonaro tem a ver com Enéas? Segundo a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado:

Não foi à toa que Bolsonaro tentou criar um projeto de lei para homenagear Enéas como herói da nação - posição ocupada por apenas 41 personalidades brasileiras, como Santos Dumont e Getúlio Vargas. Apesar de Enéas ter sido eloquente com as palavras e Bolsonaro ser um incapaz nesse aspecto, os dois têm muito em comum. Isso se dá não apenas na defesa da família tradicional brasileira e no anticomunismo, mas, sobretudo, na capacidade de “causar”. De cabeça quente, eles teatralizaram, especialmente em programas de TV de grande audiência, uma indignação patriótica que sempre gerou repercussão.⁶⁹

⁶⁷ Disponível em: <http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/>. Acesso em: 27/02/2021.

⁶⁸ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2020, p. 139.

⁶⁹ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2020, p. 135-136.

Ao que complementamos com Badaró, quando alude: “o crescimento da votação de Bolsonaro em 2014 já foi a expressão, por um lado, da reorganização da ultra direita política no país após 2013 e, por outro lado, de uma realocação do próprio deputado”.⁷⁰

Podemos observar, no cenário eleitoral essa “nova direita ou direita radical” ocupando espaço dentro do Estado (restrito) eleitos/as democraticamente: caso do próprio Jair Bolsonaro e os seus filhos. Conforme Badaró, “para entender a construção política que Bolsonaro e os que se puseram ao seu redor desenvolveram desde então, é preciso ter em conta novos elementos, ou novas ênfases, que passaram a compor o discurso e constituem pilares ideológicos do bolsonarismo”⁷¹. Como caracterizar, então, o “bolsonarismo”?

De acordo com Carlos Zacarias:

Um dos fenômenos associados à ascensão da extrema-direita no Brasil, é o surgimento do “bolsonarismo”. Chama-se de bolsonarismo a um tipo de comportamento político, surgido nos últimos anos, ao qual se vinculam pessoas ou grupos de pessoas que se mobilizam em torno de ideias como antipetismo e o anticomunismo, o vitimismo e o pânico moral, a mobilização política e o culto da violência, o neoliberalismo e o ataque aos direitos e tudo àquilo que se relaciona ao Estado de bem-estar social oriundo de políticas públicas e de inclusão. O bolsonarismo repete, no Brasil, o que aconteceu ou acontece em outras épocas ou em outros países, onde uma crise aguda e aparentemente incontornável, produziu saídas permitindo a ascensão de líderes carismáticos que trouxeram propostas de soluções fáceis para todos os problemas da vida, economia, política e sociedade. Na Itália e na Alemanha nos anos 1920/30, a crise do pós-guerra e uma conjuntura de intensa luta operária, revolucionária e de esquerda, exasperou os setores médios que, ressentidos pela falta de perspectivas, partiram em busca de alternativas que tinham na ideia de que havia um “nós” e um “eles” como um dos elementos mobilizadores mais importantes. Tal atitude, que não deixou de contar com o apoio de parte fundamental das classes dominantes e dos atores políticos tradicionais, deu ensejo para que se apoiasse o saneamento político, que atingiu parcelas da sociedade e dos grupos políticos de esquerda, e depois se ampliou, alcançando a todos os que se colocavam no campo da oposição.⁷²

Nas palavras de Badaró, corroborando com a análise de Zacarias, descortinar o compósito de valores, comportamentos, discursos e ações que sustentam os pilares ideológicos do bolsonarismo, exige que encaremos o processo de ascensão e fortalecimento de um “fascismo à brasileira” ou neofascismo:

O primeiro deles é a busca de uma teoria neofascista. Como ocorreram com o fascismo, neofascismo não inventou teorias sociais novas, apropria-se e reinterpreta elementos do velho fascismo, mas também de outras formulações conservadoras difundidas nas últimas décadas.⁷³

⁷⁰ BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.

⁷¹ BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.

⁷² Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/09/03/bolsonarismo/>. Acesso em: 07/07/2021.

⁷³ BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.

Outro elemento para pensar o bolsonarista nestes termos nos é fornecido por Melo quando afirma que “a teoria da conspiração do ‘marxismo cultural’ difundida no Brasil por Olavo de Carvalho e seu círculo é parte central do conteúdo ideológico do bolsonarismo”.⁷⁴

Desde as eleições presidenciais de 2018, essa expressão se fez presente em diversos discursos de representantes das direitas e, no campo da produção de consensos a atuação do Olavo de Carvalho e os seus discípulos (caso da B.P.) buscando destacar o discurso de “combate ao marxismo cultural.” Sobre Olavo, Melo estabelece uma peculiaridade:

Carvalho certamente não inaugurou a paranoia anticomunista no Brasil, mas cumpriu o papel de reciclar as velhas narrativas anticomunistas segundo as quais ‘os vermelhos’ estavam apostando no ‘caminho pacífico para o poder’, como diziam os golpistas em 1964.⁷⁵

O discurso atual de determinados sujeitos/atores e grupos, que buscam formar a hegemonia da extrema direita no Brasil recente, é de que o Brasil viveria uma permanente *guerra cultural* tendo à frente, como “mentores”, formações intelectuais (tão díspares) quanto Antonio Gramsci e a Escola de Frankfurt. Na lógica olavista (que será desdobrada no próximo capítulo), a visão conspiracionista “marxista cultural” assentaria numa “estratégica” dos marxistas (aqui entendidos numa acepção gelatinosa) de conquistar escolas, universidades e os meios de comunicação com a finalidade de “manipular” e “doutrinar” as consciências das massas. Quanto à relação com Bolsonaro e o bolsonarismo, Marcelo Badaró afirma que “[...] o olavismo permitiu a Bolsonaro [...] justificar todo esse tipo de teoria conspiratória e anticientífica (do negacionismo climático ao terraplanismo) para condenar e perseguir o ativismo ambientalista”.⁷⁶

Tal noção não é tão atual. Podemos perceber esses “delírios” presentes na Doutrina de Segurança Nacional, ideologia central da ditadura civil-militar que continua a informar o pensamento militar atualizado com novas tendências do pensamento anticomunista. Como bem aponta Demian: “[...] essa teoria recebeu as cores do anti-gramscismo já desenvolvido na América do Sul desde os anos 1980 dando o tom no Brasil daquilo que, para o contexto estadunidense, James Hunter chamou de guerra cultural”⁷⁷. Um dos estudiosos, segundo Demian, para compreender essas narrativas e “sistemas de crenças” têm sido João Cezar de Castro Rocha:

⁷⁴ MELLO, Demian B. O bolsonarismo como fascismo no século XXI. In: REBUÁ, Eduardo et. al. (orgs.) **(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020, p. 30.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ BADARÓ, Op. Cit., p. 174.

⁷⁷ MELLO, O bolsonarismo como fascismo no século XXI..., op. cit., p. 30.

O professor João Cezar de Castro Rocha tem insistido na importância que ORVIL — o livro nunca publicado, escrito por militares como resposta ao impactante relatório Brasil Nunca Mais, mas que foi vetado pelo governo Sarney, tendo uma vida subterrânea no meio da caserna e nos círculos civis da extrema direita — certamente possui na formação do que estamos chamando de ideologia bolsonarista.³ Essa narrativa subterrânea seria um testemunho da memória derrotada pelo processo de transição da ditadura para a democracia brasileira. As ideias gerais deste documento iriam reaparecer no livro do notório torturador coronel Brilhante Ustra, A verdade sufocada (2006), mas é preciso lembrar também da importância que a coleção História Oral do Exército (2003) teve na formação de oficiais das Forças Armadas durante a década de governos do Partido dos Trabalhadores.⁷⁸

De acordo com Rocha, "quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultural" bolsonarista⁷⁹. Segunda a entrevista concedida por ele ao site "A Pública":

Qual é o esteio da guerra cultural bolsonarista? O que conformou a mentalidade de Jair Messias Bolsonaro e seu clã? O Bolsonaro, mais do que um político, é uma franquia; há uma franquia de políticos. A mentalidade de Jair Messias Bolsonaro foi formada pelo Exército brasileiro, mas moldada numa linha muito particular do Exército, que é marcada pelo ressentimento a partir da repercussão de um autêntico livro-monumento lançado em 1985 que é o livro Brasil: nunca mais. Esse é um livro particularmente importante porque denunciou as torturas, as arbitrariedades e o desaparecimento de corpos da ditadura militar de uma forma incontestável. Sob o patrocínio do cardeal dom Paulo Evaristo Arns, ele principiou em 1979, quando os advogados de presos políticos tiveram acesso aos processos de seus clientes e ganharam o direito de ficar com eles durante 24 horas. Eles xerocaram os processos do Superior Tribunal Militar, reunindo aproximadamente 6 mil páginas, e eis a surpresa: em processos instruídos pela própria Justiça Militar, isto é pela própria ditadura militar, os presos denunciaram aos juízes militares as torturas que haviam sofrido. O Brasil: nunca mais reúne um conjunto de depoimentos de jovens de 20 e poucos anos, extraídos dos processos da Justiça Militar, em que todos fazem o mesmo relato, alguns dizem que foram usados como cobaia em aulas de tortura. É impressionante, um livro negro da ditadura militar.

O livro foi um sucesso absoluto quando lançado, vendeu mais de 100 mil exemplares e teve enorme repercussão no exterior. Ele ajudou a consagrar, no período da redemocratização, uma imagem das Forças Armadas associada à repressão, à tortura e à morte. Isso marcou muito uma geração do Exército brasileiro que, por isso, sempre teve um projeto revanchista, baseado num processo revisionista. É por isso que na mentalidade bolsonarista nega-se a existência de tortura, nega-se que o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos piores torturadores da história da humanidade, tenha torturado. A mentalidade bolsonarista não nega apenas a Covid-19, nega também as torturas da ditadura militar.

"A mentalidade bolsonarista não nega apenas a Covid-19, nega também as torturas da ditadura militar"

"Democracia na aparência e autoritarismo na prática" caracteriza atual projeto de poder - "Não se trata de instrumentalizar as instituições, mas de destruí-las"

João Cezar Castro Rocha, professor titular de literatura comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vem se dedicando a entender o que ele chama de guerra cultural bolsonarista. O resultado de sua pesquisa é o livro Guerra cultural

⁷⁸ Idem, p. 31.

⁷⁹ Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/>. Acesso em: 21/07/2021.

e retórica do ódio: crônicas do Brasil, que deve ser lançado no fim de junho deste ano pela editora Caminhos.

Em seu livro, Castro Rocha busca se afastar das ideias mais conhecidas sobre as guerras culturais, como aquelas que orbitam o trabalho do sociólogo americano James D. Hunter, buscando a especificidade da guerra cultural empregada pela militância bolsonarista no Brasil, da qual fazem parte alguns dos influenciadores alvos de mandados de busca e apreensão da Polícia Federal no chamado inquérito das fake news.⁸⁰

Segundo a citação acima, vemos que foi no contexto da ditadura civil-militar que essa “mentalidade” se formou. Nesse sentido, entendemos, por exemplo, o suposto “nacionalismo” no discurso bolsonarista e, principalmente, o fato de ter encontrado eco e força no interior das Forças Armadas.

Conforme examinado por Badaró “outro ponto do fio que liga a ideologia bolsonarista a discursos e articulações internacionais da direita é o seu empenho em denúncias de difusão da “ideologia de gênero, nos programas e práticas educacionais”⁸¹. Nessa perspectiva, de caráter moralista e antiprogressista, podemos observar, no campo da educação, o avanço do movimento *Escola Sem Partido* (ESP). Fundado em 2004, por Miguel Nagib, ganhou maior repercussão em 2014. Ao longo da dissertação comentamos a respeito desse projeto e avanço conservador.

A defesa intransigente de pautas moralistas e ultraconservadoras também marcaram o cenário social e político em 2018 (embora tal processo histórico seja oriundo, no mínimo, do ascenso dos governos petistas no âmbito federal), fustigando e intensificando grande parte dos segmentos evangélicos e seu fundamentalismo religioso-político a adentrar na dita “guerra cultural” através da produção de consensos em torno “dos valores cristãos” e da “família” contra o “avanço comunista” e da “ideologia de gênero” no país. Em 2016, por exemplo, a chamada bancada parlamentar evangélica se incomodou com os governos petistas por conta da falta de combate em relação ao inventado “kit gay”.

Nesta guinada, o então deputado federal não ficaria de fora, haja vista que “[...] entre 2011 e 2012 (Bolsonaro) havia se pronunciado agressivamente contra uma proposta do Ministro da Educação, do governo Dilma, de distribuir nas escolas públicas um material de educação para a cidadania intitulado ‘Escola sem homofobia’”⁸². No cenário político-eleitoral, de 2018, contudo, o já candidato presidencial passou a ocupar espaços na grande mídia retomando com veemência esta pauta que, ao lado de outras conhecidas desde o longo período

⁸⁰ Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/>. Acesso em: 21/07/2021.

⁸¹ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 175.

⁸² BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 176.

como deputado – como o armamento e a militarização do “cidadão de bem”, o discurso anti-LGBT, anti-Direitos Humanos, apologia da pena de morte e elogios à ditadura, dentre outras⁸³ – compuseram parte de uma agenda reacionária e fascistizante das direitas no Brasil recente.

Falando especificamente da relação entre bolsonarismo e o avanço do fundamentalismo neopentecostal como estratégia de mobilização de massas, Demian Melo afirma:

[...] o bolsonarismo parece apostar no apoio de massas oriundo das estruturas do fundamentalismo neopentecostal, reforçando o discurso moral conservador num contexto em que a aplicação da agenda neoliberal leva à desagregação social, um processo que, segundo analistas argutos, tem levado à ruptura das condições que permitiram a existência dos atuais regimes democráticos liberais nos países centrais do capitalismo.⁸⁴

Uma pesquisa coordenada pela antropóloga Isabela Kalil, em outubro de 2018⁸⁵, agrupou 16 tipos de apoiadores, eleitores e potenciais eleitores de Jair Bolsonaro, de acordo com marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças. O objetivo da pesquisa foi compreender o que repudiam e o que desejam, aspiram ou imaginam com um eventual governo presidido por Bolsonaro. Segundo o site (www.fespsp.org.br):

A pesquisa antropológica foi realizada a partir da experiência de levantamento de dados etnográficos em protestos e manifestações iniciados na cidade de Nova Iorque, na Universidade de Columbia, no ano de 2011 com o movimento Occupy Wall Street e foi continuada, no Brasil, na Fundação Escola de Sociologia e Política com a observação dos protestos de junho de 2013 e várias manifestações que se seguiram até o ano de 2018, na cidade de São Paulo. Os esforços são parte também de uma pesquisa internacional em 10 países da América Latina sobre conservadorismo e políticas anti-gênero na América Latina coordenado pelo Sexuality Policy Watch (www.sxpolitics.org), um fórum global composto de pesquisadores de diferentes regiões do mundo. Especificamente sobre a observação das manifestações de conservadores, liberais, direita ou extrema direita, a pesquisa considera o acompanhamento de grupos e movimentos nas ruas e nas redes sociais com a coleta de dados por quase três anos - realizada entre início de 2016 e final de 2018.⁸⁶

⁸³ NASCIMENTO, Leonardo et al. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. In: **PLURAL** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 25.1, 2018, p.135-171

⁸⁴ MELLO, O bolsonarismo como fascismo no século XXI..., op. cit., p. 35.

⁸⁵ De acordo com a descrição da pesquisa: A pesquisa foi realizada pelo NEU (Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Colaboraram para a elaboração dos perfis Álex Kalil, Felipe Paludetti, Gabriela Melo, Wesley Pinheiro e Wiverson Azarias. O presente relatório apresenta uma versão reduzida de trabalho e de divulgação dos resultados mais amplos da pesquisa ainda em fase de elaboração. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio>. Acesso em: 20/07/2021.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio>. Acesso em: 20/07/2021.

A partir desses atores/sujeitos e grupos, conseguimos identificar as principais pautas e ideologias defendidas por essas frações de classes. No contexto da ascensão conservadora-ultraliberal, a antropóloga Isabela Kalil analisou com maior atenção as manifestações/protestos ocorridos na cidade de São Paulo, entre 2013 e 2018 – especificamente aquelas de caráter radical, entre 2016 e 2018, na capital paulista. As manifestações que ganharam destaque na pesquisa:

Atos a favor do impeachment de Dilma Rousseff, atos de apoio à Operação Lava-Jato, manifestações de apoio ao juiz Sérgio Moro, manifestações contra o STF, marchas contra a ONU, marchas contra as drogas, marchas pela família, manifestações contra o aborto, carreatas em apoio a Bolsonaro, atos contra corrupção, manifestações pela prisão de Lula, marcha pelo PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas), atos contra as manifestações de mulheres e feministas, apoio à greve dos caminhoneiros, eventos de lançamento de candidaturas de deputados estaduais, deputados federais e governador, entre outros pequenos eventos.⁸⁷

Assim, conseguimos observar como foi conduzido alguns movimentos da direita radical, nas ruas e nas redes, e, notadamente, a importância que exerceu as redes sociais na ascensão de uma figura como Bolsonaro e os movimentos conservadores e reacionários que o seguiram. Caso, por exemplo, do discurso anticorrupção, tradicionalmente acionado pelas direitas brasileiras em contextos de avanço conservador e reacionário no Brasil, e que foi incorporado ao movimento e à ideologia bolsonarista para associar Bolsonaro à imagem do “mito” dotado de um “perfil político ‘autêntico’, *outsider*, e ‘ficha limpa’”.⁸⁸

Neste sentido, é possível afirmar uma certa identificação entre as organizações e movimentos que convocaram e/ emergiram das manifestações de 2015 e 2016 chamada de “nova direita” – Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados Online, Instituto Mises Brasil (IML), o próprio Brasil Paralelo, dentre outros – com seu destacado papel no processo de produção e difusão de determinadas diretrizes e pautas anti progressistas (na maioria das vezes, nomeadas como “antipetistas” e “anticomunistas”) – e a irrupção de Bolsonaro e do bolsonarismo como expressões do neofascismo brasileiro. Principalmente quando nossa lupa observa o crescimento exponencial de pessoas no mundo virtual.

Pois, se nas palavras de Badaró, “uma grande novidade do período recente e uma das características centrais a diferenciar as dimensões neofascistas assumida por parte dessa nova direita foi o retorno às ruas, após mais de cinquenta anos”⁸⁹, o ascenso e fortalecimento desta

⁸⁷ Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio>. Acesso em: 20/07/2021.

⁸⁸ BADARÓ, Op. Cit. 2020, p. 181.

⁸⁹ BADARÓ, Op. Cit. 2020, p. 184.

“nova direita” deu-se fundamentalmente nas redes sociais, por meio das plataformas digitais e outros espaços midiáticos não mais redutíveis a televisão. Neste caso, o Brasil Paralelo conseguiu aproveitar o momento e se projetar em espaços midiáticos, em destaque no *YouTube* e na própria Plataforma da empresa.

Neste ponto específico de tentar compreender as organizações da chamada “nova direita”, o capítulo seguinte buscou entender as principais formas de atuação e organização de sujeitos coletivos representados por esses grupos e por esse fenômeno brasileiro e mundial das direitas, entendendo-o o processo de fascistização como parte do projeto político-ideológico desses grupos/sujeitos. É o que veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2:

“BRASIL PARALELO” – UM APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA DA “NOVA DIREITA” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Em entrevista ao jornal “Gazeta do Povo”, publicado por Leonardo Desideri em setembro de 2020 – com o título “Brasil Paralelo quer 1 milhão de membros até 2022 e mira o ramo do entretenimento” – o diretor executivo e sócio fundador de B.P., Henrique Viana, falou sobre o projeto de ampliação das atuações e o foco da empresa até 2022. Nela, revelou que

[...] o número de membros de sua plataforma online aumenta em ritmo muito veloz, especialmente nos últimos meses: entre dezembro de 2019 e setembro de 2020, houve um salto de 15 mil para 112,1 mil assinantes. A meta é chegar a 1 milhão de membros até dezembro de 2022 e planejando se enveredar também nesse ramo, tornando-se uma concorrente de plataformas como a Netflix.⁹⁰

Em outra matéria, publicada em março de 2020 pelo *The Intercept Brasil*⁹¹, intitulada “*Todos dessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo. A maioria recebeu*”, temos uma explanação que não apenas corrobora a afirmação de Viana, como desdobra o que levantamos ao final do capítulo anterior:

O canal Brasil Paralelo (@brasilparalelo) é um projeto alinhado ao bolsonarismo que foi para outro patamar depois da última eleição a especialidade do grupo é produzir documentários sobre filosofia, política e economia, sempre deturpando a História e fazendo abordagens com viés de extrema direita. A divulgação incessante dos vídeos pela máquina bolsonarista ampliou o alcance do site. O Brasil Paralelo hoje, além de faturar com a monetização dos vídeos no YouTube, onde conta com mais de 1 milhão de seguidores, está vendendo cursos a preços bem salgados. O grupo conta com uma plataforma própria, exclusiva para assinantes. Durante a última campanha presidencial, o canal ajudou na tática bolsonarista de descredibilizar as eleições, publicando um vídeo repleto de informações falsas que supostamente comprovariam uma fraude nas eleições de 2014. A mentira foi desmascarada pelo Projeto Comprova, mas já tinha sido vista por mais de 2 milhões de pessoas. Com Bolsonaro no poder, o Brasil Paralelo passou a ganhar muito espaço no MEC. A TV Escola, aquela que Bolsonaro pretendia fechar, tem transmitido o conteúdo do canal em sua programação. A série “Brasil: a última cruzada”, do Brasil Paralelo, foi transmitida na íntegra pela TV Escola. O

⁹⁰ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-paralelo-1-milhao-membros-2022/>. Acesso em: 18/09/2020.

⁹¹ Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/>, Acesso em: 04/05/2020. Duas coisas chamaram nossa atenção: a primeira, um dos sócios fundadores do B.P. Henrique Viana, está ao lado de figuras bastante presentes dentro do governo Bolsonaro (caso do youtuber recém cancelado Allan dos Santos e seu “Terça Livre”) e, a segunda, o título controverso da matéria, pois, como vale lembrar, em entrevistas e início de todos os seus documentários os sócios costumam destacar que não aceitam dinheiro público e todos os seus vídeos são iniciativas de assinaturas de seus membros.

bolsonarismo aparelhou uma emissora pública para divulgar revisionismo histórico de quinta categoria, sempre com o viés católico e reacionário ensinado por Olavo de Carvalho.

Utilizamos como ponto de partida essas duas matérias vinculadas diretamente ao Brasil Paralelo, com o objetivo de analisar as principais formas de atuação da empresa, os *modus operandi*, principais “intelectuais”, os grupos/sujeitos e outras organizações da chamada “nova direita”, a partir de um processo de fascistização marcado pelo contexto reacionário-conservador no Brasil, que busca atualização e organização de várias “frentes” das direitas brasileiras. B.P. (o uso a partir de agora) pode ser considerada uma delas.

1.1. Brasil Paralelo: origens, formação e desdobramentos

O primeiro registro institucional ligado ao B.P. foi realizado no dia 09 de agosto de 2016, cadastrado com o CNPJ 25.446.930/0001-02 com a “razão social” (empresa) “LHT Higgs Produções Audiovisuais Ltda”, em meio ao contexto do golpe político-midiático-empresarial e, curiosamente, no mesmo dia em que o Senado seguia na penúltima etapa do processo de impeachment de então presidenta Dilma Rousseff, veio a lume Brasil Paralelo – pequena empresa (na época) “nascida” em Porto Alegre, e atualmente com sede em São Paulo (capital), desde 2018, no contexto de ascensão da extrema-direita. A iniciativa contou com três jovens “empreendedores” de cariz direitista (extremada) – Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem – que viam nesta empreitada a possibilidade de realizar o que chamaram de “missão”.

De acordo com postagem na página do “*Linkedin*” do B.P., podemos vislumbrar a referida “missão” atribuída ao novo empreendimento passados quase 5 anos:

[..] A nossa missão é resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. Produzimos documentários, filmes, séries, trilogias, cursos e podcasts. O foco do conteúdo é informativo e relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Toda a produção é feita de forma independente, apartidária e isenta, cujo objetivo principal é oferecer ao público um conteúdo baseado em um grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas. As produções cinematográficas tratam de política, história, filosofia, economia, educação, arte e atualidades. Trata-se de uma empresa de comunicação cujos materiais são de caráter documental e historiográfico. Começamos em uma sala improvisada, e com apenas 5 pessoas entregamos nosso primeiro lançamento. Hoje, atingimos um novo patamar. São mais de 100 pessoas trabalhando dia e noite para entregar em tempo recorde todo o conteúdo que oferecemos. Em 2020, conseguimos entregar mais de 25 produções, todas de graça. Alcançando mais de milhões de pessoas. Todo o faturamento do Brasil Paralelo provém da venda de cursos e conteúdos exclusivos para assinantes. A monetização de vídeos no YouTube nunca foi uma fonte de recursos e não há qualquer financiamento de órgãos públicos ou subsídios fiscais. Reinvestir o valor da assinatura dos nossos membros em

equipamentos de ponta, estúdio e equipe, aprimorando cada vez a capacidade de entrega da Brasil Paralelo.⁹²

Com o objetivo de “resgatar” supostos valores, ideias e sentimentos “varridos” de todos os brasileiros pelos partidos, movimentos e intelectuais de esquerda. Esses valores, como definem os sócios-fundadores, estão relacionados com uma ideologia de mercado e com projetos ligados ao conservadorismo-ultraliberal. Tal resgate dos “bons valores” no “coração de todos os brasileiros” é um outro modo passional, conquistador de dizer a quem pretende combater o “avanço” comunista, a suposta hegemonia cultural da esquerda. Reafirmando, o debate das teses conspiracionistas e negacionistas, através das narrativas presentes em suas produções. É o que querem defender, um misto de glorificação do “mercado” com a restauração de valores morais e patrióticos (defendem a história “verdadeira” - memorialista, porém ocultada pela esquerda). Esse discurso e narrativa ganhou projeção a partir de 2015 e principalmente, até a ascensão da direita radical.

A proposta inicial do B.P. era organizar as falas dos convidados em formato de “entrevistas com os especialistas sobre o cenário atual”, visto que este encontrava-se cravado na conjuntura de 2016, de modo que as entrevistas reunissem pautas em comum. Relataram que não se identificaram com a primeira gravação da produção de que o formato não funcionaria, já que os entrevistados abordaram diferentes pautas. Diante disso, optaram por mudar o formato da produção, pois, o objetivo consistia em atingir um público jovem e com acesso à internet, principalmente à plataforma, *YouTube*. Segundo Valerim: “foi aí que surgiu a ideia de transformar essas entrevistas em uma série de documentários que conectam as diferentes pautas sobre a situação política do Brasil, em uma narrativa didática, mas que também fossem comoventes”.⁹³

Na mesma entrevista, Valerim explicou as origens para o nome “Brasil Paralelo”. Segundo ele, “o projeto mudava de nome toda semana, passando por “Brado” (palavra presente no hino do Brasil), Paralelo 15 (paralelo que passa por cima de Brasília)”. A “inspiração” para o nome surgiu, em definitivo, do filme do cineasta Christopher Nolan, ídolo dos sócios fundadores, chamado “Interestelar” (2014). Nesse filme, a personagem principal (interpretada pelo ator Matthew McConaughey) precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo “paralelo” que salvaria a espécie humana.

⁹² Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/brasil-paralelo/about/>. Acesso em: 21/01/2021.

⁹³ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 20/05/2021.

As aberturas das produções de Brasil Paralelo seguem o formato descrito por Valerim, quando ele inicia sua fala com descontentamento e ataques aos setores da esquerda. O logo da empresa tem um formato de buraco de minhoca justamente para ter a ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela: como aponta o mesmo Valerim, “paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia” (IDEM).

Os três sócios consideraram o ano de 2014 “*um despertar de consciência aos brasileiros*”. Segundo Valerim, a principal motivação em criar o Brasil Paralelo dois anos depois foi o cenário político de 2014.⁹⁴

De acordo com Messenberg, “a atual cosmovisão da direita no Brasil, compreendida como um universo multidimensional, o qual abarca diferente, tonalidades ideológicas e emissões discursivas, exige esforço e cuidado redobrados do pesquisador para a sua decifração”⁹⁵. A autora identificou por meio da opinião de formadores nas manifestações de 2015, três campos semânticos centrais no discurso das direitas brasileiras: o “*antipetismo*”, o “*conservadorismo moral*” e os “*princípios neoliberais*” — podemos ter como ponto de partida que os três pontos aparecem nos discursos dos sócios fundadores do B. P. e os seus principais convidados, inicialmente, sendo construídos através das redes sociais e difundidos em blogs, canais e páginas no *Facebook*.

A primeira publicação feita pelo B.P. ocorreu nos dias 04 e 05 de novembro de 2016 – como acusado pelo sítio ‘web’ *Internet Archive Wayback Machine* – era um material audiovisual, dividido em seis partes, com temáticas relacionadas à história, política e economia, intitulado “Congresso Brasil Paralelo”.

A produção contou com a participação de figuras da chamada “nova direita” que antes de participar desta empreitada já atuavam em espaços midiáticos e institutos empresariais – caso, por exemplo, de Olavo de Carvalho, que escrevera na Folha de S. Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época, Zero Hora e Diário do Comércio, e o seu principal veículo de atuação, o *Mídia Sem Máscara*⁹⁶; do então deputado

⁹⁴ [...] as pessoas estavam emocionalmente envolvidas com o processo político, mas, havia uma carência enorme em compreender o cenário, parte da população estava adormecida ou comprometida com uma hegemonia cultural de esquerda, embora ele, Viana e Ferrugem percebessem alguns sobreviventes nesse campo de batalha, tais como, “professores, políticos, pesquisadores, filósofos, historiadores, profissionais referências e podereria contribuir de forma mais lúcida com a análise.

⁹⁵ MESSEMBERG, D. SOLANO, E. ROCHA, Camila. Orgs; Op. Cit. 193.

⁹⁶ Segundo Patschiki, o *Mídia Sem Máscara*, “se constituiu em 2002, no contexto das eleições presidenciais que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, apresentando-se como um observatório de imprensa, sob a responsabilidade de seu principal organizador, Olavo de Carvalho. Este propunha através do *Mídia Sem Máscara* agrupar uma série de intelectuais de direita em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. Após aquela eleição houve rápida ascensão anticomunista na mídia brasileira, elemento de pressão sobre o Partido dos Trabalhadores para que cumprisse os compromissos assumidos com a burguesia e o

federal Jair Bolsonaro, que participou de programas na TV aberta como CQC (Custe o que Custar), Pânico na Band e o programa da apresentadora Luciana Gimenez, o Superpop; do Presidente do Instituto Mises Brasil, Helio Beltrão; de Marcel Van Hattem, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e filiado ao Partido Novo;⁹⁷ de Arthur Moledo do Val, deputado estadual e youtuber, conhecido pelo pseudônimo “mamãe falei” e integrante do MBL; Eduardo Bolsonaro, deputado federal e o filho “03” do atual presidente, entre outros. Segundo a descrição da produção, “o objetivo era realizar o maior diagnóstico já feito — até então — sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil”, o diagnóstico feito pela “nova direita”, conservadora nos costumes e liberal na economia.

A ideia de criar o B.P. foi realizada no contexto marcado pelo avanço da agenda capitalista financeirizada e ultraliberal, na qual a articulação de políticas contrarreformistas (trabalhista, previdenciária, educacional, científica) com o propalado discurso ideológico do “empreendedorismo” constituía o leitmotiv para que jovens da pequena burguesia urbana das grandes e médias cidades brasileiras “surfassem” na onda reacionária-conservadora apoiadas no discurso antipetista, “anticomunista”, lavajatista e moralizante, após a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014.

Naquele contexto, após dois anos de intensas mobilizações e manifestações, a “direita ressentida” buscava uma figura para eleger o seu “herói ou mito”, esses grupos não pararam até chegar a alcançar a destituição de Dilma Rousseff, onde encontraram na figura polêmica de Jair Bolsonaro um “salvador da pátria” que lutaria contra o “comunismo brasileiro implantado pelo PT dentro das Universidades e no campo da cultura.” Além disso, já havia uma intensa mobilização nas redes sociais por parte dessa “nova direita”, como o MBL, Vem pra Rua, Endireita Brasil, Canal da Direita, entre outros, e o forte crescimento de Deputados/as eleitos com esse discurso. Segundo Camila Rocha:

Sentindo-se pouco representados/as em ambientes acadêmicos, na mídia tradicional e na política institucional, os/as defensores/as radicais do livre mercado encontraram na internet um refúgio a partir do qual, com o apoio organizacional e

imperialismo. Explicação que não é suficiente para caracterizar o avanço de um movimento organizado de tipo fascista, que iremos analisar através dos limites do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para o espectro fascista da sociedade, um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes. O Mídia Sem Máscara partiu destas bases militando por um projeto fascista ainda não plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjuntura.” Para saber mais: Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/1789>. Acesso em: 25/02/2021.

⁹⁷ O Partido Novo, cuja a principal liderança é João Amoêdo, ex-executivo do mercado financeiro, surgiu em fevereiro de 2011 e obteve seu registro oficial em novembro de 2015. O partido defende uma plataforma liberalizante baseada em uma maior autonomia e liberdade do indivíduo e na redução das áreas de atuação do Estado. Para saber mais <<https://novonacamara.com.br/bancada/quem-somos/>. Acesso em 25/02/2021.

financeiro de uma rede preexistente de organizações, passaram a se organizar na sociedade civil, fomentar ações coletivas nas ruas e lançar candidaturas políticas com o intuito de, em suas próprias palavras, ganhar corações e mentes e disputar a hegemonia contra os/as esquerdistas. Ainda que a organização paulatina de uma militância de base a partir da constituição de um contrá público ultraliberal formado a partir da internet tenha sido fundamental para explicar acontecimentos políticos da maior importância que ocorreram em anos recentes, como a convocação dos primeiros protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff ainda em 2014 e a formação do Movimento Brasil Livre (MBL).⁹⁸

Com as intensas mobilizações das direitas radicais nas ruas e nas redes, a fundação B.P. coincidem com o contexto de acusações das chamadas “*pedaladas fiscais*” da chefe do executivo no Congresso Nacional – sob a liderança de um Presidente da Câmara dos Deputados (Eduardo Cunha) que meses depois seria preso por corrupção – e da aprovação do impeachment de Dilma Rousseff, que deu espaço para a posse do seu vice, Michel Temer. Temer, por sua vez, apresentou-se com um programa de máxima austeridade – embora travestido de “modernizador” na nomenclatura do programa (“Uma ponte para o futuro”) – e avançou bastante na retirada de direitos dos trabalhadores. Uma das primeiras medidas realizadas pelo seu governo foi a edição da medida provisória 746/2016 da reforma do ensino médio e a PEC do Teto dos Gastos. De acordo com o historiador Badaró Mattos:

Seu governo pautou-se por tentar levar o extremo à pauta mais agressiva do grande capital, voltada para a recuperação das taxas de lucros, centralmente através da redução de custos da força de trabalho e da transferência de fundo público ao setor privado. Operou sob um aparente paradoxo, por tratar-se de um governo sem votos (e, por isso, compromisso de “prestar contas” aos eleitores) e sem preocupações com indicadores populares. No entanto, a rejeição à figura e ao governo Temer acabaram por reforçar o rechaço de significativos setores da população que foi definido como “velha política” - um espantinho agitado pela ultradireita que incluía, em seu recheio, o conjunto de Partidos dirigentes desde o início da Nova República, do PT de Lula ao PSDB de FHC, passando pelo PMDB de Temer.⁹⁹

Foi a culminância de uma ação política que envolveu manobras parlamentares comandadas por Eduardo Cunha, colaboração ostensiva do poder judiciário, campanhas midiáticas orquestradas pelos grupos monopolistas que dominam o mercado da informação no país, combinadas ainda com mobilizações de parcelas significativas dos setores médios em algumas capitais do país, convocadas por organizações de direita financiadas interna e externamente para esse fim.

Ação que correspondeu a uma “mudança institucional promovida por uma fração do aparelho de Estado que utiliza para tal de medidas e recursos opcionais que não fazem parte

⁹⁸ SOLANO, Esther. ROCHA, Camila (orgs). Op. Cit. 2019, p. 124.

⁹⁹ BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020. p. 161-162.

das regras usuais do jogo político”, ou seja, um golpe. Há quem o explique como um “golpe de governo”, não “de regime”, porque permanecemos regidos pelas formas da “democracia representativa” e não passamos a viver sob uma ditadura. Ainda assim um golpe. Mas, toda manobra golpista no interior do Estado, por maior que possa ser a autonomia relativa de seus agentes e aparelhos, tem sempre um sentido de classe.

Aos poucos, ao longo de 2015 e 2016, o Partido dos Trabalhadores, aos olhos do empresariado brasileiro, passou a ser visto — não obstante, todos os seus vis esforços em provar o contrário — como um partido incapaz de implementar políticas ultraliberais e segundo Demier, “implementar as contrarreformas e o ajuste fiscal no grau, no ritmo e na intensidade exigidos pela crise econômica nos quadros de um capitalismo periférico e dependente.”¹⁰⁰ Provavelmente, tal visão do empresariado deve-se tanto “à existência de uma base petista sindical e popular, elemento inconveniente para que o partido executasse as impopulares contrarreformas e o radical ajuste,”¹⁰¹ quanto às mobilizações de junho de 2013, as quais demonstraram que, mesmo que ainda mantivesse o controle sobre os setores mais organizados do mundo do trabalho formal, “o PT perdeu a capacidade de dirigir/ controlar os jovens e massivos setores precarizados da classe trabalhadora que eventualmente poderiam vir a se levantar contra os inadiáveis planos de “austeridade.”¹⁰²

Com o contexto marcado por retrocessos e incertezas, as organizações das direitas no Brasil cresciam cada vez mais, principalmente, ao contar de 2015, definimos essas organizações a partir do léxico gramsciano, utilizando o conceito de aparelhos privados de hegemonia, nesse sentido, a nossa hipótese é que o Brasil Paralelo atua sendo um Aparelho Privado de Hegemonia. Sendo assim, precisamos destacar o conceito de aparelho ideológico na acepção gramsciana. De acordo com Guido e Voza no dicionário gramsciano:

Mas o que é o “aparelho hegemônico”? Como funciona? G. não responde diretamente a essa pergunta, mas dá uma série de “pistas” em alguns Textos B. No Q 6, 81, 752 [CC, 3, 235-6], escreve: “Unidade do Estado na distinção dos poderes: o Parlamento, mais ligado à sociedade civil; o Poder Judiciário, entre Governo e Parlamento, representa a continuidade da lei escrita (inclusive contra o Governo). Naturalmente, os três poderes são também órgãos da hegemonia política, mas em medida diversa: 1) Parlamento; 2) Magistratura; 3) Governo. Deve-se notar como causam no público impressão particularmente desastrosa as incorreções da administração da justiça: o aparelho hegemônico é mais sensível neste setor, ao qual também podem ser remetidos os arbítrios da polícia e da administração política”. O aparelho hegemônico está ligado à articulação estatal propriamente dita. Mas o conceito de Estado integral ainda não parece plenamente operante. Ainda uma vez, “aparelho hegemônico”, como no Q 1, 48, surge num contexto voltado à formação

¹⁰⁰ DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.

¹⁰¹ DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.

¹⁰² DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.

da opinião pública, certamente não deixada a uma volátil “batalha de ideias”, mas organizada por uma precisa “estrutura” (em outro lugar G. fala de “estrutura ideológica” para indicar tudo aquilo que forma a “opinião pública”). No mesmo Q 6, de fato, vemos: “Numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo – natural e contratual ou voluntário –, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido estritamente como aparelho governamental-coercivo” (Q 6, 136, 800 [CC, 3, 253]). O “aparelho hegemônico” é uma “sociedade particular” (formalmente “privada”), que se torna o equivalente do “aparelho governamental-coercivo” do “Estado integral”: “força” e “consenso” possuem ambos os respectivos aparelhos, e já está delineado o “Estado integral” como unidade-distinção de sociedade civil e Estado tradicionalmente entendido.¹⁰³

Gramsci começa a elaborar seu conceito de hegemonia, novo em relação àqueles destacados nos escritos pré-carcerários, no final do Caderno 1 (1929-1930). Nas palavras de Guido e Voza:

No que diz respeito ao significado que deve ser atribuído a “hegemonia”, desde o início (Q 1, 44, 41), G. oscila entre um sentido mais restrito de “direção” em oposição a “domínio”, e um mais amplo e compreensivo de ambos (direção mais domínio). Com efeito, ele escreve que “uma classe é dominante em dois modos, isto é, é ‘dirigente’ e ‘dominante’. E dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Portanto, uma classe desde antes de chegar ao poder pode ser ‘dirigente’ (e deve sê-lo): quando está no poder torna-se dominante, mas continua sendo também dirigente. A oscilação prossegue nos apontamentos sucessivos, criando não poucas dificuldades interpretativas, que podem ser explanadas pelo menos em parte fazendo referência ao contexto. No Q 1, 48, 59, por exemplo, entre “exercício ‘normal’ da hegemonia no terreno que se tornou clássico do regime parlamentar [...] caracterizado por uma combinação da força e do consenso que se equilibram” (hegemonia como direção mais domínio), e situações nas quais “o aparelho hegemônico racha e o exercício da hegemonia torna-se sempre mais difícil” (hegemonia versus domínio).¹⁰⁴

Segundo o cientista político Alvaro Bianchi, o ponto de reflexão sobre hegemonia apareceu *Caderno do Cárcere* no primeiro caderno:

Num sugestivo parágrafo intitulado “Direção política de classe antes e depois de chegar ao governo”. É um parágrafo destinado a discutir as forças políticas presentes no Risorgimento italiano, o processo de unificação da península e a construção de um moderno Estado nacional. Esse processo se estendeu de 1848 a 1871 e teve a peculiaridade de ter sido dirigido por uma força estatal, o Piemonte. Gramsci discute nesse texto a hegemonia exercida no Risorgimento pelo partido dos moderados do Piemonte, liderado pelo conde de Cavour e pelo rei Vittorio Emanuele II, bem como o papel subalterno do Partito d’Azione, de Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi.¹⁰⁵

¹⁰³ LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo. 2017. p. 76-77.

¹⁰⁴ LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). Op. Cit. 2017, p. 722.

¹⁰⁵ BIANCHI. Alvaro. Op. Cit. 2018.

Como podemos observar, o exercício da hegemonia articula-se aos aparelhos ‘privados’ de hegemonia (APH), ou seja, instituições criadas para formação do consenso, coerção, direção e dominação. Como aponta Casimiro, "nesta matriz, não há hegemonia ou direção política ideológica sem o conjunto de organizações materiais que compõem a sociedade civil enquanto esfera do ser social que, por sua vez, ampliam o Estado".¹⁰⁶

Conseqüentemente, a construção da hegemonia de determinado grupo e sua visão de mundo é um processo dinâmico e contínuo, que carece constantemente de atualização e reelaboração para sua revitalização e permanência. A hegemonia não constitui-se num fim, mas no momento dessa dinâmica que, de um lado, precisa criar os seus próprios mecanismos de atuação, e de outro, precisa manter as suas formas de atuação.

Segundo verbete contido no Dicionário Gramsciano, a referência mais precisa ao conceito de aparelho hegemônico, no entanto, aparece no Caderno 10, (cf. LIGUORI & VOZA, 2017, p.46). Aqui, a ideia de aparelho hegemônico é articulada à uma concepção nova de ideologia. Um “aparelho” serve para criar um “novo terreno ideológico”, ao afirmar uma “nova consciência do mundo”:

A proposição contida na introdução à Crítica da economia política, segundo a qual os homens tomam consciência dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias, deve ser considerada como uma afirmação de valor gnosiológico e não puramente psicológico e moral. (...) A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico.¹⁰⁷

Observamos aqui que a instalação de um aparelho hegemônico é igual a uma “reforma moral ou intelectual”: na medida em que cria um novo terreno ideológico resulta uma reforma na consciência e nos métodos de conhecimento. Segundo Bianchi (2018), “é sempre da política que Gramsci está falando quando usa a noção de hegemonia”. Sendo assim, a hegemonia é fruto da disputa de classes para a implementação de seu projeto hegemônico: são as classes, ou frações de classes, que lutam pela direção dos projetos sociais com o objetivo de conquistar (dominar) posições estratégicas nas relações ampliadas do Estado com os aparelhos ‘privados’ na sociedade civil.

Neste sentido, Gramsci aponta para o processo diversificado de ampliação do Estado, pela expansão e absorção dos aparelhos privados de hegemonia (APHs), ou a conexão entre a sociedade civil e o Estado. Ou seja, no âmbito da sociedade civil as classes ou frações de classes organizam suas vontades coletivas tomadas em suas inúmeras e contraditórias

¹⁰⁶ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 21.

¹⁰⁷ CC 10, §12, v.1, p.157-158.

vertentes. Gramsci buscou compreender a própria forma de ser social do âmbito da vida considerada como “privada” na sociedade capitalista. Nessa discussão, compreendemos a atuação do B.P. como organizador “pedagógico” de determinadas discussões em torno de narrativas históricas como forma de legitimar seu discurso e sair em defesa da agenda conservadora-ultraliberal. Voltemos então a B.P.

O primeiro sócio fundador, Henrique Leopoldo Damasceno Viana. Nascido em Porto Alegre, estudou engenharia elétrica, administração de empresas e é membro do conselho diretor da *Junior Achievement* do Rio Grande do Sul. “A *Junior Achievement* atende, todos os anos, mais de 4 milhões de estudantes espalhados por todos os estados do Brasil com seus programas de educação financeira, preparação para o mercado de trabalho e empreendedorismo.¹⁰⁸ Segundo a entrevista concedida para *Revista Esmeril*¹⁰⁹, o sócio fundador comentou sobre “*as fontes inspiradoras para o projeto sair do papel*”:

Henrique Viana – Em 2013, digo por mim – e acho que também posso falar pelos meus sócios, Lucas e Filipe – foi quando realmente começamos a estudar. Ficamos naquela sensação de querer saber o que estava acontecendo e percebemos o quanto éramos ignorantes da situação. Lembro que as primeiras referências foram a do Instituto Mises Brasil (organização ultraliberal fundada por Fernando Fiori Chiocca, Cristiano Fiori Chiocca e Hélio Coutinho Beltrão), baseadas nas ideias liberais austríacas. Eles tinham muitos artigos sobre economia e filosofia, fáceis de se absorver – e vendíamos livros, também. Aprendemos muito com eles para sair um pouco da matrix. Outra fonte principal foi o COF (Cursos Online de Filosofia), e os vídeos do (autor e filósofo) Olavo de Carvalho no YouTube. Sempre tivemos essa dupla referência, conservadora e liberal. Até hoje perguntam...o que vocês são? São Olavistas? Nós respondemos sempre que somos estudantes. Já em 2015, começamos a promover encontros e palestras sobre esses temas e levamos um pouco desse conhecimento às pessoas que apenas estavam nas ruas contra a esquerda e não tinham muita bagagem. Tínhamos uma certa pretensão ingênua de ser professor da turma, mas na verdade achamos que poderíamos passar algo para as pessoas.¹¹⁰

Segundo a citação acima, “a ideia dos sócios era organizar uma determinada turma para debater o que estava acontecendo no Brasil naquele contexto de 2015,” influenciados por Olavo de Carvalho e Hélio Beltrão, os sócios tinham a intenção de promover algo há mais para as pessoas, visando o B.P.. no ano de seu surgimento, tal intenção é produzir consenso e formar quadros intelectuais que compactuam com seus ideais, suas visões de mundo e o seu

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.jarj.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21/01/2021.

¹⁰⁹ Segundo o site eletrônico: (<https://revistaesmeril.com.br/>): *ESMERIL* é uma revista mensal interessada em delinear a identidade da direita brasileira e caminhar na contramão do espírito deturpado do atual jornalismo. Disponível em: <https://revistaesmeril.com.br/>. Acesso em: 21/01/2021.

¹¹⁰ Disponível em: <https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/>. Acesso em: 21/01/2021.

projeto político ideológico-conservador. Justamente, no contexto da ascensão conservadora e da organização das direitas brasileiras, nas redes e nas ruas.

Fundada em 1919 nos Estados Unidos, a *Junior Achievement (JÁ)* é a maior e mais antiga organização de educação prática em negócios, economia e empreendedorismo do mundo.¹¹¹ Atualmente está presente em 120 países e, no Brasil, possui unidades em todos os Estados e no Distrito Federal.

Apresentada como uma associação educativa “sem fins lucrativos”¹¹², a JA é mantida pela iniciativa privada e tem o objetivo de despertar o espírito empreendedor nos jovens, ainda na escola, estimulando o seu desenvolvimento pessoal, proporcionando uma visão clara do mundo dos negócios e facilitando o acesso ao mercado de trabalho.¹¹³ Segundo consta em seu site:

A Missão: inspirar e preparar jovens, despertando seu espírito empreendedor para serem bem sucedidos na sociedade e em uma economia globalizada, transformando-os em cidadãos qualificados e realizados, que possam contribuir positivamente para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Visão: em 2020, 10 milhões de jovens inspirados e preparados para serem bem sucedidos na sociedade e em uma economia globalizada.

Valores: integridade, Ética, Perseverança, Coragem, Sensibilidade, Sustentabilidade, Criatividade, Pertencimento, Paixão.¹¹⁴

São essas “iniciativas”, “missão” e “projeto” que o B.P. expõe dentro do seu APH, debatem o seu projeto político ideológico-ultraliberal-conservador. Seguindo a mesma lógica da empresa *Junior Achievement (JÁ)*. É neste espaço de formação de “jovens empreendedores” onde ocorreu a primeira influência do sócio fundador Henrique Viana. A *Junior Achievement*, age por dentro do Estado (restrito), pautando um modelo de educação empresarial que precisa ser levada para as salas de aulas: tal estratégia de atuação assemelha-se muito com a estratégia adotada pela BP, ao dividir as aulas por temáticas ligadas à educação e ao próprio “núcleo de formação” divididos em módulos por “professores especialistas do tema, portanto, a *Junior Archive*, serviu como “treinamento” para Viana.

O segundo sócio-executivo e diretor de produção do B.P., Filipe Valerim, é um dos responsáveis por apresentar desde 2016 as produções do APH, em espaços midiáticos e em

¹¹¹ Disponível em: <https://www.jarj.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21/01/2021.

¹¹² A Junior Achievement, também conta com o apoio político e financeiro das empresas e organizações internacionais/transnacionais, tal como a ANCAR IVANHOE, GRUPO GERDAU, INSTITUTO CYRELA, ALMAVIVA, AMERICAN TOWER, BANK OF AMERICA, MERRILL LYNCH, FEDEX EXPRESS, FRANKLIN TEMPLETON INVESTMENTS, GOL, INSTITUTO SEB, INSTITUTO ALCOA, KPMG, SICREDI, dentre outros. Disponível em: <https://www.jabrasil.org.br/nossos-parceiros>. Acesso em: 21/01/2021.

¹¹³ Disponível em: <https://www.jarj.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21/01/2021.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.jarj.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21/01/2021.

Institutos. Segundo o *podcast* do Valerim para o Instituto Mises Brasil, “o meu primeiro contato foi com as palestras do Mises Brasil, o Hélio Beltrão é um cara muito próximo. Foi através de um livro, as seis lições do Ludwig von Mises que estavam sendo distribuídos na faculdade, fiquei curioso com esse assunto e li o livro e passei a me interessar sobre esse assunto.”¹¹⁵

A partir desse momento, eu e os meus sócios começamos a entender as pautas que estavam sendo discutidas através dos canais de internet, não era um pessoal que tinha grande espaço no seu veículo de mídia tradicional, mas que estavam formando opinião de muita gente.¹¹⁶ Ou seja, a tática de atuação adotada pelos sócios do B.P. para escolher os seus “mentores” depende muito da atuação de seus intelectuais fora de espaços midiáticos tradicionais e mais, em canais, *blogs* e redes virtuais pessoais.

Seguindo a mesma entrevista, Valerim “comentou as perspectivas de futuro para o B.P. depois da experiência de produzir documentários históricos aquilo de fato acontece e como de fato existem milhares de narrativas que vão levando para um lado e para o outro, e as pessoas tentam interpretar as coisas de acordo com seus interesses.”¹¹⁷ Para ele, “necessitamos de um trabalho de curadoria e um resgate da verdade. Segundo o sócio, “em 2025 espero que esteja um pouco de caminhada o nosso resgate histórico, muitos anos de construção histórica foi feita.” O nosso propósito é trabalhar no resgate do significado da cultura. O Mises Brasil influenciou o início do Brasil Paralelo.”¹¹⁸

O sócio já atuou durante onze meses entre o período de 2015 até 2016, como Diretor de Expansão no Instituto IBN Coaching em Porto Alegre, segundo a descrição do Instituto:

O IBC tem um leque de soluções corporativas. Nosso diferencial está em oferecer um modelo de treinamento único e customizado, ou seja, com soluções sob medida para sua empresa. Nesse sentido, mapeamos as demandas de desenvolvimento dos profissionais, identificadas pela Universidade Corporativa ou pela área de RH/Treinamento da organização, para construirmos em conjunto com a empresa, soluções de desenvolvimento e treinamento humano, que agreguem novas competências e habilidades profissionais, emocionais e também valor.¹¹⁹

Podemos perceber antes de atuar e fundar o B.P., Valerim igual o seu outro sócio, Viana, passou por outro Instituto, portanto, com essa bagagem e “treinamento” os sócios do

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em: 15/06/2021.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em: 15/06/2021.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em: 15/06/2021.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em: 15/06/2021.

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/>. Acesso em: 15/06/2021.

B.P. já estavam influenciados por uma visão e concepção de mundo. Visão essa, pautada na ideologia de mercado e no discurso empreendedor.

Em entrevista ao Boletim da Liberdade (2018), Valerim destacou a importância em *"expandir a consciência dos brasileiros"* por meio dos materiais do APH. Não por acaso, o Brasil Paralelo escolheu temáticas relacionadas com a educação para produzir consenso, visto que, percebemos outros APHs (empresariais) disputando o campo educacional com o objetivo de pautar o que deve ou não ser ensinado dentro da sala de aula. Tal atuação tem resultado, em termos concretos, no desmonte da educação pública e gratuita, nas políticas de sucateamento como estratégia para a viabilização da privatização das universidades e institutos federais, e nos ataques ostensivos ao trabalho docente com base em discursos e diretrizes ancorados no projeto Escola Sem Partido (ESPM) em uma "suposta" guerra contra o marxismo cultural.

O terceiro e último sócio fundador do B.P., é o gaúcho Lucas Ferrugem. Segundo Viana, "Ferrugem é responsável pela linha editorial da empresa. Pelo conteúdo de marketing e de arte".¹²⁰ Lucas, além de ser o sócio fundador também atua ministrando aulas dentro do B.P., no núcleo de formação, principalmente, coordenando aulas de História e Política.¹²¹

1.2. "Fórum da Liberdade": palco mobilizador das direitas brasileiras

Não é possível analisar o lugar ocupado por B.P. na atual concertação das frações das classes dominantes e dos grupos e movimentos representativos das "direitas" no Brasil sem falarmos do chamado "Fórum da Liberdade". O Fórum, a perspectiva analisada por Casimiro, "pode ser compreendido como um evento catalisador da ideologia neoliberal, libertária e liberal conservadora no país nas últimas décadas."¹²² Pode-se dizer, aliás, que foi dentro dele que B.P. desenvolveu-se e passou a se estruturar como APH de cariz conservador e ultraliberal.

O Fórum da Liberdade surgiu em 1988, no contexto de organização da burguesia brasileira em sua estratégia de redefinição e atualização da sua base política-ideológica a partir do processo de redemocratização, em uma sociedade civil cada vez mais ocidentalizada. O Fórum é organizado pelo IEE (Instituto de Estudos Empresariais) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O IEE tem levado representantes de importantes organizações liberais e

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s>. Acesso em: 23/06/2021.

¹²¹ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/nucleo-de-formacao>. Acesso em: 23/06/2021.

¹²² CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 76.

libertárias dos Estados Unidos e da América Latina. Como aponta Flávio Casimiro, o “Fórum da Liberdade reúne palestrantes, autoridades e representantes de mais de uma centena de organizações liberais de todo o mundo.”¹²³

Naquele contexto de redefinição da estratégia por parte da burguesia brasileira de amplos setores, principalmente a forte influência do empresariado em espaços públicos, é que temos a constituição de inúmeros aparelhos de atuação política e ideológica dos diferentes segmentos das direitas brasileiras, mas que possuem a mesma função de produção e conformação de consenso no âmbito da sociedade civil, já afirmados pela teoria gramsciana.

Iremos nos concentrar nas estruturas organizativas do empresariado brasileiro que tiveram um importante papel na produção de conteúdos e disseminação dos valores característicos dessa “nova direita”. Segundo Dreifuss, “o empresariado já demonstrava, em 1985, que estava se preparando para influenciar a configuração da futura Assembleia Constituinte”.¹²⁴ Naquele momento, o empresariado precisava obter consenso e sincronizar a capacidade empresarial dos vários setores e associações empresariais, lutando, por um lado, contra a omissão de muitos e, por outro, procurando unificar os interesses da burguesia brasileira.

Por isso, a fragilidade das direitas naquele momento fez com que o empresariado procurasse outras formas de obter um “colchão” de apoio social. Assim, o seu objetivo foi alcançar o meio sindical e trabalhador, o que foi importante para lançar desafios e ações derivativas, que se engajaram nestes setores em lutas paralelas. Um exemplo, de acordo com Dreifuss, foi o esforço de montar um ‘pacto social’ em 1986, o primeiro de uma série de tentativas. O ‘pacto’ era uma necessidade política e econômica. Buscando, com as figuras ditas ‘moderadas’, a estabilização do quadro econômico”.¹²⁵ Como bem examinado por Virgínia Fontes, “como se observa, um contexto de intensas lutas de classes explícitas e claramente organizadas em âmbito nacional estava em curso na década de 1980”.¹²⁶

A partir daquele instante, teremos outras novas formas organizativas da burguesia brasileira. Segundo Casimiro, estavam sendo “conscientemente organizadas e executadas por empresários e intelectuais coletivos, que investem capital material e simbólico para defender sua posição dominante”. Sendo assim, frações da burguesia brasileira começaram suas articulações no sentido de reestruturar ou recriar novos mecanismos que os representassem

¹²³ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 317.

¹²⁴ DREIFUSS, René. Op. Cit. 1989, p. 58.

¹²⁵ DREIFUSS, René. Op. Cit. 1989, p. 65.

¹²⁶ FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 233.

em face de novas perspectivas de ação político-ideológica com abertura do bloco no poder durante a “transição democrática”.¹²⁷

A burguesia brasileira passou a se organizar e atuar por dentro do Estado (restrito) e na sociedade civil, no sentido de promover a ingerência dos aparelhos privados de hegemonia. Assim, o que se viu no Brasil ao longo do processo de “redemocratização” foi a expansão de aparelhos de ação político-ideológica da burguesia, com o objetivo expresso de “domesticar” a classe trabalhadora e aplacar a luta de classes, por meio da criação de ONGs, associações sem fins lucrativos e a ampliação desses aparelhos.¹²⁸

De acordo com Fontes, “[...] boa parte dos setores populares se debatiam com dificuldades de organização, sobretudo quanto a recursos, o que favorecia a expansão de ONGs, atuando através da captação de recursos externos e, em seguida, de fundos públicos.”¹²⁹ Para tal, as organizações têm seus intelectuais orgânicos, uma gama de especialistas que realizam palestras, cursos de formação, escrevem em colunas em jornais, revistas de grandes imprensa, escrevem em blogs, buscando influenciar a opinião pública de acordo com os interesses da economia de mercado.

Neste caso, Mendonça destaca que a sociedade civil é marcada pelos conflitos de classe “uma vez que é em seu seio que se elaboram e se confrontam projetos distintos e até mesmo antagônicos, ficando claro, no pensamento gramsciano, que ela é a arena da luta de classes”,¹³⁰ assim como também é marcada por projetos em disputa, derivados de aparelhos de hegemonia distintos que em muitos casos pertencem a uma mesma classe ou fração dela. Dentro do processo de luta de classes, compreendemos a função dos APHs nos termos em que sinaliza Mendonça, cuja principal função seria de “construir o consenso das grandes massas pouco organizadas, de modo a obter sua adesão aos projetos articulados pelos grupos dominantes.”¹³¹

Como atuam na produção de consenso, como destacado anteriormente, os aparelhos privados de hegemonia possuem uma tripla função para frações de classe dominante ao qual representam seus interesses: a) de disputar hegemonia no interior de organização do processo de recomposição burguesa, em dimensão intraclasse; b) de disputar a produção de consenso no âmbito da luta de classes, construindo uma sociabilidade que vise a manutenção e o aprimoramento da visão de mundo burguesa, associado às forças de coerção no processo de

¹²⁷ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 29.

¹²⁸ NEVES, Lúcia. Op. Cit. 2005.

¹²⁹ FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 250.

¹³⁰ MENDONÇA, Sônia. Op. Cit. 2014, p. 36.

¹³¹ MENDONÇA, Sônia. Op. Cit. 2014, p. 35.

dominação; e c) construir projetos de políticas públicas universais e seus projetos de hegemonia particulares (privados), apoiados pelos governos e, sendo assim, em última instância, capturar e definir os sentidos da democracia liberal burguesa.

Tais aparelhos de ação política e ideológica, desenvolvem formas sofisticadas de articulação e atuação conjunta, buscando universalizar e naturalizar seus interesses de classe como consenso. Segundo Casimiro (2018), esta “nova direita” tem atualizado seus mecanismos de dominação através dos APHs, buscando universalizar e naturalizar seus interesses de classe como consenso. Atuam, através de três formas diferentes: pragmático, estrutural e doutrinário.

No sentido “*pragmático*”, Casimiro refere-se aos aparelhos da burguesia que agem elaborando diretrizes, intervindo no processo de constituição de políticas públicas, dentre outras maneiras. A principal arena para estas organizações foi a Assembleia Nacional Constituinte, para a qual financiaram campanhas, lançaram candidatos próprios e mobilizaram quadros de empresários urbanos e rurais. Já os aparelhos de “*ação estrutural*” são aqueles que, alicerçados em um projeto de poder – não raro apresentado como se fosse este o interesse de toda a sociedade – agem no interior do aparelho estatal, dentre os quais Casimiro analisa o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Instituto Atlântico, Grupo de Líderes Empresariais (LIDE) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). Por fim, no sentido “*doutrinário*”, refere-se aos aparelhos de difusão doutrinária liberal-conservadora que agem através da propagação das diferentes matrizes do pensamento liberal, promovendo também o recrutamento de intelectuais orgânicos. Desejam realizar sua doutrinação pautados pelos ditames do capital e da economia de mercado. Os APHs de ação doutrinária analisados por Casimiro são o Instituto Liberal (IL), Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Instituto Millenium (IMIL), Instituto Von Mises Brasil (IMB), Estudantes Pela Liberdade (EPL) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Portanto, desde os anos 1980, há um processo contínuo que se aprofunda na contemporaneidade de formação de uma “nova direita”, composta por segmentos burgueses liberais e ultraconservadores. É naquele específico momento que encontramos o Fórum da Liberdade, como bem aponta Casemiro”, um dos principais e mais divulgados eventos de difusão de valores conservadores e da concepção de mundo neoliberal e libertária realizada no Brasil”. O Fórum da Liberdade foi caracterizado pelos seus organizadores como:

Um dos maiores eventos de idéias das Américas. Direcionados a grandes empresários profissionais liberais, políticos, formadores de opinião, professores, estudantes e representantes dos meios de comunicação [...] propõe a análise de

questões sociais, políticas e econômicas buscando uma ampla discussão e proposição de alternativas e sugestões para uma sociedade mais livre e próspera. Assim, forjado na crença de uma nação plural e livre, o Fórum da Liberdade é uma iniciativa que fomenta a cultura no Brasil.¹³²

Este evento tem como instituição organizadora o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Aparelho doutrinário, fundado em 1984, no Rio Grande do Sul e que possui fortes conexões com outras organizações de atuação doutrinária, caso de um Instituto desenvolvido pelo empresariado de reflexão e aglutinação ideológica: o Instituto Liberal (IL). De acordo com o respectivo sítio de Internet, o IEE tem como “Missão”: “Formar Lideranças Empresariais que se comprometam com um Modelo de Organização Social e Política para o Brasil baseado no Ideal Democrático de Liberdade Individuais subordinadas ao Estado de Direito.” E ainda, a “visão” enunciada busca o reconhecimento do Instituto como “o melhor Centro de Desenvolvimento de Liderança Empresárias do Brasil.”¹³³

Nas palavras de Casimiro, "o IEE destaca-se pelo discurso ultraliberal, de influência da Escola Austríaca de Economia e a Escola Monetarista de Chicago, assim como, pelo conservadorismo ou mesmo reacionarismo no que se refere às pautas de caráter moral"¹³⁴. A parceria ideológica e programática entre eles, o IEE com apoio do IL, lançaram o Fórum da Liberdade em 1988.

Em geral, noções de liberdade permanecem fundamentais nos propósitos divulgados pelo IEE duas décadas depois de sua fundação. Considerando a concepção de “liberdade” para o IEE e para o Fórum da Liberdade, é preciso destacar uma observação a respeito da relação histórica existente entre esse conceito e o avanço do neoliberalismo na América Latina: não é possível defini-lo sem levar em consideração o processo que assenta também sobre a instrumentalização de “liberdade”. Pois, nos termos de Dardot e Laval, “a política conservadora e neoliberal pareceu, sobretudo, constituir uma resposta política à crise econômica e social do regime ‘fordista’ de acumulação do capital.”¹³⁵

Essa foi uma das razões determinantes para que o ideário se pudesse concretizar-se mundialmente, por meio de políticas de governos, a partir de fins dos anos de 1960, aprofundado com o valor exacerbado dos preços do petróleo em 1973. Esse foi também o

¹³² CASIMIRO, Flávio. **O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo**. ACESSO LIVRE, v. 1, p. 8-25, 2020.

¹³³ IEE (Instituto de Estudos Empresariais). Disponível em: https://www.iee.com.br/o_instituto/. Acesso em: 20/06/2020. Em 2008, a página do IEE exibia como “Visão”, que o Instituto fosse “como centro de excelência na formação de lideranças disponibilizando os Agentes da Mudança para uma Sociedade com mais Liberdade (econômica, política e intelectual)”.

¹³⁴ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. v. 1, p. 7.

¹³⁵ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit. 2016, p. 189.

contexto que possibilitou a difusão ideológica do projeto neoliberal e sua significação do conceito de liberdade.

Os anos 1980 foram marcados, no Ocidente, pelo triunfo de uma política ultraconservadora e neoliberal. Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam o rompimento com o “welfarismo” da social-democracia e a inserção de “novas políticas” que supostamente poderiam superar a inflação desenfreada, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento. O programa político de Thatcher e Reagan, apropriado por grande número de governos e continuado por organizações internacionais – como o FMI e o Banco Mundial – apresentam-se (em tese) como um conjunto de respostas a uma situação que se considera “ingerível.”¹³⁶

O avanço das ideias neoliberais ocorreu somente décadas após o surgimento das formulações teóricas que vinham na contramão do keynesianismo; na realidade, essas novas formas políticas exigem uma mudança muito maior do que uma simples restauração do “puro” capitalismo de antigamente e do tradicional neoliberalismo. Segundo Dardot e Laval:

Elas têm como principal característica o fato de alterar radicalmente o modo de exercício do poder governamental, assim como as referências doutrinárias no contexto de uma mudança das regras de funcionamento do capitalismo. Revelam uma subordinação a certo tipo de racionalidade política e social articulada à globalização e financeirização do capitalismo. Em uma palavra, só há “grande virada” mediante a implantação geral de uma nova lógica normativa, capaz de incorporar e reorientar duradouramente políticas e comportamentos numa nova direção. Andrew Gamble resumiu esse novo rumo na frase: “Economia livre, Estado forte.”¹³⁷

Portanto, o conceito de neoliberalismo remete a um processo histórico específico que, por meio da instrumentalização da “liberdade”, financiou a atuação política de grupos ou frações de classe, dentro e por fora do Estado, em fins do século XX. Já destacado anteriormente, o IEE é uma dessas Instituições cujo surgimento foi possibilitado pelo avanço desse projeto. De acordo com Friedrich:

Em meados de 1984, William Ling convidou cerca de 30 jovens empresários entre 20 e 30 anos para uma reunião, desses 20 vão fazer parte da fundação IEE. Com a ajuda de Roberto Rachevsky recrutavam pessoas do comércio, dos serviços, da indústria e da agricultura, com o objetivo de criar uma instituição destinada a formar líderes que pudessem atuar em empresas, entidades e governos. Essa vai tomar

¹³⁶ Como bem examinado por Dardot e Laval, “essa dimensão propriamente reativa é patente no relatório da Comissão Trilateral, intitulado *The Crises of Democracy*, um documento chave que mostra a consciência da ‘ingovernabilidade’ das democracias compartilhadas dos países capitalistas.”

¹³⁷ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit. 2016, p. 190.

corpo após alguns meses do final de 1984 já possui Estatuto, atestado e fundação registrada em cartório e diretoria.¹³⁸

Sua estrutura organizacional apresenta-se uma forte atuação e formas de filiação institucional bastante diferentes do seu congêneres: compreende várias atividades, tais como a realização de júris simulados, a escrita de artigos, a organização de eventos e a leitura e discussão de obras de autores liberais, que inclui uma revista eletrônica, a Revista Leader¹³⁹ (1997-2003), e uma série de livros, caso da coleção “Pensamentos Liberais”, que, em 2009, chegou ao décimo terceiro volume. A maioria desses livros, por exemplo, foram lançados antes do Fórum da Liberdade para serem usados como base nas discussões do evento ou para serem referência a algum debate específico encabeçado pelo Instituto. De autores clássicos do liberalismo a estudos dirigidos, segundo Lidiane, “muitas vezes encomendados pelo *TT*, esses tinham como objetivo influenciar a opinião e guiar as ações dos participantes do Fórum e das autoridades públicas”.¹⁴⁰

Contudo, é preciso ter em vista a finalidade que mantém a existência do IEE, e essa finalidade é o treinamento de empresários. O treinamento intelectual dos jovens empresários, objetiva que estes possam defender com argumentos sólidos os valores transmitidos pelo Instituto. O objetivo do IEE é formar dirigentes que tenham, no mundo gerencial e político, uma atuação e um discurso afinado à defesa do livre mercado. Dentre as várias estratégias desenvolvidas pelo IEE, sem sombra de dúvidas, sua grande marca é o Fórum da Liberdade, realizado anualmente na cidade de Porto Alegre há mais de 30 anos.

Segundo a Revista Forbes em 2013, o Fórum da Liberdade atua como o maior evento de discussão das ideias liberais da América Latina.¹⁴¹ Além de ter o apoio político financeiro das empresas nacionais e transnacionais, como a Atlas Network, o Liberty Fund, o International Center for Economic Growth e o Tinker Foundation, o Fórum representa e apresenta propostas de políticas públicas, cobra e exerce pressão sobre sociedade política pela aprovação de projetos e reformas, articula distintas frações da burguesia brasileira, agrega e organiza novos intelectuais.

De acordo com Fonseca (2005), a hegemonia ultraliberal nas décadas de 1970 a 1990 foi construída e adaptada a cada país, constituindo-se uma verdadeira agenda de reformas

¹³⁸ FRIDERICH, Lidiane. **A atuação política dos Think Tanks Neoliberais Brasileiros e Argentinos: Os casos do Instituto Liberal, do Instituto dos Estudos Empresariais e do Instituto Para El Desarrollo Empresarial De La Argentina (1983- 1988)**. 2019. f. 82. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2019.

¹³⁹ REVISTA LEADER. Disponível em: <http://www.revistaleader.com.br/>. Acesso em: 15/02/2021.

¹⁴⁰ FRIDERICH, Lidiane. Op. Cit. 2019.

¹⁴¹ Para mais informações: <https://iee.com.br/forum-da-liberdade>. Acesso em: 20/01/2021.

defendida principalmente por think tanks¹⁴² como o Atlas Network (AN) e transmitidas por aparelhos privados de hegemonia burguesa, especialmente na América Latina.

Denominado inicialmente Atlas Economic Research Foundation, o AN encontra-se sediado em Washington. Atua, desde 1981, na defesa e propagação de concepções da direita ultraliberal, com organizações parceiras em todos os continentes. Em 2013, o nome da organização foi alterado para Atlas Network ainda que o nome legal tenha permanecido o mesmo: Atlas Economic Research Foundation.

Seu principal idealizador - e fundador - foi Anthony Fisher (1915-1988), empresário britânico defensor das concepções do economista austríaco Friedrich Hayek – assim como, posteriormente, do norte americano Milton Friedman – que se mudou, na década de 1970, para os Estados Unidos, depois de um período de dois anos no Canadá, em que foi diretor do Fraser Institute, outro think tank ultraliberal. Em 1955, Fisher havia fundado, em Londres, o Institute of Economic Affairs (IEA). Como bem apontado por Hoeveler: "o Atlas Network atua basicamente como fornecedor, financeiro e intelectual, de entidades que têm como princípio a defesa de políticas públicas orientadas para o mercado." ¹⁴³

Auxiliando cerca de 400 think tanks espalhados por mais de oitenta países, tais entidades formais são orientadas a não se envolver diretamente na política partidária. No Brasil, há nove entidades ligadas ao Atlas Network. Portanto, é fato que esse instituto tornou-se um elemento comum de conexão transnacional dessas entidades que, na prática, conformam um mesmo “partido”. Membros do MBL passaram pelo programa de treinamento do Atlas Network, e estão aplicando o que aprenderam em solo brasileiro. De acordo com Fontes (2017, p. 222), “a partir de um nome fictício, embora seja de origem empresarial”. Tais marcas servem para disseminar projetos de maneira mais discreta ou simplesmente ocultar as origens dos recursos, como o Movimento Brasil Livre (MBL)”.

O Fórum da Liberdade é, em suma, o evento símbolo do Instituto. Por ele acabou se concretizando o nome da instituição no cenário nacional. O Fórum ganhou grande visibilidade, em parte, pela importância que o evento adquiriu no âmbito político, constituindo-se como principal evento da perspectiva liberal do Brasil, tendo suas iniciativas largamente difundidas pela mídia corporativa – o que tem auxiliado fortemente na tarefa de produzir consensos favoráveis ao projeto de políticas de livre mercado no país.

¹⁴² Laboratório de ideias, gabinete estratégico, centro de pensamento ou centro de reflexão é uma instituição ou grupo de especialistas de natureza investigativa e reflexiva cuja função é a reflexão intelectual sobre assuntos de política social, estratégia política, economia, assuntos militares, de tecnologia ou de cultura.

¹⁴³ HOEVELER, Rejane. **Os conceitos de Aparelhos Privados de Hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica.** Revista Práxis e Hegemonia Popular, ano 4, n. 5, pp. 145-159, Ago/Dez, 2019, p. 87.

Nesse espaço de organização das direitas brasileiras dentro do Fórum da Liberdade o B.P. encontrou dentro do Fórum outros grupos/sujeitos que possibilitaram de forma direta conexão com outras organizações, com o objetivo de replicar conteúdos ideológicos e recrutar novos sujeitos para compor o seu campo de atuação, seja dentro do Brasil Paralelo ou fora.

1.3. Brasil Paralelo e seus principais “Intelectuais orgânicos”

O papel desempenhado pelos intelectuais do B.P. nas redes sociais, Fóruns, *blogs*, *Youtube* e, principalmente, na plataforma da empresa/produtora estabelece um conjunto de atuações importantes, necessário para a compreensão das novas estratégias de difusão ideológica das direitas brasileiras. É através desse movimento de atuação, em diferentes espaços e por diferentes difusores que os intelectuais do B.P. expõem suas visões de mundo e os seus projetos.

Tendo em vista isso, neste tópico pretendemos refletir sobre os intelectuais que compõe o aparelho, destacando elementos a respeito da trajetória dos principais membros, de modo a entender o “desenvolvimento necessário”, isto é, o processo vivenciado por cada um, o que, no que lhe concerne é fundamental para compreender a atuação posterior dos mesmos no B.P, além disso, objetivamos abordar o papel dos intelectuais na sociedade de classes, a partir de Antonio Gramsci.

Dada a amplitude das abordagens existentes sobre os intelectuais e seu papel, adota-se como fio condutor a conceituação gramsciana para o termo, o qual revela no início do *Caderno 12* que os grupos sociais criam para si intelectuais que lhes dão homogeneidade e sentido não só em âmbito da produção econômica, como também no social e político. Assim, ao menos uma elite de intelectuais cada grupo social acaba por formar, a qual “deve possuir a capacidade de organizar a sociedade, em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe”.¹⁴⁴

Todo grupo social possui função no mundo da produção, trabalhadores, empresários, preparam seus intelectuais para darem homogeneidade e consciência da importância da função de classe. O empresário capitalista, por exemplo, cria o técnico da indústria, os cientistas da economia política, em prol dos seus interesses e do fortalecimento da sua própria classe. Estes intelectuais nascem de uma “estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura”, e são pertencentes ao novo “grupo social ‘essencial’”,

¹⁴⁴ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 15.

chamados de orgânicos, visto que estão conectados e relacionados a um grupo social, atuando com a função de produzir organização e direção. Já os intelectuais oriundos do grupo dominante anterior são denominados de tradicionais.¹⁴⁵

No entanto, no que concerne ao “critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais”, para Gramsci a distinção metodológica básica que revela a importância desse grupo no quadro geral das relações sociais é revelada através do materialismo histórico dialético, isto é, “no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais”.¹⁴⁶ Esse conjunto de relações aponta que toda classe cria para si, como foi dito anteriormente, um ou mais camadas de intelectuais, as quais são dotadas de certas “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz”, com o papel de promover homogeneidade.

As relações entre os intelectuais e a sua produção não são imediatas, como aponta Gramsci: “ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das (superestruturas), do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”.¹⁴⁷ Por meio desta relação seria possível medir a “organicidade” de cada grupo de intelectuais, as conexões e seus interesses:

Por enquanto, podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. Esta colocação do problema tem como resultado uma ampliação muito grande do conceito de intelectual, mas só assim se torna possível chegar a uma aproximação concreta à realidade.¹⁴⁸

¹⁴⁵ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001. p. 17.

¹⁴⁶ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 18.

¹⁴⁷ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 20.

¹⁴⁸ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 20-21.

De acordo com o marxista sardo, “estas funções são precisamente organizativas e conectivas”, ou seja, segundo ele, historicamente formam-se categorias especializadas de intelectuais “com todos os grupos sociais, mas sobretudo com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante”.¹⁴⁹ Portanto, resulta o conceito de intelectual orgânico. Em função disso, compreendemos que o B.P. se organiza através de um conjunto de intelectuais orgânicos pertencentes a outros aparelhos privados de hegemonia, tendo por principal escopo a ressignificação de processos históricos para legitimação de um projeto de hegemonia burguesa com características de extrema-direita e traços fascistas.

Ao longo da atuação do B.P., conseguimos mapear duas formas de atuação dentro do APH. O primeiro, *membros convidados* e o segundo, mais importante, os *membros permanentes*. Quando surgiu o B. P., começamos a observar quais e quantas vezes os membros participaram das produções materiais audiovisuais, com o objetivo de identificar as formas de organização desses grupos dentro e fora daquele espaço. Os membros permanentes são admiradores, intelectuais e militantes da causa liberal-conservadora que procuram e são procurados ou recrutados pelo B.P. para promover e divulgar suas ideias, por meio de materiais audiovisuais, entrevistas, artigos e *podcasts*. Essas publicações são produzidas pelo B.P. na sua plataforma, canal no *YouTube*, através de suas redes sociais ou ser algum tipo de produção própria veiculada anteriormente em algum meio de comunicação, inclusive, por meio de replicação de outros aparatos de ação política e ideológica.

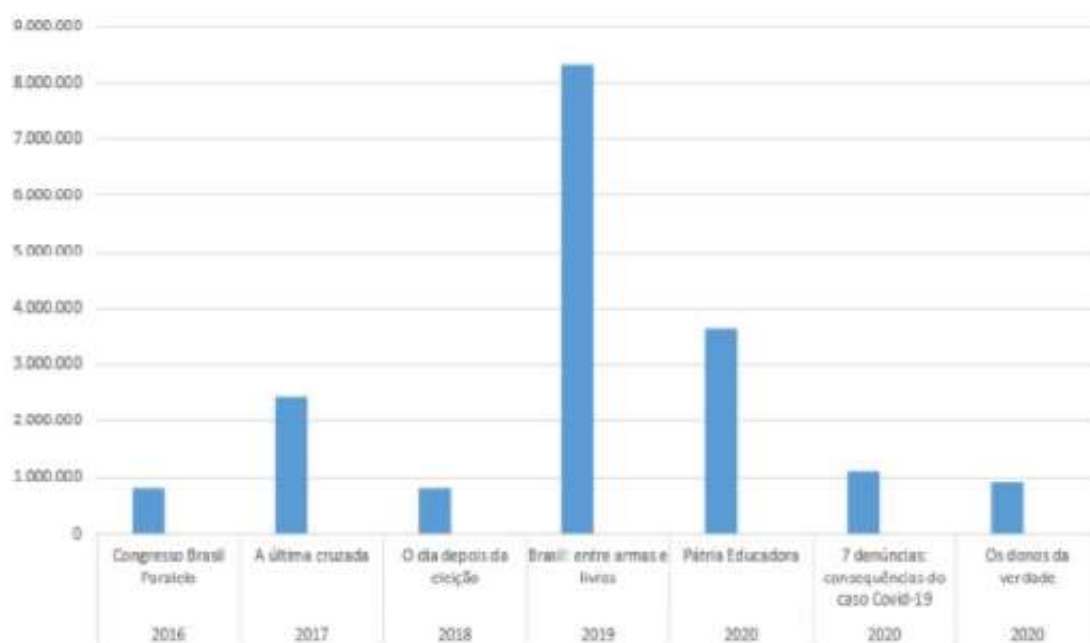
Após o mapeamento desses dois grupos (membros-permanentes e membros convidados), conseguimos estabelecer pontos de conexões entre o B.P. e outras organizações das direitas brasileiras, ou seja, criamos uma espécie de “teia” que buscou em outros espaços semelhantes às formas organizativas do B.P. e seus intelectuais entender como se construiu a dinâmica entre esses grupos/sujeitos.

Fizemos um movimento de fora para dentro, pegamos os principais membros e observamos suas postagens nas redes sociais, os artigos publicados em espaços midiáticos, os convites relacionados com o Governo Bolsonaro, as principais defesas ideológicas, os principais temas publicados em seus próprios espaços e a conexão direta com o B.P. Durante o período do surgimento do B.P. em 2016 e antes da mudança do mesmo para a capital paulista (São Paulo), identificamos sem essas organizações o B.P. não teria tanto crescimento, a partir dessas conexões com outras organizações das direitas e principalmente, com a mudança da

¹⁴⁹ GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 21.

empresa para São Paulo no final de 2018 e com o Governo Bolsonaro a partir de 2019 o B.P. alcançou mais de 200 mil assinantes e 152.244.494 visualizações no canal do *YouTube*.

Gráfico 1 - Número de visualizações no canal do *Youtube*



Elaboração própria. Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw>. Acesso em: 10/04/2020.

Segundo a imagem abaixo, o Fórum da Liberdade, outros APHs ideológicos, a mídia burguesa e o projeto Escola Sem Partido, estão ligados com o B.P. numa espécie de “teia”, e a partir dessa “teia” encontramos pontos de conexão entre os projetos defendidos por esses *Think Tanks* (APHs) e formas de atuação semelhante - no sentido de fortalecer alianças no nível político-tático - com a ideologia na qual representa. Esta ideologia, como vimos, é representada por uma ampla agenda ultraliberal-conservadora.

Através desses intelectuais atuantes dentro do B.P. e fora dele, que identificamos dois “braços” chaves do B.P., de um lado, o olavismo, influenciado por Olavo de Carvalho os sócios fundadores começaram a pensar o B.P. como organização militante para recuperar a história do Brasil e produzir consenso sobre uma determinada narrativa e fatos históricos, portanto, é através dessa disputa com temas relacionados à história e a educação que o B.P. vende sua narrativa, sem nenhum critério metodológico, pois a importância é lucrar com as suas produções.

Outro “braço”, é a ideologia ultraliberal-conservadora, a partir do Hélio Beltrão e de outros Institutos de caráter mais conservador-reacionário-ultraliberal, os sócios fundadores compreendem a importância da defesa do livre mercado, a iniciativa privada, o individualismo e defendem o discurso “meritocrático.” Sendo assim, o B.P. como um produtor de consenso e difusor de narrativas ultraliberal-conservadora, defendendo fortemente as bandeiras da propriedade privada, atua na sociedade civil (sentido gramsciano) com pautas moralistas e conservadoras vendendo seu projeto ideológico através das redes sociais e da própria plataforma, para um determinado público e grupos específicos, tais grupos, ajudam sustentar suas narrativas negacionistas.

Figura 1 - “Teia” relações do Brasil Paralelo com outras organizações da “Nova Direita”



Fonte: Elaboração pela autora.

Quadro 1 - Membros permanentes

Adriano Gianturco	Coordenador do Curso de Relações Internacionais e
-------------------	---

	professor de Ciência Política do IBMEC-MG. PhD em Teoria Política e Econômica (Università di Genova), Mestre em Relações Internacionais (Università di Torino), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (Università Roma Tre). Autor do Manual “A Ciência da Política” e do livro “O empreendedorismo de Israel Kirzner”. Autor de publicações de História do Pensamento sobre Bruno Leoni e Israel Kirzner; e de Ciência Política sobre Abstencionismo, votos brancos e Democracia e desenvolvimento. Membro do Laboratório de Análise Política (LAP) da Universidade LUISS de Roma; Fellow do Competere Institute; Fellow do Centro Tocqueville-Acton; e membro do Comité Científico da Revista Acadêmica Mises, Membro do Conselho do Ranking dos Políticos.
Alexandre Borges	Comentarista político e publicitário. Já publicou em sites e blogs como os da revista Veja, Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil, MBL – Movimento Brasil Livre, Mídia Sem Máscara, entre outros. Alguns temas abordados já foram transformados em artigos em jornais como na própria Gazeta do Povo e O TEMPO de Minas Gerais.
Flávio Gordon	Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (http://revistavilanova.com/) para as áreas de política, cultura e educação. Atualmente escreve na Gazeta do Povo e para o Blog: Senso Incomum.
Flávio Morgenstern	Escritor, analista político, palestrante e tradutor e colunista do Instituto Liberal. Seu trabalho tem foco nas relações entre linguagem e poder e em construções de narrativas. É autor do livro "Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs".
Guilherme Macalossi	Formado em Direito pela UCS e estuda jornalismo na Unisinos. Editor do portal Sul Connection, apresentador do programa Confronto, na Rádio Sonora FM. Escreve para jornais locais, articulista do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e colaborador da agência Critério, Inteligência em Conteúdo.
Hélio Beltrão	Engenheiro, administrador, e economista, brasileiro. É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e atual presidente do Instituto Mises Brasil. É filho do ex-ministro do governo Costa e Silva, Hélio Beltrão.
Ícaro de Carvalho	Empresário, redator publicitário e business-designer, foi um dos responsáveis pela criação do Brasil Paralelo, do Código da riqueza, Liberta Global, Portal do Trader, Portal o Primo Rico, Grupo Estratégia, We-Audit entre outras empresas líderes de mercado.
Leandro Ruschel	Formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sócio-fundador do Grupo L&S, composto por uma série de empresas que oferecem serviços no mercado

	financeiro.
Marcus Boeira	Professor Adjunto de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Direito do Estado e Mestre em Direito do Estado (USP). Graduação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul.
Olavo de Carvalho	Ensaísta brasileiro, sendo considerado também um influenciador digital e ideólogo e tendo atuado no passado como jornalista e astrólogo. Auto-proclamado filósofo, é um representante do conservadorismo no Brasil.
Percival Puggina	Graduado em arquitetura e urbanismo. Em 1985 filiou-se à frente liberal atualmente o DEM e, posteriormente ao PDS (hoje PP). No primeiro, foi coordenador de bancada na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. No segundo, criou e presidiu, durante sete anos, a Fundação Tarso Dutra de Estudos Políticos e Administração Pública, órgão doutrinário do partido no RS. Em 2013 desfilou-se e não está mais integrado a qualquer partido político.
Philippe de Orleans e Bragança	Político, cientista político, ativista e empresário brasileiro. Em 2019, assumiu o cargo de Deputado Federal pelo estado de São Paulo, após ser eleito nas eleições gerais de 2018 pelo Partido Social Liberal, com 118 457 votos.
Rafael Nogueira	Bacharel e Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), e pós-graduado em Educação pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Mestrado incompleto em Direito Internacional pela UniSantos. É professor de História e Filosofia há 7 anos em escolas públicas, técnicas e privadas, atualmente mais focado em aulas particulares e cursos preparatórios, como o da AFAM, voltado à prova de vestibular da Academia Militar do Barro Branco. É pesquisador de História do Império do Brasil há quase dez anos, e um dos maiores especialistas sobre a atuação do José Bonifácio de Andrada e Silva na Independência do Brasil e na formação do Império. É consultor de História da equipe IVIN para a produção do filme "Bonifácio -- O Fundador do Brasil", sobre José Bonifácio. Dos cinco concursos que prestou para a carreira docente de História e Filosofia na rede pública de ensino ou para escola técnica, passou três vezes em segundo lugar e duas vezes em primeiro lugar. Atualmente é Presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Rodrigo Gurgel	Professor de literatura e escrita criativa, além de crítico literário do jornal Rascunho e da Folha de S. Paulo, Rodrigo Gurgel é autor de "Crítica, Literatura e Narratofobia", "Esquecidos & Superestimados" e "Muita Retórica – Pouca Literatura (de Alencar a Graça Aranha)", publicados pela Vide Editorial. Leitor crítico de editoras, agências literárias e particulares, foi jurado do Prêmio Jabuti de 2009 a 2012. Em 2004, foi um dos dez vencedores do Concurso de Contos “Caderno 2”, do jornal `O Estado de S. Paulo. Especializações: Professor de escrita criativa e literatura, crítico literário, leitor crítico, ensaísta, editor.

Os membros permanentes são: Olavo de Carvalho (padrinho, mentor), Hélio Beltrão Filho, Alexandre Borges, Rafael Nogueira, Percival Puggina, Flávio Morgenstern, Thomas Giulliano, Phillipe de Orleans e Bragança, Adriano Gianturco, Ícaro de Carvalho, Marcus Boeira, Rodrigo Gurgel, Rodrigo Constantino, Flávio Gordon, Guilherme Macalossi e Leandro Ruschel.

Esses intelectuais também compõem os grupos dirigentes ou participam como articulistas de vários outros aparelhos de ação política e ideológica tais como: *Instituto Liberal*, *Instituto Von Mises Brasil*, *Instituto Millenium* e o *Instituto Borborema* e meios de comunicação da “grande imprensa”, por exemplo, o jornal o *Globo*, *Folha de São Paulo*, *Gazeta do Povo* e blogs, tal como, o *Senso Incomum* e blogs pessoais de cada membro. O grupo de (*membros convidados*) já participaram: Luiz Felipe Pondé, Lucas Berlanza, Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Leandro Narloch, Jorge Caldeira, Felipe Moura Brasil, Gilmar Mendes, Lobão, Fernando Holiday, Hélio Bicudo, Janaína Paschoal, William Waack e outros. Somando-se um quadro de 150 convidados desde o período da fundação do Brasil Paralelo.

Através da capilaridade do B.P., o APH consegue impor sua visão de mundo e seus valores, a partir da atuação de seus intelectuais orgânicos em outras esferas, principalmente, com o Instituto Mises Brasil, Instituto Millenium, Instituto Borborema e o próprio Fórum da Liberdade, que são para os sócios do B.P. exemplos a serem seguidos. A capacidade de difusão de seus pressupostos e sua concepção de mundo, vão para além da atuação dentro do B.P., perpassam os Institutos, a mídia, redes sociais e os espaços acadêmicos, isso permite o B.P. avançar em sua difusão. E é justamente nessa sua capacidade de composição de quadros, atuantes e, no essencial, partindo do mesmo propósito e princípios, que reside sua principal força enquanto intelectual coletivo, torna-se, portanto, importante para a renovação da “nova direita” no Brasil. Como bem examinado por Casimiro:

Todo esse conjunto de estratégias passa também pela naturalização de uma cultura única, de uma sociabilidade do capital entranhada nas mais diversas e específicas manifestações da vida social, que legitima, garante e atualiza as formas de dominação e a reprodução ampliada da acumulação capitalista. Ao mesmo tempo, embora os conjuntos de aparatos e doutrinação e produção de consenso das direitas brasileiras não possa ser compreendidas como um bloco hegemônico esses grupos compartilham um determinado nexos articulador, que produz determinados padrões de comportamentos e significação das relações sociais, produzindo, por conseguinte, “verdades” socialmente aceitas, naturalizadas, e reproduzidas como uma *doxa*.¹⁵⁰

¹⁵⁰ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p, 154.

Seguindo na interpretação de Casimiro:

Personagens como os intelectuais dos aparelhos doutrinários, como exemplos do IL, IMB, MBL, são importantes para o processo de difusão de determinadas diretrizes. Todavia, constituem intelectuais prepostos do capital, ou seja, não são partes efetivas das classes dominantes, tampouco estabelecem as determinações da articulação entre os segmentos da burguesia. O movimento no interior das frações burguesas define as diretrizes de dominação de classe e, na esteira disso, o projeto político no qual essas frações se arranjam para a garantia de manutenção de seus interesses.¹⁵¹

Em outros APHs, existe uma linha editorial e um corpo de colunistas, já o B.P., não tem uma linha editorial e nem colunistas, portanto, dificultou identificar quem de fato são os *membros permanentes* do APH. Conseguimos, porém, identificar um ponto importante dentro do Brasil Paralelo, já mencionado: sua articulação a um conjunto de sujeitos e entidades representativas da “nova direita” no interior de relações ampliadas do Estado¹⁵² (IMIL, IMB, IL, IEE, FL).

O primeiro membro, Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, nasceu em Campinas, interior de São Paulo, em 29 de abril de 1947. Apesar de se autodenominar “filósofo”, ele nunca se formou e não tem nenhum diploma universitário, ainda que tenha chegado a estudar filosofia na PUC-Rio. Olavo trabalhou como jornalista em veículos como *Folha de S.Paulo*, *Planeta*, *Bravo!*, *Primeira Leitura*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Globo*, *Época*, *Zero Hora* e *Diário do Comércio*. Hoje escreve e edita o jornal online “*Mídia sem Máscara*”, apesar de hoje grande parte de suas críticas serem destinadas à imprensa. Mesmo sem ter concluído uma graduação em Filosofia, no segundo grau, Olavo se intitula filósofo e, em seus cursos, afirma que seu objetivo é justamente esse: formar filósofos, ministra cursos que misturam filosofia, política e esoterismo e tem mais de 30 livros publicados.

Olavo de Carvalho, como bem apontou Calil, já desde o final dos anos 1980, buscando ampliar a audiência para uma crítica conservadora-reacionária, buscou entre os meios de comunicação alternativa para reproduzir e difundir suas análises. “Sua lógica reformulada em 2009, é a seguinte: como o “aparelho ideológico” burguês, do qual os marxistas falam, não existe, as classes superiores se encontram sem defesa dentro da ameaça comunista.”¹⁵³ Sua linguagem e a forma como conecta sua visão de mundo reacionária ao senso comum conservador brasileiro, torna-se parte da estratégia adotada por ele, segundo Calil, “a escrita

¹⁵¹ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020. p, 155.

¹⁵² Tais movimentações, entre e/ou intra APHs podem ocorrer tanto no âmbito da sociedade civil, quanto no Estado restrito. Neste caso, devemos analisar também as disputas e correlações de forças entre as frações de classe dominantes no interior do bloco no poder.

¹⁵³ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 04/04/2021.

de Olavo de Carvalho se caracteriza por seu gosto pela vulgaridade e pelo seu tom belicoso. Essa agressividade se apresenta como uma garantia de autenticidade, que lembra o estilo de Bolsonaro.”¹⁵⁴

Um dos livros estava em cima da mesa de Jair Bolsonaro (sem partido) durante a transmissão ao vivo nas redes sociais quando o candidato da extrema direita elegeu-se presidente, em outubro de 2018. A presença de “*O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*” no primeiro pronunciamento de Bolsonaro parecia confirmar a relação próxima do ideólogo extremista com Bolsonaro e um prenúncio de sua influência no governo (embora com vários momentos de divergência).

No que diz respeito ao conteúdo, os livros e os canais de Comunicação de Olavo, de acordo com Lucas Patschiki, entre as décadas de 1980/90 e a virada para os anos 2000, Carvalho passou a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. De 1988 até 1999 foi diretor de texto para a biblioteca do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001,¹⁵⁵ Diretor do Seminário de Filosofia na Universidade; de 2000 até 2005, colunista semanal do jornal “O Globo”. Entre o período 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da sua vida jornalística: não por acaso, Olavo passou a ser uma das atrações de destaque nas edições de 2000, 2001, 2002, 2004, e 2005 do Fórum da Liberdade, ou seja, antes mesmo da proximidade dele com Bolsonaro.

Segundo Patschiki, “em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que dirige segundo orientações de Carvalho que consta com Simone Caldas como vice-diretora.”¹⁵⁶ Ao decorrer da leitura da dissertação do Lucas, especificamente essa passagem sobre a organização de conteúdos e cursos oferecidos pelo IOC desde 2009, conseguimos identificar algumas semelhanças organizativas e estruturais entre o IOC e o Brasil Paralelo (plataforma). Os cursos do B.P., já comentados anteriormente, estão divididos por categorias, o chamado núcleo de formação, clube da música, escola da família e sociedade do livro.

Os cursos (pagos), funcionam desde 2016, em um primeiro momento, com os “membros convidados”, o núcleo duro do B.P. dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga e medieval; de fundações do pensamento político brasileiro; de história da música; história do pensamento político liberal; autores clássicos da literatura; introdução a escola

¹⁵⁴ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 04/04/2021.

¹⁵⁵ PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 42.

¹⁵⁶ PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 54.

austríaca de economia; inicialmente, os cursos foram divididos por temáticas - história, economia, política e filosofia. Os grupos usam em “aula”, o material complementar em forma de *e-book* organizado pelos membros convidados, por exemplo, na aula “*Ideologia Políticas*”, ministrada pelo sócio do B.P. Lucas Ferrugem, na parte final, referências, têm a bibliografia do próprio Olavo de Carvalho.

De 2019, com o crescimento do B.P, os cursos foram se ampliando e surgindo novas temáticas de estudos, por exemplo, arte, educação e bioética. Os cursos são praticamente, o “modelo” de curso ofertado pelo IOC, segundo Patschiki:

Os grupos de estudos do IOC, funciona desde 2009, em um primeiro momento, sob a orientação Luciane Amato, dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais, de arquitetura; música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudos propostos são de teoria e história do séc. XX e estudos lusos brasileiros. Estes grupos, dividem-se em grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de “transição e edição” e o grupo de estudos de escritores.

Pegamos a tabela 8, da dissertação do Lucas e o nosso quadro do “núcleo de formação”, para mostrar a comparação entre as aulas oferecidas pelo IOC e as aulas oferecidas pelo B.P., observamos a forte influência do IOC dentro do Brasil Paralelo. Como bem aponta Lucas, “podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais.”¹⁵⁷ Parte desses intelectuais, influenciados pelo IOC e pelo próprio Olavo de Carvalho, já realizaram aulas do IOC e participaram do MSM (Mídia Sem Máscara), esses intelectuais, hoje, atuam constantemente dentro do B.P., espaços midiáticos e APH, reproduzindo suas visões de mundo conservadora-ultraliberal, ligados ao fenômeno da “nova direita.”

¹⁵⁷ PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 58.

Figura 2 - Cursos oferecidos pelo Instituto Olavo de Carvalho

Opção de cursos (em andamento)	Preço mensal
Oficina de literatura	R\$ 45,00
Grupo de estudos	R\$ 75,00
Português	R\$ 45,00
Latim	R\$ 45,00
Grego	R\$ 45,00
Poesia Módulo I – Introdução à poesia – 16 aulas	R\$ 180,00
Poesia Módulo II – A Poesia de Camões – 16 aulas	R\$ 180,00
Poesia Módulo III – Bocage – Parte I – 4 aulas	R\$ 45,00
Poesia Módulo IV – Bocage – Parte II – 4 aulas	R\$ 45,00
História da filosofia Módulo I – Dos Pré-socráticos aos Diálogos Platônicos – 17 aulas	R\$ 180,00
História da filosofia Módulo II – Platão – 16 aulas	R\$ 180,00
História da filosofia Módulo III – As leis de Platão – 16 aulas	R\$ 180,00
Literatura Módulo I - Once more unto the breach, dear friends: poesia, história e a Henriada de William Shakespeare – 16 aulas	R\$ 180,00
Literatura Módulo II – William Shakespeare – Parte II – 16 aulas	R\$ 180,00
Francês Módulo I – Francês – 16 aulas	R\$ 180,00
Francês Módulo II – Francês – 16 aulas	R\$ 180,00
História Módulo I – História da inquisição – 4 aulas	R\$ 45,00
História Módulo II – Educação monástica medieval – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo III – História das cruzadas – 4 aulas	R\$ 45,00
História Módulo IV – Tópicos de arte medieval - Parte I – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo V – Tópicos de arte medieval - Parte II – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo VI – Idade média – Elementos estruturais – 8 aulas	R\$ 90,00
Educação da imaginação Módulo I - A imaginação, seus elementos componentes e sua função cognitiva - 4 aulas	R\$ 45,00

Fonte: Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1789/2/Lucas%20Patschiki%202012%20p2>.
Acesso em: 04/04/2021, p. 55.

Quadro 2 - Núcleo de formação

Área	Tema	Número de aulas	Pessoas que ministram as aulas
<i>Economia</i>	<i>O Histórico do Pensamento Liberal Brasileiro</i>	1	Lucas Berlanza
<i>Economia</i>	<i>Introdução da Escola Austríaca de Economia</i>	1	Felipe Rosa
<i>Economia</i>	<i>Um passeio pela História do Liberalismo</i>	6	Ricardo Gomes
<i>História</i>	<i>Uma Breve História da Rússia</i>	6	Lucas Ferrugem
<i>História</i>	<i>Titãs da Civilização Ocidental</i>	6	Rafael Nogueira
<i>Filosofia</i>	<i>As 5 Grandes Correntes da Ética do Ocidente</i>	3	Frederico Bonaldo
<i>Filosofia</i>	<i>4 Modelos de Liberdade Política</i>	3	Marcus Boeira
<i>Filosofia</i>	<i>Mito, Linguagem e Mídia</i>	4	Flavio Morgenstern

<i>Filosofia</i>	<i>Linguagem e Filosofia Prática</i>	8	<i>Marcus Boeira</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Introdução à Política Internacional</i>	1	<i>Cezar Roedel</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Como Organizações Ideológicas Ocupam Instituições</i>	1	<i>Lucas Ferrugem</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Direito Constitucional</i>	1	<i>Vinicius Boeira</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Ideologias Políticas: As Diferentes Correntes</i>	1	<i>Lucas Ferrugem</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Elite Cultural e Intelectual</i>	1	<i>Rafael Nogueira</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Desconstruindo Paulo Freire</i>	2	<i>Thomas Giulliano</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>A Biografia de Carlos Lacerda</i>	1	<i>Lucas Berlanza</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>As Origens do Estado</i>	4	<i>Ricardo Gomes</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Armamento e a Liberdade Civil</i>	5	<i>João Pedro Peteck e Diego Ferreira</i>
<i>Ciência Política</i>	<i>Arte, Imaginação e Sentido</i>	1	<i>Paulo Cruz</i>

Elaboração própria, fonte: <https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos>, acesso em 22/02/2020.

Outro espaço importante de atuação de Olavo de Carvalho, ao decorrer de sua trajetória, foi o próprio Fórum da Liberdade, destacado anteriormente. Carvalho conseguiu “aparecer” naquele espaço, participou ativamente dos eventos desde o ano de 2000 em diante, portanto, o “filósofo” demonstrou experiência em vários espaços importantes do meio intelectual e referência às frações extremadas das direitas brasileiras, e, em particular, os sócios e *membros permanentes* do B.P. Como aponta Casimiro:

[...] a imagem de Olavo de Carvalho não foi construída por Bolsonaro e suas crias, como muitos críticos do autor querem afirmar, mas, ao que tudo indica, foi sua influência e conexão com esse movimento crescente do pensamento reacionário que ajudaram a construir o fenômeno do bolsonarismo.¹⁵⁸

Em entrevista ao Instituto Humanos Unisinos (On-Line), Bianchi analisou a influência do pensamento de Olavo de Carvalho, em setores do alto escalão. De acordo com Bianchi,

¹⁵⁸ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. p, 74.

“suas ideias devem ser levadas a sério e isto significa que as pessoas interessadas em compreender o avanço das direitas radicais devem ler seus livros”, sugere. E acrescenta: “É preciso estudar e interpretar os mecanismos de difusão dessas ideias e isso só é possível desvendando a trama discursiva que permitiu essa difusão”¹⁵⁹. Como se constrói essa trama discursiva? Bianchi explica:

Olavo apresenta uma explicação simples para a queda: marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo. É obviamente uma teoria conspiratória à qual pessoas comuns podem se agarrar quando não conseguem uma explicação razoável para seus medos. E o medo é aquilo que caracteriza a pequena-burguesia. É uma classe assustada com sua própria irrelevância social.¹⁶⁰

Neste sentido, Carvalho vai encontrar no interior do B.P. um espaço de reprodução e proliferação de seu ideário ultraconservador, como o discurso de que a mídia, as escolas, as universidades brasileiras estão tomadas por “esquerdistas” e de que é fundamental combater o “marxismo cultural” nesses espaços, posto que “marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo”.¹⁶¹

Olavo participou de algumas produções do B.P. Em especial, “*O Congresso Brasil Paralelo*” (2016), já mencionado no decorrer da dissertação. Carvalho concedeu uma entrevista de duração de 3 horas e 25 minutos para os membros do B.P., dentro da (plataforma), a entrevista está dividida por temáticas, sendo elas: *Uma narrativa real; novos rumos; as bases da criação; busca pela narrativa real; escassez de artistas; formação do Brasil; Brasil República; Poder central; Golpe de 164; uma Nova República; mentalidade revolucionária; objetivos; obter poder total; New Left; luta contra religião; Saul Alinsky; terceiro setor; fim da União Soviética; poder cultural; educação no Brasil; sócio construtivo; últimos anos; protesto de 2013; e agora professor; influência externa no Brasil; Contraposição dos movimentos totalitários; risco de perda do acesso a internet; movimentos de oposição ao PT e mensagem para o Brasil Paralelo*; destacamos dois breves momentos de toda a entrevista, segundo Olavo, “não estou aqui para discutir ideias, estou aqui para contá-las e analisá-las”. e, “não sou gênio, mas sou compreendido, todo mundo entendeu a

¹⁵⁹ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi>. Acesso em: 20/05/2020.

¹⁶⁰ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi>. Acesso em: 20/05/2020.

¹⁶¹ Idem.

minha mensagem.”¹⁶² Ou seja, torna-se relevante, segundo ele, compreender a sua mensagem e enfrentar o seu inimigo no campo de batalha.

Carvalho participou da segunda produção do B.P., “*Brasil: a última cruzada*”, participou da entrevistada puxada pelos sócios com a duração de 1 hora e 59 minutos, expôs as seguintes temáticas: *Conhecer a história; cruzadas; Revolução Francesa e Revolução Americana; Ordem de Cristo e descobrimento do Brasil; índios e descobrimentos; portugueses e índios; Portugal e formação do Brasil; Igreja e escravidão; Igreja no segundo reinado; Movimento aolicionista nos E.U.A e no Brasil; Dom Pedro II; Queda da Mornaquia; Literatura e imaginário; Getúlio Vargas; República; Ministério da Educação; Elites políticas do passado e do presente; Povo que não conhece a sua história.*¹⁶³

Outra produção a qual Olavo de Carvalho concedeu outra entrevista, produção lançada em 2019, sendo considerada, a produção de grande notoriedade do B.P. e avanço na expansão de seus negócios, “1964: Brasil entre armas e livros.” Olavo de Carvalho comentou durante 50 minutos, sua narrativa sobre o Golpe de 1964. Dividido por temáticas, *Otto Maria Carpeaux e a grande mídia; ninguém era preso por discordar; Mourão Filho forçou outros militares; o Brasil não precisa de tantos doutores; torturas e mortes de Vladimir Herzog; a censura no jornalismo; a esquerda generaliza que tudo é fascismo; a nova república e Brasília; João Goulart um cúmplice de Cuba; a identidade brasileira, o golpe não começou em Washington e comparação da segurança pública da época e de hoje.*¹⁶⁴

A oitava produção documental do B.P. e recorte em visualizações, seguindo *1964: Brasil entre armas e livros*, intitulada: *Pátria Educadora*, divididas em três partes, publicada em 2020, contou com a participação exclusiva de Olavo de Carvalho, com 2 horas e 56 minutos de duração, nela ele mencionou as seguintes temáticas: *Se o PISA fosse aplicado aos nossos políticos o resultado seria ainda pior; Regime Militar e o crescimento da esquerda; Regime Militar; positivismo, pragmatismo e a destruição de inteligência humana; por que a Esquerda é dominante nas Universidades? O que leva um professor a proibir a gravação de sua aula? O nível das Universidades brasileiras; o MEC deveria existir? o maio de 1968; o brasileiro não tem amor ao conhecimento; linguagem verbal e outros signos; Globalismo e a desorganização da família; Escola de Frankfurt; Escola de Frankfurt e a reinvenção do*

¹⁶² Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho/media/5e80fee5dcb62c38400691a6>. Acesso em: 25/04/2021.

¹⁶³ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c3840069435>. Acesso em: 25/04/2021.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho-2/media/5e80fee6dcb62c38400694de>. Acesso em: 25/04/2021.

*marxismo; Kant e Hegel; Educação guerra ideológica; educação obrigatória; é necessidade de educar a elite intelectual e depois educar o povo; doutrinação em livros didáticos; doutrinação e mudança de comportamento através de linguagem; as nossas Universidades foram instrumentalizadas; a Universidade serve aos interesses do Globalismo; a universalização do ensino e modernidade; a terceirização das crianças ao Estado; a riqueza do pensamento marxista; a mudança de objetivos do Movimento Comunista; A ineficiência de pesquisa científica no Brasil; a imbecilização intelectual; a importância da busca individual por educação; a estratificação de Paulo Freire; a atual metodologia de nossa universidade de Filosofia; Por que usar a palavra Fascismo, como forma de ataque?*¹⁶⁵

Para além da figura do Olavo de Carvalho, devemos compreender o olavismo como tática de atuação da direita radical e do próprio B.P., já destacado anteriormente, a figura e as ideias do Olavo de Carvalho foram importantes para a atuação do APH enquanto intelectual orgânico. Segundo Viana, “tivemos uma conversa com o professor Olavo, segundo o professor vocês não podem perder a questão da militância, vocês têm cumprido um papel importante para o país. O pessoal tem que ser militante”¹⁶⁶. É no contexto de 2018, com a ascensão conservadora-ultraliberal, que as teses conspiracionistas de Olavo de Carvalho ganham fôlego, representadas por Bolsonaro a partir de suas falas e por uma direita ressentida.

Segundo o próprio Olavo, "ele que fez com que a direita voltasse a disputar o campo político e da cultura, já que nos anos 80 “só havia esquerda”. Todas essas opiniões e definições foram ditas pelo próprio Olavo, em vídeo publicado em 29 de dezembro de 2020 em seu canal no *YouTube*, que conta com mais de 1 milhão de inscritos¹⁶⁷. Apesar de não gostar de ser considerado “ideólogo da direita”, Olavo continua: afirma que ele mudou o curso da história do Brasil e que abriu espaços para outras ideias, derrubando uma suposta hegemonia comunista. Seu “plano secreto” anticomunista teria como mote a publicação de livros, pois artigos de jornal passa m e o livro fica. E ele segue, dizendo que o livro deve ser de altíssima qualidade, nada mediano: uma espécie de auto referenciação, já que, na sequência, questiona os espectadores: “Por que você acha que os caras têm medo de mim e ficam falando de mim pelas costas? Porque não tem cara para enfrentar o livro”.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/patria-educadora-olavo-de-carvalho/media/5e9859c3aabd75001e319e1e>. Acesso em: 25/04/2021.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&t=875s>. Acesso em: 25/04/2021.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=3WN1Lq6uBB8>. Acesso em: 29/04/2021.

¹⁶⁸ Idem.

De acordo com Rocha, o autor analisa o olavismo como um sistema de crenças que tem como base o anti-intelectualismo e é movido por um ressentimento. O autor aponta outras características do olavismo:

A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo interno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos — bem entendido: ir e tomar.¹⁶⁹

Tal sistema de crenças circulou com intensidade após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, respondendo os interesses da direita ressentida. O olavismo, evidenciado pela *hashtag* #olavotemrazão, frase que, nas manifestações de 2015 contra Dilma, aparece em diferentes cartazes e camisetas, a circulação desse movimento reuniu em diferentes espaços e por diferentes meios, a atuação de um conjunto coletivo de frações de classes, principalmente, um setor conservador reacionário. Porém, já destacado anteriormente, desde os anos 2000 Olavo vinha ocupando a mídia digital, portanto, é nesse intelectual orgânico alguns membros permanentes do B.P. e os próprios sócios encontram conexão com as suas ideias.

Em 2006, com o podcast “*True Outspcak*” e em 2009 com seu famoso curso online de filosofia, frequentado por nomes bastante conhecidos na nova direita e que, inclusive, estão ou estiveram em cargos do governo: Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro é deputado federal por São Paulo; Filipe Martins, assessor da Presidência para Assuntos Internacionais; Abraham Weintraub, ex-ministro da Educação; Adolfo Sachsida, secretário de Política Econômica do Ministério da Economia ; além dos deputados Marcel van Hattem (Novo/RS) , Bia Kicis (PSL/DF) , Paulo Martins (PSC/PR). O curso de Olavo, além de sugerir leituras e promover análises políticas, pretende mostrar uma forma de vida, “educando a mente e a alma”. Essas figuras para além da atuação dentro do B.P., atuam por dentro o Estado (sentido integral) na análise gramsciana.

O êxito de Olavo nas redes sociais é analisado por Rocha (2021) como excepcional, articulando alguns expoentes, como o estilo palavra - puxa palavra, excesso de citações jamais aprofundadas, substituição de mediações conceituais por frases de efeito, recurso de ideias -

¹⁶⁹ ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio**. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

muleta que dispensam reflexão (“globalismo”, gramscianismo). Esse último ponto é o foco de interesse aqui: ideias-muleta no formato de teorias da conspiração. Pode se dividi-lo em dois elementos principais: o “marxismo cultural” e o “globalismo”, ambos importados dos EUA.

Uma das figuras mais atacadas por Olavo de Carvalho, sendo o seu “inimigo número 1”, é o sardo italiano Antonio Gramsci (1937). No ponto de vista olavista, o “gramscismo” rege as esquerdas, essa estratégia teria começado a ser organizada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) já nos anos de 1970 no campo da cultura, sendo sua principal teoria estratégica, que pauta transformações sociais e econômicas por dentro o Estado, pela lógica olavista para que o Estado seja aparelhado pelos comunistas, deve-se trabalhar em busca da hegemonia cultural, que tem como lideranças intelectuais presentes em diversos campos, como nas Universidades e espaços midiáticos. De acordo com Mussi e Bianchi:

Carvalho afirmou ter começado a falar publicamente sobre o “gramscismo petista” em 1987. O ano coincide com o 5º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), primeiro no qual houve algum debate sobre a estratégia do partido. Os documentos do partido falavam de hegemonia, de sociedade civil, de blocos políticos. Os significantes eram gramscianos, *mas os significados não*. Pouco importa. Carvalho concordava com uma esquerda convencida de que a realização da hegemonia implica uma “grande marcha da esquerda para dentro do aparelho de Estado”.¹⁷⁰

Outro nome presente nas produções do B.P. ao longo de 2016 até 2020, é o empresário Hélio Beltrão, Beltrão foi grande influência para os sócios fundadores do APH. Segundo Henrique Viana, “as ideias do empresário colaboraram para criação de conteúdo do B.P.”¹⁷¹ Graduado em finanças com MBA pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Foi executivo do Banco Garantia, Mídia Investimentos e da Sextante Investimentos. É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e fundador-presidente do Instituto Mises Brasil (2009). Também é membro do Conselho de administração do Grupo Ultra e da Metalfrío. Presidente do Conselho Editorial do periódico acadêmico MISES: Revista interdisciplinar de filosofia, direito e economia. De acordo com Casimiro, “Beltrão Filho está próximo ao olavismo: tem orgulho em dizer que foi, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o ‘marxismo cultural’ no Brasil.”¹⁷²

Hélio Beltrão, participou do “Congresso Brasil Paralelo (2016)”, “O teatro das tesouras”, “Fórum Brasil a última cruzada”, “1964: O Brasil entre armas e livros”, nessa

¹⁷⁰ Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>. Acesso em: 20/05/2021.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4324s>. Acesso em: 25/04/2021.

¹⁷² CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 48.

produção do 1964, Beltrão concedeu ao B.P. uma entrevista de 46 minutos, comentou sobre o “Ministério da desburocratização, PND: Programa Nacional de Desenvolvimento, a Constituição de 1988 e a economia no contexto do Governo do Castelo Branco. Segundo Beltrão, “as políticas aplicadas pelo pai no regime militar serviram como base para radicalização na defesa da meritocracia”.¹⁷³

Em 2019, em São Paulo, o B.P. organizou um encontro com os principais nomes do APH. O evento intitulado, “Fórum Brasil a última cruzada”, recebeu o mesmo título da segunda produção do B.P. “Brasil a última cruzada”, lançado em 2017, segundo a definição do evento, “o propósito era resgatar a história dos grandes heróis e apresentar para o público”¹⁷⁴, público este, composto por empresários, jornalistas e políticos. O evento foi dividido em oito partes, separado por temas e apresentado por intelectuais atuantes dentro do B.P, dentre eles, o próprio empresário Hélio Beltrão, que realizou uma fala comentando sobre o conservadorismo e o capitalismo. Segundo ele:

O Brasil Paralelo é um parceiro oficial do Instituto Mises Brasil, estou muito feliz com a história que o Felipe contou, o Mises teve um papel inspirador dessa iniciativa maravilhosa. Na minha época não se ensinava história, e me dizem que hoje é ainda pior. Então, a gente não fala dos nossos heróis, a gente esquece dos nossos heróis, e o Brasil Paralelo tenta resgatar.¹⁷⁵

A citação acima, partindo do empresário e fundador do grupo Ultra, revela a forte influência do Mises Brasil na criação e estruturação do B.P. Segundo Beltrão, “na época dele não se ensinava história”, portanto, é a partir da atuação do B.P. e das publicações materiais audiovisuais realizadas por eles, o empresário ressalta a importância do B.P. com temas relacionados com história, política, economia e educação. A partir dessa iniciativa, esses grupos e APHs constituem-se formando os seus intelectuais. Em especial, a importância do Mises Brasil para atuação do B.P., que tem como proposta de difusão ideológica dos pressupostos do libertarianismo de matriz da Escola Austríaca de Economia, o B.P. se aproxima de bandeiras defendidas pelos clássicos da ortodoxia austríaca, como a livre concorrência, a economia de mercado, a defesa incondicional do direito de propriedade, a redefinição do papel do Estado. Segundo Casimiro, “o Instituto Mises Brasil tem como

¹⁷³ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/helio-beltrao-3/media/5e80fee6dcb62c38400694fc> . Acesso em: 25/04/2021.

¹⁷⁴ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/forum-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c38400695d8> . Acesso em: 25/04/2021.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/forum-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c38400695dd> Acesso em: 25/04/2021.

principal proposta de ação a produção de consenso pautada nos pilares do neoliberalismo, teorizados principalmente por Ludwig Von Mises, Friedrich Hayek e Murray N.”¹⁷⁶

Na mencionada palestra, Beltrão (ancorado na ideologia da Escola Austríaca) defendeu claramente a concepção pautada no individualismo e na supremacia do mercado como espaço de realização das liberdades humanas, a partir da lógica concorrencial extrapolada para todas as esferas da vida humana, conferida pelo discurso da “meritocracia”. As palavras mais utilizadas por ele foram “mercado”, “indivíduo”, “liberdade”, “propriedade”, “conservadorismo”, “valores”, “conhecimento”, “reacionário”. Beltrão destacou também que a “sociedade livre” deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência do governo. Durante a palestra, destaque para o uso exacerbado de palavras como “Mercado”, “indivíduo”, “liberdade”, “propriedade”, “conservadorismo”, “valores”, “conhecimento”, “mercado”, “reacionário”, “sociedade”.

Os objetivos do Instituto Mises Brasil:

A) promover os ensinamentos conhecida como Escola Austríaca; B) restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; C) defender a economia do mercado, a propriedade privada e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e sociedade.¹⁷⁷

Por fim, ele ressaltou a importância do B.P. em “resgatar” os grandes heróis da história brasileira e comentou que fica realizado em saber sobre a influência do IMB sobre o pensamento e as produções da empresa/produtora. Neste sentido, se Beltrão e o IMB representam (e expressam) as bandeiras da livre concorrência de mercado, da defesa incondicional do direito da propriedade e da (paradoxal) redução do papel do Estado, e, se a empresa-produtora merece os elogios do presidente do IMB, então é de se refletir sobre alguns dos pilares ideológicos que sustentam B.P. enquanto aparelho privado de hegemonia burguesa à serviço de um projeto extremado à direita. Segundo o sócio executivo, Henrique Viana, “ninguém achava que o Brasil poderia ter livre mercado, porque estava sendo governado pela esquerda. Por isso, através das ideias do Mises Brasil e do empresário Hélio Beltrão, tivemos a ideia e a iniciativa de partir por esse caminho.”¹⁷⁸

¹⁷⁶ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 49.

¹⁷⁷ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 50.

¹⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s>. Acesso em: 29/04/2021.

Outro nome destacado por ser um intelectual orgânico dentro e fora do B.P., é o cientista político, Adriano Gianturco. Gianturco é coordenador do Curso de Relações Internacionais e professor de Ciência Política do IBMEC-MG. PhD em Teoria Política e Econômica (Università di Genova), Mestre em Relações Internacionais (Università di Torino), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (Università Roma Tre). Autor do Manual “A Ciência da Política” e do livro “O empreendedorismo de Israel Kirzner”. Autor de publicações de História do Pensamento sobre Bruno Leoni e Israel Kirzner; e de Ciência Política sobre Abstencionismo, votos brancos e Democracia e desenvolvimento. Membro do Laboratório de Análise Política (LAP) da Universidade LUISS de Roma; Fellow do Competere Institute; Fellow do Centro Tocqueville-Acton; e membro do Comité Científico da Revista Acadêmica Mises, Membro do Conselho do Ranking dos Políticos. Gianturco já escreveu em espaços midiáticos do grande empresariado, seus artigos já saíram na Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Estado de Minas, Gazeta do Povo, Correio Braziliense e etc.

Dentro do B.P. Gianturco já ministrou entrevistas relacionadas com temas ligados com “mercado”, “propriedade privada”, “ideologia”, “esquerda”, “direita”, “liberalismo”, “conservadorismo”, “socialismo” e “comunismo”. Participou da produção do “Teatro das Tesouras”, “Congresso Brasil Paralelo”, segundo Gianturco, “torna-se importante a radicalização da livre iniciativa privada e menos influência do Estado.”

Outro nome que identificamos como membro permanente do B.P., Luiz Philippe de Orleans e Bragança, é empresário, ativista político e acadêmico. Formou-se em administração de empresas pela Faap, em 1991. Fez mestrado em ciências políticas pela Stanford University, nos EUA, e MBA pela INSEAD, na França. Trabalhou na área de planejamento financeiro da Compagnie de Saint-Gobain (EUA) e nos bancos especializados JP Morgan, em Londres, e Lazard Frères, em Nova York. Também atuou como diretor de desenvolvimento de negócios da AOL para a América Latina. Desde 2005, segundo ele, atua como “empreendedor”.

Em 2015, foi cofundador do Movimento Liberal Acorda Brasil, oriundo de outros grupos surgidos no contexto de protestos contra o governo de Dilma Rousseff. Como ativista político, articulou propostas de reforma política para o sistema de voto distrital com recall de mandato e projeto de lei de transparência tributária, bem como de mobilização na defesa da soberania e da cidadania atacadas por uma nova lei de imigração. Luiz Phillipe é filho de Dom Eudes, irmão de Dom Luís Gastão de Orleans e Bragança, atual chefe da Casa Imperial do Brasil. Descendente direto de figuras históricas como Dom Pedro II e princesa Isabel Leopoldina, sua família pertence ao Ramo de Vassouras, que detém o direito a eventual sucessão ao trono. Em 2018, foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo.

Bragança faz parte da linhagem da família real brasileira, por isso, a história contada pelas lentes de um membro da família real torna-se importantíssima, aos interessados em escutar essa história. O fruto desse encontro resultou no documentário, “Brasil a última cruzada.” Por esse motivo, ter um membro da linha da família real com as suas histórias, vivências e tradições, permite, a manutenção do debate de uma história “contada de cima” ou memorialista. O empresário participou da produção “O Congresso Brasil Paralelo”, o evento “O dia depois da eleição”, “Fórum Brasil a última cruzada”, Especial Natal (2020), “Brasil à última cruzada” (2017), nessa produção, o empresário ministrou uma entrevista de 3 horas, segundo ele “onde é o que precisamos mudar, e porque essas decisões foram tomadas, só assim que conseguiremos mudar. Nem tudo que existe é permanente, temos que criar essa visão de Brasil, do que já fomos e do que já tínhamos e hoje já não temos, se conseguimos resgatar essas opções, nós conseguimos resgatar essas visões.”¹⁷⁹ Na mesma produção, ele comentou ainda sobre: a independência do Brasil, a importância de conhecer a história, a Revolução Americana, a Constituição de 1824, o efeito Liberal no Brasil, o Liberalismo na carta de 1824, o lado humano da história, autoestima brasileira, o resgate dos valores brasileiro. Ou seja, podemos perceber como tema central da produção material audiovisual do B.P. a História.

Em 2017, Bragança publicou o seu livro intitulado “Por que o Brasil é um país atrasado? O que fazer para entrarmos de vez no século XXI. O livro foi publicado na Livraria da Leda Nagle (jornalista e apresentadora do diário *Sem Censura*), o empresário tentou compreender como se construiu, ao longo dos séculos, um estado interventor no Brasil, processo que atingiu seu ápice na promulgação da constituição de 1988. Nele, o autor tenta “resgatar” a história da democracia desde a época da Grécia até a história do Brasil recente, o autor defende o “livre mercado” e a propriedade privada, criticando as políticas keynesianas. Esse debate resgatado pelo empresário são formas de atuação das direitas radicais em tentar “apresentar” ou “vender” uma solução para o Brasil, e isso, conseguiu ser possível na visão desses intelectuais a partir da volta dos “valores tradicionais, a derrota petista e a ascensão de uma figura reacionária-conservadora.

Outro nome que segue sendo importante para o B.P., é o atual Presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rafael Nogueira. Bacharel e Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), e pós-graduado em Educação

¹⁷⁹ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/luiz-philippe-o-braganca/media/5e80fee6dcb62c3840069465>. Acesso em: 25/05/2021.

pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Mestrado incompleto em Direito Internacional pela UniSantos. É professor de História e Filosofia há 7 anos em escolas públicas, técnicas e privadas, atualmente mais focado em aulas particulares e cursos preparatórios, como o da AFAM, voltado à prova de vestibular da Academia Militar do Barro Branco. É pesquisador de História do Império do Brasil há quase dez anos, e um dos maiores especialistas sobre a atuação do José Bonifácio de Andrada e Silva na Independência do Brasil e na formação do Império. É consultor de História da equipe IVIN para a produção do filme "Bonifácio - O Fundador do Brasil", sobre José Bonifácio. Dos cinco concursos que prestou para a carreira docente de História e Filosofia na rede pública de ensino ou para escola técnica, passou três vezes em segundo lugar e duas vezes em primeiro lugar.

Nogueira participou do “Congresso Brasil Paralelo”, 1964: o Brasil entre armas e livros, “Brasil a última cruzada”, todas essas produções são os documentários do APH, Nogueira também participa do “Núcleo de Formação”, ministra aula semanais dentro do B.P. atuando principalmente em temas relacionados com “Estudos Clássicos”, em 2016, iniciou o “Ciclo de Debates em estudos clássicos em São Paulo e Porto Alegre, representando o B.P. Também atuou, oferecendo cursos online sobre a formação do pensamento conservador. Entre 2017 e 2019, foi professor do Curso “Política, Governo e Conservadorismo” em São Paulo, pelo Instituto Conservador.¹⁸⁰ No atual momento, além de ser Presidente da Biblioteca do Rio de Janeiro, oferece os seus cursos no NEC (Estudos para o Desenvolvimento Integral), segundo a descrição do curso: “a busca pela verdade é uma vocação. Isso fica evidente quando vemos que algumas pessoas, simplesmente, não se incomodam em passar os seus dias sem compreender nada, enquanto outras – as realmente vocacionadas – são despertadas para deixar a ilusão das sombras da ignorância em direção à luz do conhecimento.”¹⁸¹

Seguindo a mesma lógica do B.P. o NEC oferece materiais e formação para compreender e combater o pensamento marxista, de acordo com a descrição do *site*, “sendo assim, torna-se imprescindível estudar os fundamentos do pensamento marxista. Fazer isso é essencial para entender não só o que pensam os próprios marxistas, mas para compreender a mentalidade das pessoas do nosso tempo.”¹⁸² Para se inscrever nos cursos, a pessoa precisa pagar uma taxa de 75,00 reais, só assim será possível “realizar uma análise crítica dos fundamentos do pensamento marxista”¹⁸³ e combater os marxistas no campo cultural.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/rafael-nogueira-b178a320/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 25/05/2021.

¹⁸¹ Disponível em: <http://www.necfabioblanco.com.br/>. Acesso em: 25/05/2021.

¹⁸² Disponível em: <http://www.necfabioblanco.com.br/>. Acesso em: 25/05/2021.

¹⁸³ Disponível em: <http://www.necfabioblanco.com.br/>. Acesso em: 25/05/2021.

O atual Presidente da Biblioteca foi escolhido pelo ex-secretário da Cultura do governo federal, Roberto Alvim, após ele assistir a duas palestras de Nogueira. Nogueira comentou para o Jornal Gazeta do Povo que comentou que conheceu Olavo de Carvalho em 2003, quando ele fez uma palestra em Santos. Segundo Nogueira, “Olavo parecia um Sócrates, trazendo reflexões com muita cultura e uma grande habilidade em mostrar onde estava nossa falta de sinceridade. Achei interessante continuar os cursos dele. Aprendi que, mais do que estudar para acumular cultura, é preciso estudar para formar personalidade.”¹⁸⁴ Até o atual momento Nogueira ainda é aluno do Olavo de Carvalho. Seguindo a linha da entrevista, “eu tenho um pendor a favor da ideia da monarquia, por gostar daquele período.”¹⁸⁵

De acordo com Nogueira, sua intenção na Biblioteca Nacional até 2022:

Quero recuperar a alma da biblioteca. Para isso pretendo atuar em quatro frentes. A primeira é garantir que todas as editoras enviem exemplares de todos os seus livros para a biblioteca, que é a depositária legal. Muitas vezes algumas editoras pequenas não enviam exemplares, e isso prejudica a preservação da memória brasileira. Pelas informações que eu levantei, existe alguma confusão nessa parte. Vou fazer um levantamento a respeito disso.

A outra frente de atuação é retomar a parte de pesquisa e editoração. Nós temos condições de dar bolsas de pesquisa, e eu quero que essas bolsas sejam dadas para pesquisadores que usem o nosso acervo focando, de preferência, no aniversário de 200 anos da Independência do Brasil, que será celebrado em 2022.¹⁸⁶

Outra figura de destaque dentro do B.P. permanente, é o jornalista Rodrigo Constantino. Presidente do Conselho do Instituto Liberal e membro-fundador do Instituto Millenium (IMIL), atua no setor financeiro desde 1977. Formado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), com MBA de Finanças pelo IBMEC. Conquistou o Prêmio Libertas no XXII Fórum da Liberdade, realizado em 2009. Tem cinco livros publicados, entre eles: *Economia do indivíduo: o legado da Escola Austríaca*.

Constantino participou do “Congresso Brasil Paralelo”, “1964: o Brasil entre armas e livros”, em 2017, Constantino representou o B.P. no Fórum da Liberdade, nessa entrevista Constantino comentou a atuação do Partido dos Trabalhadores durante 13 anos sobre o “marxismo cultural”. Constantino compartilha e perpetua teses conspiracionistas, preside o Conselho Deliberativo do Instituto Liberal, que propõe promover a pesquisa, a produção e a divulgação de ideias, teorias e conceitos sobre as vantagens de uma sociedade baseada no

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/>. Acesso em: 25/05/2021.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/>. Acesso em: 25/05/2021.

¹⁸⁶ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/>. Acesso em: 25/05/2021.

Estado de Direito; na democracia representativa; na economia. Ele entende a liberdade como ausência de coerção de indivíduos sobre indivíduos, e requisito necessário à condição humana: apenas em regime de liberdade se desenvolvem plenamente as potencialidades individuais, compactuando com a agenda ultraliberal-conservadora.

O jornalista é um grande entusiasta da iniciativa do B.P., já escreveu artigos elogiando a atuação do APH. Segundo ele, “o Brasil Paralelo é uma iniciativa que merece aplausos e divulgação”.¹⁸⁷ Também elogiou o filme “1964: o Brasil entre armas e livros”, de acordo com o jornalista, “o filme do Brasil 1964 é a aula de história que nos foi negada”.¹⁸⁸ A partir do ponto de vista do jornalista, o mesmo destacou alguns pontos, segundo ele, importantes para pensar a história do Brasil a partir da produção do B.P.:

- 1) Fica muito claro como havia, de fato, uma ameaça de revolução comunista na época, e que todos aqueles que depois escreveram a história como se lutassem contra uma ditadura e por democracia queriam, na verdade, instalar um regime ainda mais opressor no país, nos moldes cubanos.
- 2) Com base em documentos obtidos na antiga Tchecoslováquia, o filme resgata a relevância da atividade clandestina dos comunistas de Moscou no país, algo que a narrativa? oficial? oculta, dando ênfase apenas ao papel questionável da CIA;
- 3) O contexto internacional da Guerra Fria é exposto com maestria, não deixando margem a dúvidas de que vários países, especialmente latino-americanos e africanos, seriam alvos do colonialismo imperialista dos soviéticos se os americanos não reagissem;
- 4) O documentário não nega que houve um golpe em 64, pois a Constituição foi de fato ignorada ou rasgada, mas divide regime militar em duas fases, lembrando que o período Castelo Branco tinha a real intenção de ser transitório e devolver um país democrático;
- 5) O racha dentro do grupo militar é bem explicado, mostrando que a linha dura tinha outro projeto para o Brasil, influenciada pelo positivismo de Comte (mesmo sem saber), e desejava instaurar no país uma tecnocracia centralizadora e dirigista.
- 6) O resgate de imagens e declarações dos principais agentes políticos da década de 1960 mostra como haveria, muito provavelmente, uma guerra civil se os militares não tivessem agido;
- 7) O imenso apoio popular, da imprensa, de entidades como a OAB, demonstra como eram os comunistas que lutavam sem qualquer respaldo da população, financiados por regimes ditatoriais que pretendiam expandir seu império mundo afora
- 8) O filme não poupa os militares, em especial aqueles da linha dura, pela censura, opressão e perseguição, ainda que mostre como foi o terrorismo de esquerda que forneceu o pretexto para essa reação
- 9) Dentro do contexto da época e do que foram as ditaduras comunistas, o documentário acusa o regime militar de ditatorial, principalmente após 68, mas expõe como foi light se comparado aos demais, mostrando inclusive que a censura era bem frouxa e moralista mais do que ideológica;
- 10) Por fim, o filme culpa os militares por terem focado nas guerrilhas revolucionárias, como em Araguaia, deixando de lado a parte cultural, já sob

¹⁸⁷ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/brasil-paralelo-uma-iniciativa-que-merece-aplausos-e-divulgacao/>. Acesso em: 01/06/2021.

¹⁸⁸ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/>. Acesso em:

influência de Gramsci e da Escola de Frankfurt, o que acabou por permitir a hegemonia socialista na imprensa e na academia, algo que se fez sentir até hoje, e que permitiu domínio absoluto da esquerda após a redemocratização.¹⁸⁹

Segundo a citação acima, Constantino reforça a tese de que a Universidade e os espaços midiáticos foram tomados pelos “marxistas”, e a “culpa” para esses intelectuais no contexto do século XX, é da União Soviética e no Brasil, a partir da década de 1970 teve uma ameaça comunista. Segundo ele, “o filme é a aula de história que nos foi negada por militantes marxistas disfarçados de professores, esses que, infelizmente, pululam nas escolas e universidades.”¹⁹⁰

No final da matéria, ele ressalta a importância do filme. Pedindo que os pais coloquem seus filhos para assistirem. E se for aluno escolar ou universitário, junte-se com outros colegas e tente convencer seus professores/as passar o documentário e seguir com debates. Sendo assim, conforme apresentado pelo jornalista, “não aceitem a intimidação dos comunistas raivosos”. Eles querem impedir o debate por motivos óbvios, que fica mais evidente ainda após o filme.”¹⁹¹

Um dos principais intelectuais orgânicos do B.P., Flávio Morgenstern, foi aluno do Olavo de Carvalho em 2003. Escritor, analista político, palestrante e tradutor e colunista do Instituto Liberal. Seu trabalho tem foco nas relações entre linguagem e poder e em construções de narrativas. É autor do livro "Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs". Também oferece cursos online através da plataforma (formação.senso.incomum.com.br). Segundo a descrição da plataforma, “você está em guerra, e precisa de ferramentas para virar o jogo. Um curso completo que te dará os meios para jogar contra a manipulação da mídia.”¹⁹² Os temas das aulas estão relacionados com “mídia” e “guerra cultural”, dentro do B.P. Morgenstern, participou do “Congresso Brasil Paralelo”, “o teatro das tesouras”, “Brasil a última cruzada”, 1964: o Brasil entre armas e livros, também ministra aulas no núcleo de formação do B.P.

Um dos principais responsáveis pela criação do B.P., foi o empresário Leandro Ruschel. Formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sócio-fundador do Grupo L & S, composto por uma série de empresas que oferecem serviços no mercado financeiro. De

¹⁸⁹ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/>. Acesso em: 01/06/2021.

¹⁹⁰ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/>. Acesso em: 01/06/2021.

¹⁹¹ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/>. Acesso em: 01/06/2021.

¹⁹² Disponível em: https://formacaoensoincomum.com.br/infowar/?utm_source=google-ads&utm_medium=yt&utm_campaign=infowar&gclid=Cj0KCCQjw6s2IBhCnARIsAP8RfAiUsfXIIOGq-vwMwMRfqaBx1AWbUyAL2gp9tJ_NWfs12Y96gEmdV9EaAq5TEALw_wcB. Acesso em: 01/06/2021.

acordo com a entrevista de Viana, “foi o Ruschel que destacou a relevância cultural da empresa, para o empresário, temas ligados à cultura precisam ser discutidos.”¹⁹³

De acordo com a publicação no *Facebook* “Leandro Ruschel explica que, além da manutenção do tripé econômico implementado no governo de FHC, o governo de Lula foi beneficiado pela exportação de commodities para a China que abria seu mercado e necessita de alimentos para alimentar a população que para lá emigrava”.¹⁹⁴ Segundo sua descrição no *Twitter*, o empresário “cria negócios, investe no mercado e busca viver pelos valores cristãos.”¹⁹⁵ Ruschel tem quase 522 mil pessoas no *Twitter*, 150 mil seguidores no *instagram*¹⁹⁶, publica conteúdos relacionados com a defesa do livre mercado, a propriedade privada e defende pautas políticas ideológicas conservadoras.

Outro nome de intelectual permanente do B.P. é o Professor Adjunto de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marcus Boeira. Doutor em Direito do Estado e Mestre em Direito do Estado (USP). Graduação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Segundo Viana, “Boeira foi lançado pelo B.P. e a importância segundo o sócio é porque ele já tinha muito mais estrada que o Brasil Paralelo.” Marcos Boeira já atuou nos documentários do B.P., 1964: o Brasil entre armas e livros,” O Congresso Brasil Paralelo”.

Também podemos citar Flávio Gordon. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (<http://revistavilanova.com/>) para as áreas de política, cultura e educação. Realiza trabalhos de tradução para as editoras Record e Vozes.¹⁹⁷

Em 2020, Flávio Gordon, ministrou pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), sobre o tema globalismo e comunismo. A conferência foi transmitida ao vivo pelo canal da FUNAG no *YouTube*. Os temas se aproximam com a narrativa discursiva defendida pelo B.P.

¹⁹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s>. Acesso em: 21/06/2021.

¹⁹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilparalelo/posts/954273078295697/>. Acesso em: 24/06/2021.

¹⁹⁵ Disponível em: https://twitter.com/leandroruschel?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 25/06/2021.

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/leandroruschel/?hl=pt>. Acesso em: 25/06/2021.

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4838563/flavio-gordon>. Acesso em: 25/06/2021.

e com conteúdos ministrados pelo próprio Gordon dentro do B.P. no período de 2016 até 2019. Gordon tenta promover por meio de seus temas ligados a “teoria marxista cultural” uma visão de mundo ultraliberal-conservadora, defendida pela direita radical.

- Conferência “Globalismo e Comunismo” (vídeo completo)
- Flávio Gordon: a suposta oposição entre capitalistas e socialistas
- Flávio Gordon: as relações entre socialistas e grandes capitalistas
- Flávio Gordon: o desarmamento e o globalismo
- Flávio Gordon: a ONU e o comunismo
- Flávio Gordon: a mudança do vocabulário comunista
- Flávio Gordon: o mito sobre o fim do comunismo
- Flávio Gordon: a URSS e a “Casa Comum Europeia
- Flávio Gordon: diálogo Gorbatchov-Menem
- Flávio Gordon: Gorbatchov e Lenin
- Flávio Gordon: o globalismo e a pandemia
- Flávio Gordon: o globalismo como tipo de imperialismo
- Flávio Gordon: como reverter a corrupção da inteligência?
- Flávio Gordon: a hegemonia esquerdista nas universidades
- Flávio Gordon: a hegemonia esquerdista na indústria cultural
- Flávio Gordon: narrativas esquerdistas sobre a história
- Flávio Gordon: a atuação da OMS na pandemia
- Flávio Gordon: a pandemia como oportunidade para o globalismo
- Flávio Gordon: a tática de relativizar os crimes do comunismo
- Flávio Gordon: o comunismo como seita
- Flávio Gordon: a vitimização e a esquerda.

Outro nome "permanente" do B.P. ao decorrer de sua atuação, é o empresário e fundador do Instituto Liberal (IL), Alexandre Borges. Formado em Direito pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e cursou Jornalismo na Unisinos. Alexandre Borges já publicou em sites e blogs como os da revista Veja, Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil, MBL – Movimento Brasil Livre, Mídia Sem Máscara, entre outros. Temáticas como economia e política já foram transformadas em artigos em jornais como na própria “Gazeta do Povo” e “O Tempo”, de Minas Gerais.

Destacamos a tabela em anexo todos os convidados que participaram da produção material audiovisual do B.P. no ano de 2016-2019, em formato de séries/entrevistas e aulas (núcleo de formação). Por meio de um recorte sobre as fontes aprofundaremos a nossa discussão para compreender os intelectuais que participaram das séries/entrevistas, e em seguida, debruçar sobre as “teias” de ligações/relações desses grupos.

Operando como sustentáculos para a construção da hegemonia burguesa, as quais buscam universalizar seus interesses de classe, a partir de uma atuação incisiva, militante e diversificada, tais grupos possuem formas de atuação política ideológica que tem sido conscientemente organizada e executada por intelectuais/empresários com o seguinte objetivo: “formam-se/educam-se novos quadros de intelectuais orgânicos, propõem-se políticas públicas, costuram-se ou mediam-se conflitos entre burgueses, assim como se ampliar e capilarizar a difusão de valores para outros espaços estratégicos.”¹⁹⁸

Para compreender o desdobramento da atuação do B.P. analisamos no capítulo seguinte as produções de conteúdo de cunho histórico, com tom revisionista, do Brasil Paralelo, pautado na análise teórica da produção e da divulgação da História.

¹⁹⁸ CASIMIRO, Op. Cit. 2020, p. 29-30.

CAPÍTULO 3. BRASIL PARALELO: PRODUÇÃO MATERIAL, FORMAS DE ATUAÇÃO DOUTRINÁRIA E “DISPUTA DE NARRATIVAS”

Neste capítulo final, iremos discorrer sobre as produções materiais audiovisuais do B.P. Para compreender suas produções fez-se necessário anteriormente analisar a atuação dos membros permanentes enquanto intelectuais orgânicos, portanto, é no campo da produção do consenso que esses intelectuais atuam, como forma de legitimar suas pautas reacionárias, antiprogredistas e autoritárias no país da última década.

Para realizar esta tarefa, selecionamos duas produções consideradas relevantes em nosso estudo: o material do documentário do Pátria Educadora e o considerado o principal documentário do APH, “1964: O Brasil entre armas e livros”, lançado intencionalmente em 31 de março de 2019, num clima de “comemoração” dos 55 anos da ditadura empresarial-militar no Brasil (e de início do governo Bolsonaro).

A escolha destas duas fontes carrega o objetivo de pensar B.P. em dois movimentos. O primeiro, consiste em buscar elementos para descobrir qual projeto político-ideológico que sustenta a empreitada do Brasil Paralelo a partir da produção “Congresso Brasil Paralelo (2016)” e, um segundo, pretende compreender qual narrativa esse aparelho ‘privado’ tem adotado com o propósito de justificar suas pautas reacionárias e ultraliberais ligadas com grupos ou frações de classe da chamada “Nova Direita”.

Se tomarmos como base o mês de junho de 2021, B.P. já disponibilizou em sua plataforma digital um total de 18 produções audiovisuais em formato de séries e filmes (de natureza documental)¹⁹⁹. Dentro da plataforma (<https://site.brasilparalelo.com.br/home>), as produções estão divididas por categorias. São elas: séries e filmes; cursos – presentes no “Núcleo de Formação”, “Sociedade do Livro”, “Clube da Música”, “Escola da Família” (segundo a Folha de São Paulo, “o plano é direcionado para pais e mães que desejam construir um legado de valor para a próxima geração”)²⁰⁰ e “lives” (as lives estão separadas por temáticas, as temáticas abordadas foram: “*As grandes minorias - no novo lançamento do B.P.*; “*A força da mídia - como a opinião popular é formada?*; *Globalismo com Rodrigo Constantino*; *Família Educadora - dia 1*; *Família Educadora - dia 2*; *Família Educadora - dia 3*; *Gilmar Mendes mantém a quebra de sigilo da produtora Brasil Paralelo*; *Urgente - Fundadores da Brasil Paralelo se pronunciam sobre a quebra de sigilo bancário.*” Como

¹⁹⁹ Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/producoes>. Acesso em: 04/05/2021.

²⁰⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>. Acesso em: 04/05/2021.

consta no próprio site do B.P., “quem se torna Membro, além de financiar todas as produções da Brasil Paralelo, tem acesso exclusivo à maior biblioteca de vídeos voltados para quem busca expansão do intelecto”.²⁰¹.

De acordo com a matéria publicada pelo *Jornal Folha de São Paulo*, no ano passado, a empresa faturou R \$30 milhões, crescimento de 335% sobre 2019, já descontada a inflação. Atualmente com 200 mil assinantes que pagam para ter acesso a seu conteúdo de documentários e cursos de viés direitista, estabeleceu como meta chegar a 1 milhão até o final de 2022. Como consta no próprio *site* do Brasil Paralelo, “quem se torna *Membro*, além de financiar todas as produções da Brasil Paralelo, tem acesso exclusivo à maior biblioteca de vídeos voltados para quem busca expansão do intelecto”.²⁰²

Em nossa premissa inicial, o que Brasil Paralelo faz em seu revisionismo histórico é instrumentalizar um conhecimento “histórico” por uma prática social, por uma ideologia, por uma visão de mundo deformada da História como conhecimento verdadeiro e cientificamente elaborado. São profundamente antiéticos, alterando sem cessar o experienciado e o pesquisado pela comunidade científica dos historiadores e demais cientistas sociais, supostamente em defesa da “liberdade”, da “pátria” e dos “valores cristãos”, com uma visão ultraconservadora, nacionalista. Segundo a entrevista concedida ao canal “Rede do Século 21” ao Programa do Brasil Cristão, o sócio fundador Henrique Viana destacou que "de fato, entre o Brasil Paralelo e os cristãos existe um entrosamento e harmonia" Dessa forma para nova vida religiosa isso cria um alinhamento."

Sobre o revisionismo histórico, a despeito de haver um quadro de aplicações controversas do termo na historiografia internacionalmente, quando se tenta definir no plano conceitual as tentativas de reescrita da memória sobre o passado vivido, ou não, pelos sujeitos históricos, cujos pés se encontram, inexoravelmente, apoiados no “anel delicado” do tempo presente²⁰³ bem como a respeito das disputas constantes entre diferentes leituras da realidade, sobretudo aquelas que se aventuram corajosamente na controversa interpretação dos processos políticos, pode ser bastante enriquecedor manter em vista dois aspectos fundamentais desse amplo debate.

²⁰¹ Desde o processo da gestação de B.P. até o atual contexto, podemos perceber a ampliação de novos conteúdos e materiais produzidos.

²⁰² Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/>. Acesso em: 12/03/2021.

²⁰³ Trecho inspirado no verso de Pablo Neruda. Integrações sem sair do presente/ que é um anel dedicado/tocamos a areia de ontem no mar para ensinar o amor/um arrebatamento repetido. IN: NERUDA, Pablo. **O coração amarelo**. Porto Alegre: P&m. 2009. p. 49.

Primeiro e mais importante é aquele ao qual se refere Traverso²⁰⁴ sobre os abusos do chamado “revisão histórico”. Nesse sentido, o termo deve ser mais bem medido e pesado ao ser aplicado pelos historiadores, cujo principal objetivo ao produzirem narrativas que tomam como base o paradigma indiciário da investigação sobre o passado deve ser o de testar a lógica histórica, evitando dogmatismos e simplificações arbitrárias. Deve-se, portanto, manter em vistas, sempre, o interesse em produzir historiografia crítica independentemente das simpatias e matizes político-ideológicos que os encantem ou movam os seus olhares em direção ao passado.

Neste sentido existe uma relação orgânica entre modos deliberadamente deformadores de revisão histórico e a ascensão e fortalecimento do B.P. É assim que compreendemos, por exemplo, a assertiva de Flávio Casimiro quando aludiu que no Brasil contemporâneo das últimas décadas “a direita brasileira passa a disputar no campo da narrativa histórica”²⁰⁵ na qual esses atores têm encontrado formas de legitimar seus projetos sociais através de um processo des/educativo marcado por uma “nova pedagogia da hegemonia” na extrema contramão das árduas conquistas progressistas de sujeitos/grupos historicamente excluídos da história e memória do país (negros, indígenas, mulheres, comunidade LGBTQIA+ etc.) – principalmente se for numa conjunto de ações militantes e contundentes pelas redes sociais.

3.1. Mídias e Redes Sociais: para situar o Brasil Paralelo

O desenvolvimento de poderosos meios de comunicação de massas no decorrer do século XX alterou não apenas formas de sociabilidade, padrões de comportamento e representações/práticas políticas, como também – senão fundamentalmente acompanhou as (e contribuiu de modo efetivo para as) mutações do capitalismo, experienciada em seu modo de produção e reprodução de cariz monopolista.

A mídia corporativa empresarial – fruto histórico de um processo de natureza desigual e combinada do capital financeirizado – tornou-se não apenas um “meio”, mas um vetor privilegiado da dinâmica da luta de classes, por onde disputas pela hegemonia e formas de dominação burguesa vem ocorrendo ferozmente nos diferentes palcos da “sociedade civil” na produção e difusão de uma irradiada “cultura da mídia”²⁰⁶, mas contando com as benesses e

²⁰⁴ TRAVERSO, Enzo. Revisão e Revisionismo. In: CALIL, Gilberto. MELO, Demian. SENA, JR, Carlos Zacarias (orgs.). **Contribuição à Crítica da Historiografia Revisionista**. Rio de Janeiro: Consequência. 2017, p. 37.

²⁰⁵ CASIMIRO (2020), op. cit., 75.

²⁰⁶ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

participação tentacular do Estado em suas relações ampliadas e seus modos de educar pelo consenso através de um conjunto variado de aparelhos ‘privados’ da burguesia empresarial no campo midiático.²⁰⁷

Assim, desde a passagem da década de 1970 à de 1980, ao assumir o papel de mediadora das relações entre o capital monopolista, o Estado (restrito) e a sociedade civil (APHs) num contexto de ascensão e fortalecimento do projeto neoliberal, a mídia corporativa empresarial passou a promover uma excessiva ‘visibilidade’ aos acontecimentos políticos e produzir a sua própria narrativa (tomando-a como de “todos”) sobre os fatos de acordo com os seus interesses (privados).

Nesse cenário, as antigas ‘práticas teatrais’ das representações políticas, ocorridas ‘presencialmente’ em espaços públicos, passaram a ocupar um lugar de destaque nas coberturas jornalísticas, dando ensejo às tiranias da cultura e da comunicação midiática²⁰⁸ e, em seu bojo, à “espetacularização” da violência, do poder e do status quo.

No caso brasileiro, por exemplo, existe um certo histórico de tensão nas relações entre mídia, poder e política, pois, de acordo com Helena Martins ao tratar da conjuntura do país a contar da década de 1990:

Para compreender o papel da mídia, voltemos um pouco no tempo. Ao longo dos anos 1990, as instituições de comunicação pareciam adotar uma postura mais democrática. Havia até alguma abertura para a participação de movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que chegou a ser tema da novela das 20h da Globo *O Rei do Gado*, alguns meses após o massacre de Eldorado dos Carajás. Mas nunca deixou de disputar sentidos. No caso da novela, a Globo deu visibilidade, mas também construiu o enquadramento da ação dos sem-terra como restrita ao campo institucional, mantendo intocável o direito de propriedade. Quanto ao poder central, os principais veículos tiveram uma postura complacente durante as gestões de Fernando Henrique Cardoso. Após a eleição de Lula, ainda que este não tenha enfrentado o poder dos oligopólios, eles mudaram de postura. No contexto da Ação Penal 470, apelidada pela própria mídia como “mensalão”, em 2005, passaram ao que Liziane Guazina (2011) entende como uma postura adversarial em relação aos políticos e à política, conforme demonstrou na tese de doutorado *Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no escândalo do mensalão*. Se antes a mídia brasileira estava se alinhando às formas dominantes de intervenção política da mídia nas democracias liberais, a partir de então voltou a empregar carga máxima nas disputas eleitorais, indo além da participação no debate e buscando incidir na definição dos processos. Um caso curioso pode servir de exemplo. Em 2010, o então candidato do PSDB à presidência da República José Serra foi atingido na cabeça por um objeto, o que o fez encerrar a caminhada que fazia com correligionários e partir em busca de um hospital para realizar exames. A extensa cobertura midiática, com direito à reconstituição do episódio e contratação de perito para análise de imagens, endossou

²⁰⁷ MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crises**. São Paulo: Expressão Popular. Fundação Rosa Luxemburgo. 2020. Ver também: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

²⁰⁸ RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

a versão da agressão com “objeto contundente”. Depois, veio à tona que ele havia sido atingido por uma bolinha de papel.²⁰⁹

A citação acima de Martins retrata um contexto histórico recente do Brasil sob hegemonia de políticas e práticas neoliberais que não somente escancaram o peso político-ideológico assumido pelos veículos da grande mídia nas últimas duas décadas no que tange às relações de poder e aos projetos hegemônicos – vinculados estreitamente aos interesses de grupos empresariais-financeiros tributários do capital-imperialismo e das vantagens políticas e econômicas oferecidas pelo aparelho estatal desde a ditadura.²¹⁰

Tal contexto permite-nos também refletir o papel proeminente desempenhado pela mídia burguesa brasileira na condução do golpe de 2016 e na criminalização de lideranças, partidos e movimentos sociais identificados com setores progressistas. Para além do momento eleitoral, as mídias burguesas atuaram (e continuam a atuar) na criminalização de movimentos sociais (MST, MTST) e grupos progressistas, com a finalidade de esvaziar os pressupostos da esquerda – mesmo numa perspectiva liberal-democrática como a defesa de direitos constitucionais. Ao contrário, abriram espaço para uma agenda reacionária e neoliberal, com a promoção do populismo penal. com as respostas para as questões de segurança pública, viabilizando programas de TV policiais, como por exemplo, o programa do jornalista José Luiz Datena, “Brasil Urgente”, na TV Bandeirantes e o programa apresentado pelo jornalista Luiz Bacci, “Cidade Alerta”, na Rede Record.

Desde o início de seu segundo mandato, em 2015, a então Presidenta Dilma conviveu com ameaças de uma ação de impeachment, com a aceitação pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, da denúncia-crime de responsabilidade apresentada pelos advogados Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com o impeachment aprovado em abril de 2016 na Câmara dos Deputados e, em 31 de agosto, a aprovação pelo Senado, Rousseff perdeu o cargo. Em seu lugar assumiu o vice-presidente, Michel Temer.

O cenário construído em torno de Dilma Rousseff até o processo de Impeachment ganhou “caras” novas a partir de uma narrativa anticorrupção e antipetista. De acordo com Débora, “no contexto de 2015 observou-se três campos semânticos centrais no discurso dos formadores de opinião dos manifestantes: o antipetismo, o conservadorismo moral e os

²⁰⁹ MARTINS, op. cit., p. 111-112.

²¹⁰ Vale dizer que tais interesses e vantagens ganharam musculatura durante a vigência da ditadura empresarial-militar no Brasil, quando grandes empresas (além de veículos de imprensa, as empreiteiras, indústria pesada, os bancos e setores das altas finanças etc.) tornaram-se verdadeiros “impérios” em seus respectivos setores não apenas por meio de isenções fiscais e aporte financeiro, como também expressão e representatividade política nas assembleias legislativas e governos (estadual e federal) por meio de bancadas parlamentares (caso dos ruralistas). Para saber mais: DREIFUSS, René. **O jogo da direita na Nova República**. Petrópolis: Vozes.

princípios neoliberais.”²¹¹ Ainda de acordo com a autora, “o antipetismo é o campo semântico a reunir o maior número de emissões discursivas dos formadores de opinião.”²¹² Ou seja, a narrativa antipetista ao lado da questão lavajatós; moral e conservadora, segundo esses atores sociais, teria sido o grande problema por todas as mazelas que atingiram o país. Ao PT é atribuída a responsabilidade, tanto na crise econômica, quanto ao que é reconhecido sendo na visão de muitos brasileiros o partido mais corrupto do país. Tal discurso mobilizou os atores sociais nas redes e nas ruas.

No mundo contemporâneo, os meios de comunicação e as redes digitais têm, assim, um papel fundamental para construir produção/consenso e disseminar informações, sejam elas reais ou *Fake News* (mais ainda em tempos de pandemia). Antigamente, no cenário político, a “arena do jogo” eram os palanques e outros espaços concretos, a partir de 2016, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a ferramenta digital tornou-se mecanismo de atuação para fins políticos, em especial, o Twitter e o Facebook. No caso brasileiro, essa ferramenta digital foi utilizada pela direita radical com a ascensão do bolsonarismo.

Para além dos partidos políticos formais, as plataformas digitais são essenciais na construção de consenso para grupos/atores e sujeitos da “nova direita”. De acordo com a tese da Camila Rocha (2018), a partir de fóruns digitais, orkut, facebook, esses jovens se organizavam e se encontravam. Através dos meios digitais esses jovens ressentidos conseguiram encontrar formas de atuação em prol de seus projetos, portanto, as plataformas digitais são as grandes ferramentas para os APHs (principalmente os ideológicos). De acordo com Casimiro:

Na análise do processo de produção de consenso para a hegemonia, destacamos a ampliação das formas alternativas de comunicação e difusão de conteúdos por meio de mídias sociais (como Facebook, Twitter, Instagram etc). e aplicativos móveis como Whatsapp e similares). Esses novos espaços de sociabilização do século XXI, por um lado, trouxeram conquistas muito importantes, na medida em que facilitam e ampliam vertiginosamente o acesso a todo o tipo de conteúdo e representaram um avanço significativo no enfrentamento e na relativização do poder dos grupos midiáticos tradicionais no Brasil, principalmente da televisão aberta. Por outro lado, possibilitaram uma disseminação de conteúdos com pouca profundidade e com apelo sensacionalista, que passam a ideia de acesso à informação, mas que na verdade privilegiam a superficialidade, inviabilizando análises mais complexa e o contraponto de ideias. Esse processo abriu um campo de estratégias de produção em massa de conteúdos e de informações (imagens, memes, vídeos etc)., no qual, distorções, descontextualizações e notícias falsas circulam nessas redes juntos com reportagens jornalísticas e estudos científicos, o que dificulta verificação e a confirmação de informações. O fato é que podemos observar uma escala industrial desses “memes”, financiada por grupos empresariais, sendo que a difusão desses

²¹¹ MESSEMBERG, Débora. A cosmovisão da “nova” direita brasileira. In: PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A (Orgs.). **Brasil em transe: Bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019, p. 36.

²¹² PINHEIRO-MACHADO, R. FREIXO, A. (orgs). MESSEMBERG, Débora. Op. Cit. 2019. p. 37.

conteúdos se transformou em uma poderosa estratégia política de difusão de produção de consenso de grande amplitude, adquirindo uma sofisticação profissional.²¹³

3.2. Brasil Paralelo e as redes sociais: para entender suas “narrativas” (2016-2020)

Neste cenário surge a atuação do B.P., em especial a organização do documentário “Congresso Brasil Paralelo” (2016), lançado nos dias 4 e 5 de novembro de 2016.

Esta série, feita a partir de depoimentos de sujeitos ligados ao setor empresarial, jornalístico, artístico, político, midiático e educacional, teve como um dos “ilustres” convidados o “guru” Olavo de Carvalho, o empresário Hélio Beltrão, o filósofo Luiz Felipe Pondé, o jornalista Rodrigo Constantino, a Deputada Joice Hasselmann, e o atual Presidente (à época, Deputado Federal) Jair Bolsonaro e outros. O objetivo do Congresso – segundo o vídeo publicado pelos próprios sócios do B.P. – consistia em “construir” o “Brasil do Futuro” e conectar “visionários” em prol de uma missão.²¹⁴

O “Congresso Brasil Paralelo” (2016) está dividido por episódios os quais compõem-se de seis capítulos e seis temáticas relacionadas à Política e História do Brasil contemporâneo e recente (ver imagem 1). O capítulo 1: *Panorama Brasil - Um raio X Inconveniente*, capítulo 2: *Terra de Santa Cruz*, capítulo 3: *As raízes do Problema*, capítulo 4: *Dividindo pessoas, centralizando o poder*, capítulo 5: *Propostas* e capítulo 6: *Impeachment: do apogeu à queda*. Essa primeira produção do Brasil Paralelo foi uma tentativa de produzir algo “novo” e comovente, segundo Valerim. De acordo com o sócio, “após o impeachment da ex-presidente, ficou claro que havia uma parcela significativa da população com o potencial de se mobilizar e gerar mudanças efetivas na rota que seguíamos. Isso nos entusiasmou.”²¹⁵ A produção na íntegra possuía, em março de 2021, um total de 849.424 milhões de visualizações.²¹⁶

Seguindo a imagem abaixo, podemos observar quantas pessoas visualizaram os conteúdos do B.P.

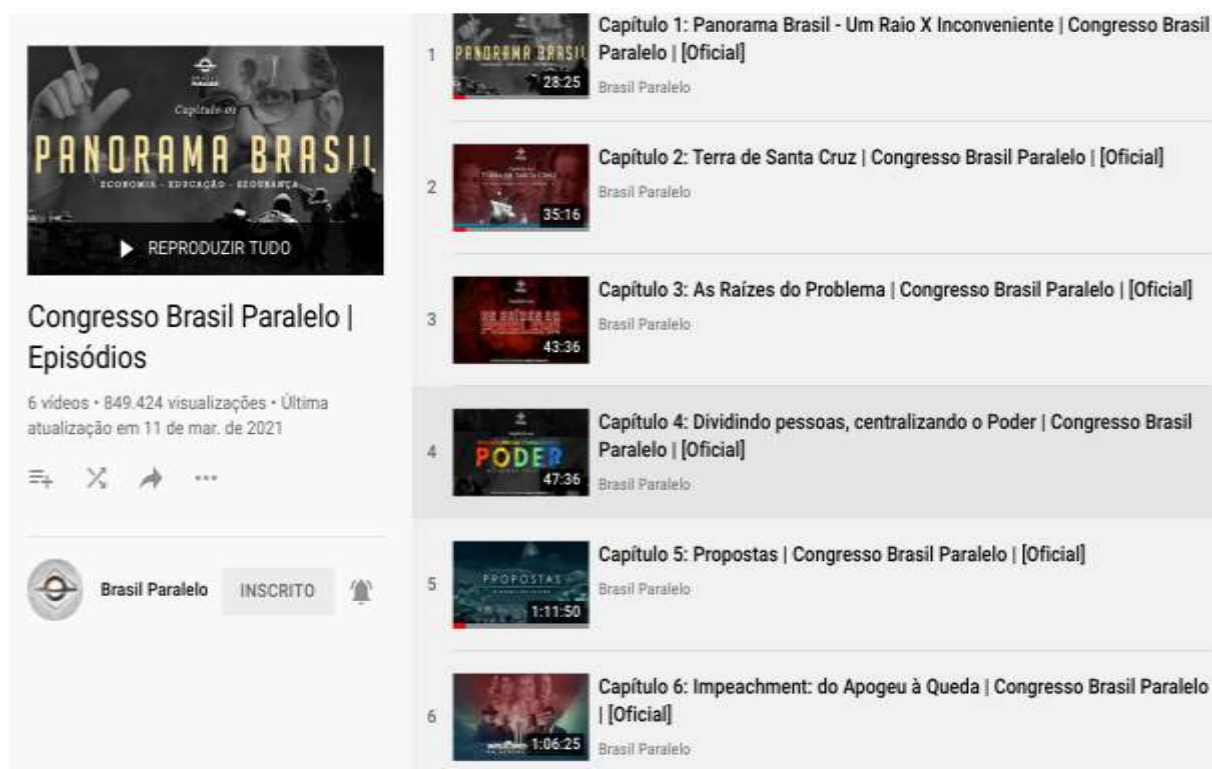
²¹³ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 80-81.

²¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IFwpn7kJIWU&list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021.

²¹⁵ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 11/03/2021.

²¹⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021.

Figura 3 - Episódios do *Congresso Brasil Paralelo*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=IFwpm7kjIWU&list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021

Em entrevista ao já citado “Boletim da Liberdade” em 2018 ²¹⁷Filipe Valerim, comentou os valores do B.P. E ressalta que esses valores são pontos de conexão nas escolhas feitas por ele e pelos outros dois sócios a respeito dos membros convidados e das produções em sua plataforma digital nas redes sociais. Portanto, entendemos que o B.P. opera por dois “braços”: revisionismo/negacionismo e o ultraliberalismo. De acordo com Valerim:

Os critérios de seleção dos colaboradores, estão ligados aos valores de liberdade (os indivíduos são diferentes na hora de escolher, agir e colher resultados bons ou ruins; impedir a ação e a escolha das pessoas é abuso de poder; ter a consciência de ser responsável pelos resultados é lucidez diante da vida); verdade (nosso propósito é enriquecer a sociedade por meio da comunicação eficiente da verdade; a verdade não é relativa, é o bem maior e uma meta inesgotável); arte (é a linguagem emocional para com os seres humanos; tudo que não for possível assimilar pela linguagem racional, será comunicado e sentido pela arte bem feita); ambição

²¹⁷ Segundo a descrição do Jornal: Fundado em 2016, o Boletim da Liberdade é um veículo jornalístico profissional que tem como diferencial a missão de cobrir a liberdade. Em outras palavras, tudo aquilo que a atinge, direta ou indiretamente, pelo lado positivo ou negativo, é alvo da missão do site de manter bem informado um conjunto de leitores crescente e altamente interessados no tema. Nesse contexto, o Boletim explora, principalmente, as áreas da política, da economia e da cultura. O Boletim da Liberdade está situado no Rio de Janeiro, mas sua cobertura tem abrangência nacional. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/quemsomos/> Acesso em: 7/05/2021.

(meritocracia; todos nós queremos o melhor da vida e o melhor do mundo, e a única forma legítima de conquistar isso é com o mérito; toda conquista sem mérito é instável e passageira).

Quanto à seleção do elenco de entrevistados, cada caso é um caso. Geralmente somos orientados pelo nível de especialidade e a capacidade de expressão dos entrevistados para abordar os temas que serão tratados no documentário. Três atributos que perseguimos na hora de selecionar entrevistados e produzir as séries são: Didática, storytelling e design. Acreditamos que esses três elementos são fundamentais para transmitir a mensagem com eficiência.²¹⁸

Qual noção de “liberdade” é essa? O conceito de liberdade, defendida pelos liberais, e especialmente os liberais-ultraconservadores, refere-se à liberdade dentro da noção liberal, neoliberal ou ultraliberal. Partindo de uma concepção pautada no individualismo e na defesa do livre mercado, o B.P. produz materiais e difunde sua ideologia sobre os temas políticos, econômicos e, principalmente, histórico e educacional. Seu propósito, seria reforçar a noção de Estado mínimo e, conseqüentemente, a economia de mercado, como condição necessária a fim de legitimar o discurso “meritocrático”, essa ideologia ultraliberal ficou evidente no “Congresso Brasil Paralelo (2016).”

Retomando o contexto da década de 1980, anos marcados no Ocidente pelo triunfo da política ultraconservadora e neoliberal, em que Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam o rompimento com o “welfarismo” da social-democracia e a inserção de “novas políticas” que supostamente poderiam superar a inflação desenfreada, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento.

Segundo Dardot e Laval, “os slogans frequentemente simplistas dessa nova direita ocidental são conhecidos: as sociedades são sobretaxadas, super regulamentadas e submetidas às múltiplas pressões de sindicatos, corporações egoístas e funcionários públicos”.²¹⁹ Ainda de acordo com os autores, “na realidade, essas novas formas políticas exigem uma mudança muito maior do que uma simples restauração do ‘puro’ capitalismo de antigamente e do liberalismo tradicional”. O “neoliberalismo”, vem mais tarde. Em certos aspectos, aparece decantação do “novo liberalismo” e, em outros, como uma alternativa aos tipos de intervenção econômica e reformismo social pregados pelo “novo liberalismo”.²²⁰

As principais características propostas pelo neoliberalismo são o fato de alterar radicalmente o modo de exercício do poder governamental, assim como as referências doutrinárias no contexto de uma mudança de regras do capitalismo. Exibem uma subordinação a certo tipo de racionalidade política e social enquadrada à globalização e à

²¹⁸ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 11/03/2021.

²¹⁹ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit, 2016, p. 189.

²²⁰ Idem, p. 194.

financeirização do capitalismo. Com essa nova realidade forma-se um “novo indivíduo” mediante a implantação geral de uma nova lógica normativa, capaz de incorporar e conduzir duradouramente políticas e comportamentos numa nova direção.

Notamos, portanto, dentro dessa lógica neoliberal-conservadora, o avanço de uma *Frente Liberal-Ultraconservadora*, sendo articulada e construída a partir de 1990. Logo, a “inspiração” dos sócios do Brasil Paralelo e suas premissas ideológicas articula-se aos intelectuais da *Frente Liberal-Ultraconservadora* e aos seus APHs. À vista disso, conseguimos identificar na primeira produção e no depoimento do Valerim os elementos ideológicos defendidos pelo Brasil Paralelo. Para tal, necessitavam de APHs responsáveis por ocupar o “campo cultural” (não só na “batalha das ideias”, mas também na formulação concreta de consensos direitistas) e produzir “conteúdos” (narrativas, visões de mundo) afinados com tal projeto. Segundo Luiza Colombo, há alguns elementos específicos para analisar essa “*Frente Liberal-Ultraconservadora*”.

No tocante ao que definem como princípios mínimos, segundo os preceitos da liberdade liberal, que são: a) **a predominância do indivíduo sobre o Estado**, no sentido de que o indivíduo é o responsável pela própria garantia de seus direitos sociais, como sua segurança, emprego, educação, saúde, moradia, dentre outros, que não precisam ser garantidos ou mantidos pelo Estado, mas pelo indivíduo de acordo com seu mérito e com os interesses de oferta do mercado; b) **a liberdade absoluta do mercado**, no sentido de que ao Estado não caberia qualquer interferência na economia (desde que não abale princípios morais da tradição cristã, como o mercado de órgãos, produção de células tronco, etc, o que geraria tensões no interior do bloco no poder); garantindo a livre concorrência, o que, segundo estes intelectuais coletivos, possibilitaria e geraria a autorregulação do mercado; e c) **a defesa irrestrita da propriedade privada**, princípio inalienável do liberalismo, em detrimento a tudo o que é público (ou a tudo que não possa ser mercantilizadas); o “público” ainda existiria, mas destinado à acumulação de capitais (escolas, hospitais, museus, parques, dentre outros).²²¹

Em vista disso, identificamos na primeira produção audiovisual e no depoimento do Valerim os elementos ideológicos defendidos pelo B.P., elementos que iremos comentar mais a frente. Para tal, necessitavam de APHs responsáveis por ocupar o “campo cultural” (não só na “batalha das ideias”, mas também na formulação concreta de consensos direitistas) e produzir “conteúdos” (narrativas, visões de mundo) afinados com tal projeto.

Sucedendo “*Congresso Brasil Paralelo*” (2016), foram lançados os episódios da série: *Brasil: A última Cruzada* entre 2017 e 2018. Nesse contexto, já havia sido consolidado o

²²¹ COLOMBO, Luiza. **A Frente Liberal-Ultraconservadora no Brasil**: reflexões sobre e para além do “movimento” Escola Sem Partido. 2018. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu - RJ, 2018.

golpe jurídico-midiático e empresarial, e as políticas ultraliberais sobre o comando de Michel Temer (PMDB), já estavam sendo avançadas. Segundo Demier, “a democracia liberal brasileira se converte, finalmente, num arranjo político voltado centralmente para a retirada de direitos democráticos.”²²² Naquele mesmo ano, Temer conseguiu sancionar a Reforma do Ensino Médio, seguindo com Reforma da Presidência e a Reforma Trabalhista, era visível o reflexo da crise econômica mundial, a crise política, social e institucional, portanto, por todos os poderes do Estado, os direitos democráticos foram atacados, evidenciando o avanço ultraliberal-conservador retirados da educação e da saúde; os salários foram rebaixados; a idade para aposentadoria, aumentada; o pensamento crítico, censurado; as manifestações, reprimidas.

No primeiro episódio, denominado “*A Cruz e a Espada*”, o filme diz que “não podemos deixar que roubem os degraus da nossa civilização”. A narrativa do documentário procura estabelecer uma concepção conservadora (e, de certo modo, aristocrática) de modo que a história contada ao espectador carrega uma nítida visão de “*cima para baixo*” – além de reconstruir no filme a história do país a partir de um viés ideológico de cunho hierarquizante, eurocêntrico e patriarcal. Isso se constrói tanto pelo que pretende mostrar na produção audiovisual, quanto por aquilo que tenta ocultar. A narrativa perpassa sobre a origem e a ancestralidade do Brasil. Enquanto são mostradas imagens da bandeira portuguesa, de monarcas portugueses e de paisagens portuguesas, a narração, em tom suave, introduz a história que será contada:

Enterrados por muitos anos, a milhares de quilômetros, no Velho Mundo, e nas profundezas do Oceano. [...] Esta é a história que vamos contar: de um povo que ultrapassou os limites impostos pelo oceano e disputou palmo a palmo, contra o vento, os rumos do seu próprio destino, que, assim, fez dele o caminho para um Novo Mundo.²²³

A produção, que conta atualmente com 3.141.687 mil visualizações no *Youtube*, inclui falas de uma minoria de entrevistados com experiência em pesquisa histórica e uma grande maioria de personagens alheios a este universo. No primeiro perfil, temos como figura mais ilustre o diplomata e historiador Alberto da Costa e Silva; no segundo, Olavo de Carvalho.

Em sua primeira fala, Carvalho lamenta que não possam mais ser celebrados os heróis nacionais, interdição que segundo ele se deve ao argumento de que esses heróis servem à ideologia dominante. Ele prossegue dizendo que a consequência de não se poder mais cultuar

²²² DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017. p. 98.

²²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&t=148s>. Acesso em: 10/05/2021.

esses heróis é que a história se ocupa atualmente com a apologia “do território, dos bichos e dos índios”. Como se percebe, “índios”, tanto quanto “bichos”, não cabem no panteão nacional. Na sequência de sua fala, Carvalho se mostra consciente de que a compreensão que as pessoas têm de sua história informa suas ações no presente e seus horizontes de futuro. Numa fala que coloca o tempo todo em conexão o passado, o presente e o futuro, não é apenas no panteão que os “índios” são excluídos e equiparados aos “bichos”.

Como bem examinado pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fernando Nicolazzi, “essa é uma prática discursiva que em muito se assemelha ao fazer historiográfico do século XIX, com um apego significativo ao factual, o uso recorrente de elogios aos ‘grandes varões’ do passado e, além de tudo, a crença de que é neutra.”²²⁴. Ainda de acordo com Nicolazzi, “a série não apresenta as fontes e as documentações históricas que baseiam seus argumentos, como se espera de uma pesquisa consistente. A versão apresentada depende da narração em off e das opiniões dos entrevistados”.

A defesa da herança de uma civilização ameaçada é o núcleo central da argumentação do vídeo. Tal herança é definida como sendo composta pela filosofia grega, pelo direito romano, pela moral judaico-cristã e pela “experiência acumulada de nossos ancestrais”. De acordo com a voz *off* do narrador, “esta é a herança que chamamos de civilização ocidental.” A narrativa é reduzida com o objetivo de culpabilizar o Islã na idade média, por isso, a partir do ponto de vista da produção, a única alternativa e os salvadores de todo o problema são os europeus. De acordo com Lima:

A história das navegações portuguesas é contada como era contada pelo salazarismo, regime próximo ao nazifascismo que vigorou em Portugal e que se recusou até às últimas consequências a permitir a autodeterminação dos povos da África. Desse modo, na propaganda salazarista, a expansão portuguesa é apresentada como um movimento grandioso e heroico de expansão da fé cristã contra o infiel muçulmano, que culmina na afirmação harmoniosa e pacífica de uma civilização superior, europeia e cristã, sobre povos da África, da Ásia e da América.²²⁵

Como prenunciava o título, a palavra-chave da explicação para a formação nacional brasileira é a “cruzada” lançada contra os infiéis. Enfim, a produção ressalta em nome da memória dos ancestrais (brancos, europeus e cristãos) sacrificados na gesta dos

²²⁴ NICOLAZZI, Fernando. O século XIX redivivo: usos do passado e disputas no presente nas histórias da Brasil Paralelo. YouTube – História- UFRRJ, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ny-V3pR5DhQ>. Acesso em: 04/05/2021.

²²⁵ LIMA, André. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. **Temáticas**, Campinas, ago./dez. 2019, pp. 27-28.

descobrimentos. Imagens europeias e brasileiras de templos católicos são acompanhados pela seguinte narração:

Em algum lugar, sempre haverá o panteão daqueles que nos trouxeram até aqui. Lá estão as paixões, os méritos, os sacrifícios e todo o heroísmo da humanidade. Não foi fácil. A preservação deste lugar cabe a nós. Não podemos deixar que roubem os degraus da nossa civilização. Sempre que estivermos perdidos e sem saber para onde ir, eles estarão lá, de braços abertos, para nos contar tudo que sacrificaram para dar um passo além do que parecia possível. Não se trata apenas de não esquecer de onde viemos, se trata de não esquecer para onde estamos indo. Nos momentos mais difíceis, a história deve ser lembrada.²²⁶

Em linhas gerais, o episódio 2 tenta caracterizar o tratamento destinado por portugueses a índios e negros escravizados como “diplomacia”. A série ganhou tanta visibilidade que foi exibida pela TV Escola, em 2019. Segundo Roldão Pires Carvalho e Mara Rovida:

A narrativa de toda a série concentra-se em duas estruturas lógicas, a primeira em criar um inimigo a ser combatido e a segunda em combater direitos sociais e vender a visão de mundo do grupo de forma que atendam a seus interesses. A composição destas duas estruturas lógicas constitui um conjunto de ideias previamente estabelecidas pelos conservadores liberais que, para a nossa pesquisa, denominamos de ticket conservador-liberal. O inimigo a ser combatido, criado pelo Brasil Paralelo, são todas as pessoas e representações associadas a movimentos de esquerda ou críticas à visão de mundo proposta pelos conservadores liberais. Combater os direitos sociais e a visão de mundo do grupo está diretamente implicado, pois boa parte da mentalidade do Brasil Paralelo está relacionada ao pensamento neoliberal, de Estado mínimo, iniciativa individual, meritocracia e livre mercado. Assim sendo, direitos sociais para minorias, leis trabalhistas, direito de manifestação são aspectos negativos e combatidos pelo grupo.²²⁷

Segundo a citação acima, tal lógica “estruturante” corrobora com o discurso de 2018 da direita radical brasileira e compactua com projetos concretos defendidos, por exemplo, o Movimento Escola Sem Partido (ESP).

O movimento/projeto estimula a perseguição e a retórica agressiva de alunos e membros da comunidade, ao representar os professores como “doutrinadores” e defender que eles não tenham liberdade de expressão no seu ambiente de trabalho. No entanto, os seus principais objetivos são claros, a retração dos avanços progressistas conquistados desde o fim da Ditadura Civil-militar-empresarial no Brasil, especialmente aqueles ligados aos direitos humanos (mulheres, indígenas, LGBTQIA+, negros/as). O discurso articulado por

²²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&t=148s>. Acesso em: 10/05/2021.

²²⁷ CARVALHO, Roldão; ROVIDA, Mara. Os movimentos milenaristas - uma análise sobre o discurso da propaganda ideológica. **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

intelectuais da "nova direita" e alguns destacados na produção do B.P. em torno do Movimento Escola Sem Partido (ESP), o qual também procura uma justificativa para eliminar os seus inimigos no campo de batalha, utilizam dessa narrativa adotada pelo B.P., sobre a teoria do *marxismo cultural*, a esquerda presente na Universidades, o avanço do comunismo no Brasil com os governos petistas, ou seja, o discurso e o projeto (EPS) segue de encontro com as produções do B.P.

No *Youtube*, o documentário "*Brasil: a Última Cruzada*" é uma das séries mais assistidas pelo público do B.P. Apesar da produção abordar o "passado", os temas são deslocados para História do tempo presente. A narrativa de toda a série concentra-se em dois pontos: buscar no terreno cultural um inimigo a ser combatido e a segunda ir diretamente em combate aos avanços de direitos sociais, com o objetivo de penetrar por dentro o Estado restrito ou ampliado. Envolve os embates e as lutas dos APHs (burgueses e não burgueses) pela hegemonia na "sociedade civil" no sentido da "direção" (projeto social/consenso) e do "domínio" (aparato governamental/coerção).

Sendo assim, o cenário construído pelo Brasil Paralelo abre espaço para fortalecer projetos de leis como por exemplo, o Escola Sem Partido (ESP), antes de virar "projetos de leis" (Estado restrito), o Escola sem Partido constitui uma rede extrapartidária de APHs – o ESP encobre um conjunto de instituições, grupos, sujeitos. movimentos, atuante na sociedade civil e pautam (ou tentam pautar) projetos de sociabilidade burguesa reacionária junto a governos (e poderes executivo, legislativo e judiciário). Segundo Fernando Penna:

A segunda característica do discurso reacionário de defesa do projeto "Escola sem Partido" é seu caráter antidemocrático. Enquanto a dimensão antipolítica se define através da tentativa de interdição do debate por meio do argumento de autoridade, a dimensão antidemocrática pode ser identificada pela caracterização daqueles que são contrários a uma determinada proposta como inimigos que devem ser excluídos do debate. O caráter antidemocrático fica evidente na citação acima quando os opositores são caracterizados como parte de uma conspiração da esquerda internacional para infiltrar as instituições através do uso de palavras comuns com significados subvertidos.²²⁸

A terceira produção do B.P., intitulada "*O Teatro das Tesouras*", estreou no dia 21 de agosto de 2018, no contexto marcado pela ascensão conservadora; a intensa mobilização das direitas radicais; a prisão de Luís Inácio da Silva (PT); a atuação de grupos/sujeitos de caráter extremado através das redes sociais e nas ruas; parte da população ressentida com o PT. De acordo com Rosana Pinheiro-Machado:

²²⁸ PENNA, Fernando. O discurso reacionário de defesa do projeto "Escola sem Partido": analisando o caráter antipolítico. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 569. 2018.

De 2016 - 2018, vimos o nome do Bolsonaro se fixar na memória do povo, sempre por meio de polêmicas que despertavam amor e ódio. Como narrei no capítulo “Bolsonaro sabe meu nome”, meses antes da eleição, com Lula fora da parada, muita gente que outrora dizia que odiava passou a nos dizer algo como: “Ele é péssimo, mas vou votar nele porque é a única opção ou “acho ele muito radical, mas não tem outro candidato, tem?”²²⁹

A terceira produção foi publicada como tática de atuação dessas direitas, um dia antes da publicação do Datafolha sobre o candidato (a) favorito naquele momento. As intenções de votos naquele momento, segundo a Pesquisa Datafolha: Lula tinha, 39%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%²³⁰.

O documentário de caráter “político”, está dividido em sete episódios, intitulados: *Episódio 1: “O Teatro das Tesouras” 1989, Episódio 2: “O Teatro das Tesouras” 1994, Episódio 3: “O Teatro das Tesouras” 1998, Episódio 4: “O Teatro das Tesouras” 2002, Episódio 5: “O Teatro das Tesouras” 2006, Episódio 6: “O Teatro das Tesouras” 2010 e Episódio 7: “O Teatro das tesouras 2014”*. Contou com a parceria, segundo a publicação feita pela a pública, com o grupo Liberta. O grupo foi fundado por Leandro Ruschel, economista, aluno de Olavo de Carvalho, palestrante do Brasil Paralelo e irmão de um dos fundadores da produtora, Bruno Ruschel.²³¹

Destacamos o episódio 7, para realizar uma breve análise da narrativa ali encontrada no vídeo, segundo a voz *off* (narrador):

Durante os quatro anos de Governo Dilma, a economia brasileira teve o pior resultado em cinco anos, a maior inflação e o menor crescimento desde então, 36 % do PIB era devorado pelo Estado, ao invés de diminuir gastos, o Governo Dilma adquiriu mais empréstimos, mais subsídios, mais incentivos fiscais. A popularidade de Dilma Rousseff era assustadoramente baixa. O seu desgoverno enfureceu a população. Em 2013, o aumento de 20 centavos motivou uma série de manifestações. O que começou com a briga de 20 centavos se transformou em um milhão e meio de brasileiros nas ruas (no vídeo aparecem imagens do Jornal Cidade Alerta, para justificar o “caos nacional”). Só o PSTU e sindicatos financiados pelo PT bancaram o *Black Bloc* para esvaziar os protestos. Os vândalos saquearam, causaram incêndios e depredaram estabelecimentos.²³²

A citação acima retirada do capítulo 7 e com 1.063.184 visualizações no Youtube, tenta demonstrar o esforço para culpabilizar o PT e os movimentos sociais, pela disputa inicial das jornadas de junho de 2013. Segundo Luís Felipe Miguel:

²²⁹ PINHEIRO-MACHADO, Op. Cit., p. 139.

²³⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. Acesso em: 27/05/2021.

²³¹ Disponível em: <https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/>. Acesso em: 28/05/2021.

²³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lsHYv9euzv8>. Acesso em: 27/05/2021.

A cobertura da mídia subira o tom várias vezes, tanto sobre a corrupção, com os desdobramentos da Operação Lava Jato, quanto sobre a piora dos indicadores da economia, apresentada como consequência direta das medidas heterodoxas adotadas no início do governo Dilma. Os protestos de junho de 2013 permitiam que fosse explorado o argumento de que os serviços públicos não atendiam às expectativas da população, deslizando, no discurso da direita, para um flerte com o antiestatismo. Os setores da elite política tradicional que se haviam acomodado com o petismo migraram em grande medida para o outro campo, sentindo que os ventos mudavam, situação que ganhou uma imagem icônica quando o 160 ex-presidente José Sarney foi flagrado na cabine eletrônica, portando um adesivo de Dilma, mas votando em seu adversário.²³³

3.3. “1964: o Brasil entre armas e livros”: uma análise sobre revisionismo histórico

No Brasil, a memória construída – e reconstruída – em torno de determinados períodos ou temas históricos considerados “quentes” tem alimentado, nas últimas décadas, a proliferação de debates e disputas historiográficas (embora não restritas à História) que se expressam tanto no avanço qualitativo de pesquisas e produções acadêmico-científicas, quanto em uma série de embates sociopolíticos e educativos no interior de escolas, universidades, sindicatos, partidos, mídias corporativas e, por que não, na internet e redes sociais acerca do que seja digno de ser “lembrado” e “esquecido” (ou “rememorado” e “enterrado”) no interior da sociedade.

No entanto, ocorre que em contextos de crises histórico-estruturais de natureza multifária – como a que estamos vivendo no país bem antes da pandemia – corremos o grave risco de presenciarmos a abertura de muitas “caixas de Pandora” ou ver chocar muitos “ovos da serpente”, vinculados a classes ou frações de classe do bloco no poder, sustentado por intelectuais orgânicos e/ou aparelhos privados de hegemonia dispostos a produzir e disseminar narrativas de natureza polarizada e deformadora com o objetivo de combater supostos “inimigos” sociais – o “comunismo”, o “esquerdismo”, o “marxismo cultural” – e, com menor ou maior disfarce, fazer valer um projeto social representativo do bloco.

Segundo, Vidal-Naquet, em seu combate contra a difusão de ideias “negacionistas”, chamou a atenção para um grupo de intelectuais que nomeou de “assassinos da memória”.²³⁴ A partir de um conjunto de obras inseridas no movimento conhecido como “revisionismo histórico”, o autor permite estabelecer duas matrizes interpretativas. De um lado, o revisionismo histórico ligada às tarefas de escritas e reescritas da história pelos

²³³ MIGUEL, Op. Cit. p, 159-160.

²³⁴ VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Papirus, Campinas, 1988. p, 9.

"historiadores". Traz um sentido de confronto e superação (dialética), porém dentro dos marcos da pesquisa e da produção do conhecimento histórico (método, teoria, hipóteses, evidências). Por outro, o “revisionismo no sentido absoluto”, assim chamados por negarem “as câmaras de gás de Hitler e o extermínio de doentes mentais, judeus e ciganos e, ainda, o de membros de povos considerados racialmente inferiores”.

Conseqüentemente, a partir de Vidal-Naquet podemos identificar o *modus operandi* do Brasil Paralelo, ora se apresenta como defensores da pátria e da verdadeira história do Brasil, e por outro lado, prepara o terreno para o negacionismo, partido da tese do “*marxismo cultural*”. Como bem aponta Costa²³⁵ a primeira vez que apareceu a certidão do nascimento do “*marxismo cultural*”, foi, portanto, lavrado por Hitler na obra *Mein Kampf* (Minha Luta). O livro é uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima ao que seria o bolchevismo. Já na década de 1990 de acordo com Costa:

O fantasma do marxismo cultural, já com este nome, teve uma segunda encarnação nos Estados Unidos do início dos anos de 1990, coincidindo com a publicação de estudos críticos e denúncias sobre as ações estadunidenses de contrainsurgência - ou combate a comunistas – principalmente na América Central, em especial na Colômbia.²³⁶

O documentário, “1964: o Brasil entre armas e livros” possui uma duração de 127 minutos. Seria, portanto, identificado com o que podemos chamar de um filme documentário de longa metragem.

Uma primeira impressão deveria causar intriga ou, melhor, um rápido questionamento: quem estaria disposto – e disponível – a assistir um filme que investe suas mais de duas horas na tarefa de “quantificar” o caos e a desordem e a associá-los ao perigoso e recorrente “comunismo”? Se práticas como estas não chegam a ser uma novidade na história do Brasil (bastando lembrar-se das estratégias publicitárias e ideológicas do IPES no golpe de 1964), certo é que a entronização radical de discursos e ações das “direitas” nas redes sociais (acompanhadas por certo “desinteresse” das esquerdas em conhecer melhor o funcionamento “político” das redes), favoreceram uma aceitação de narrativas – majoritariamente, audiovisuais – de cunho anticomunista, “antiesquerdista” e antipetista.

O filme está dividido em três partes: inicialmente trata do contexto histórico anterior do golpe, sobretudo referente ao período da Guerra Fria; a segunda parte, concentra-se nos

²³⁵ COSTA, Iná C. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 16.

²³⁶ Idem.

acontecimentos geradores do golpe e, por fim, uma abordagem geral sobre a Ditadura até a “redemocratização” do país.

Torna-se importante destacar que antes de começar, de fato, o documentário é apresentado ao espectador uma espécie de prólogo de pouco mais de 1 minuto expondo que a obra tinha passado por censura ao não ser exibida em faculdades e redes de exibição cinematográfica. A justificativa levantada pelos produtores era a de que qualquer iniciativa que fosse contra a pauta do “comunismo” e que não condiz com as diretrizes da universidade ou da ciência seria rechaçada e impedida de ser veiculada. Inclusive, com possíveis perseguições a sujeitos favoráveis ao conteúdo do filme. Este trecho que descrevemos é construído por um narrador *off* e várias imagens de manchetes corroboradas do filme, sem apresentar maiores detalhes da (suposta) censura.

Ao verbalizar que o filme estaria sendo alvo de “comunistas” e do “esquerdismo” e, ao mesmo tempo, mesclar na montagem imagens de manchetes jornalísticas sobre as “polêmicas” envolvendo a produção, nota-se a tentativa de criar nos espectadores uma “identidade” discursiva entre o narrado e o exibido visualmente. Em outras palavras: querem convencer de que o que será assistido deste trecho em diante é “a verdadeira história do Brasil” que esteve oculta – ou “sufocada”, diria o “brilhante” torturador Coronel Ustra.

Para tanto, esta identificação simbólica preliminar vai servir de “autoridade” através de outras vinculações entre a voz *off* e as imagens editadas. Num primeiro momento, surgem a influência “negativa” da Guerra Fria – em particular, o “avanço” comunista – sobre os acontecimentos de 1964 e uma desqualificação da Revolução Russa, tomada como o maior “vexame” da história representado pelas figuras de Lênin, Trotsky e Stálin.

Seguindo essa mesma linha de argumentação, qual seja retratar os oprimidos de nossa história como os perpetradores de romper com a cultura nobre da elite brasileira, no documentário acerca do golpe de 1964 apresentam a tomada de poder pelos militares como uma atitude desesperada para salvaguardar a “democracia”, ou seja, a manutenção de uma estrutura estatal que serve a burguesia nacional e internacional, verdadeiros ocupantes das mais altas esferas nacionais sobre a classe trabalhadora e as minorias, ante uma conspiração comunista de grupos da extrema esquerda, que vinha pouco a pouco tomando forma e se revelando nos discursos do então presidente João Goulart, e na ligação deste com elementos e organizações radicais que já se aproximavam de países pretensamente comunistas como a China, a Tchecoslováquia e a própria União Soviética, além de Cuba, no contexto de acirramento da Guerra fria.

Ao lado da “verdade oculta” a ser destrinchada no filme, emerge da narrativa logo no começo uma estratégia de polarizar, destilar ódio. De acordo com João Cezar de Castro “a retórica do ódio é uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado. Trata-se de uma técnica - e esse aspecto deve ser sublinhado. Por isso, pode ser ensinada e transmitida”.²³⁷

A organização empreendida pelo complexo IPES\IBAD tornou-se necessário para transformar o predomínio econômico em domínio político; superar a fase econômico-corporativa pela fase moral, para efetivamente haver a conquista do Estado. Se a análise *dreifussiana* considerou as mudanças operadas no mundo da produção, observamos a entrada no país de empresas multinacionais ligado ao capital externo e associado, a conquista do Estado pelo bloco de poder. Porém, não concordamos totalmente com essa afirmativa, mas entendemos a relevância do IPES em 1964 e do Brasil Paralelo em 2016, ambos permitem pensar as formas de atuação adotada pela direita brasileira ou a chamada “nova direita”.

Mas, no filme de B.P., a “verdade” não está com o método científico e o conhecimento histórico, e sim com o revisionismo negador do guru da “nova direita” Olavo de Carvalho. Segundo Olavo de Carvalho, as Universidades estão tomadas pelos marxistas gramscistas e o que vale é a verdade e a memória.”²³⁸

Aparentemente formada por opiniões pessoais, porém que encontram sustentação de cunho ideológico, segundo Castro Rocha, no “livro negro” das Forças Armadas brasileiras (Orvil) produzido na “transição democrática” da década de 1980²³⁹, ele afirma que não existiriam provas documentais de que houve participação dos Estados Unidos em todo o processo que levou ao Golpe de 1964. E, ao contrário, deixa entrever com grande entusiasmo que o modelo “ideal” ou “perfeito” de sociedade seria o norte americano – o que expõe claramente um pendor nada nacionalista ou patriótico do “guru” (pendor tão decantado por B.P.)

Por último, importante destacar que, ainda que não haja uma negação explícita do golpe, nem da ditadura, é cristalino no filme o objetivo de dissociar a participação efetiva dos Estados Unidos no processo de ruptura institucional da democracia brasileira geradora do Golpe de Estado em 1964. Ao contrário: num exercício de distorcer a história cientificamente elaborada, o filme produz uma narrativa que se esforça por culpabilizar a URSS e “agentes

²³⁷ ROCHA, João Cezar de C. **Guerra Cultural e a Retórica do Ódio**: crônica de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021, p. 241.

²³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=4835s>. Acesso. 25/04/2021.

²³⁹ CASTRO ROCHA, op. cit.

secretos” da KGB pelos problemas da humanidade, e, em especial, pela situação política vivida no Brasil no contexto pré-1964.

Outra questão presente no documentário é a narrativa completa de negação da participação norte-americana no processo de golpe empresarial-militar de 1964. O estudo de Dreifuss citado acima auxilia e rebate tal afirmação, entretanto vale ressaltar o estudo de “foi no contexto da campanha para as eleições parlamentares de 1962 que a intervenção norte-americana no processo político brasileiro se intensificou, ultrapassando, em muito, os níveis “normais” de propaganda ideológica que os Estados Unidos habitualmente faziam em qualquer país.”²⁴⁰ O autor utiliza documentos da diplomacia norte-americana, especificamente um do embaixador americano no Brasil Lincoln Gordon admitindo que o Estado norte-americano gastou em torno de 5 milhões de dólares numa campanha contra Goulart. Dessa forma, existe, pelo menos, um aparelhamento do capital nacional associado ao internacional em parceria com o Estado norte americano aliados numa tônica golpista de ruptura democrática no Brasil.

Olavo de Carvalho aponta no documentário a falta de provas documentais de que houve participação dos Estados Unidos em todo o processo que levou até abril de 1964.²⁴¹ Mas com grande entusiasmo destaca o modelo “ideal” de sociedade, para ele a sociedade “perfeita” é a norte americana, e ainda que não haja no documentário uma negação explícita de golpe e ditadura, eles desejam não associar diretamente a ruptura da democracia brasileira via golpe de Estado em 1964 com os Estados Unidos. Parte do documentário retoma a narrativa sob o esforço de culpabilizar a URSS pelos problemas da humanidade, em especial os problemas no Brasil, pós 1964.

Outro ponto importante para a pesquisa é a narrativa travada pelo B.P. em busca de revisar o passado ditatorial brasileiro, seguindo a linha discursiva de Olavo de Carvalho, onde o verdadeiro problema do regime militar teria sido, não ter travado devidamente a chamada “guerra cultural”, o que teria perdido a reorganização dos segmentos da esquerda como o processo de redemocratização. Apesar da empresa se posicionar como isenta de “ideologia”, em uma entrevista cedida ao programa Pânico da Rádio Jovem Pan, em 1º de abril de 2019 (JOVEM PAN, 2019), e se caracterizar como um canal “puramente informativo”, o conteúdo produzido visa “resgatar” o sentimento nacionalista. Ressaltam que

²⁴⁰ FICO, Carlos. **O grande irmão**: da operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 77.

²⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=4758s>. Acesso em: 05/05/2021.

Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular, causando danos incalculáveis em jovens, que hoje estão perdidos e sem norte. A nossa resposta está sendo imediata. Estamos distribuindo um antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros. Nossos documentários são produzidos para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. São distribuídos gratuitamente para que tenham o maior alcance possível. O nosso compromisso é com a liberdade e a consciência do povo brasileiro. Cumprimos a nossa missão. Há um ano lançamos nossa primeira série, Congresso Brasil Paralelo, e ele já foi visto por mais de quatro milhões de brasileiros. Um impacto profundo nas raízes culturais do nosso Brasil. O mais importante é que pessoas como você fizeram a sua parte, tornando-se membros do Brasil Paralelo, comprando nosso produto e nos financiando. Por causa deste ato de coragem, estamos aqui para um novo passo, um passo em direção à retomada da nossa verdadeira cultura, na nossa verdadeira missão como brasileiros.²⁴²

Ainda no âmbito da educação e cultura, dentre as iniciativas mais conhecidas dessa estratégia de produção de consenso, podemos destacar as obras publicadas pelo escritor Leandro Narloch, principal autor dos “Guias Politicamente Incorretos da História do Brasil” e “Guia Politicamente Incorreto da História da América Latina”. Vale destacar a participação de Leandro Narloch no segundo documentário do Brasil Paralelo, intitulado “Brasil A Última Cruzada”, a partir de suas obras revisionistas o autor passou a ser figura conhecida nos principais “terrenos” conservadores brasileiros, participando diversas vezes como figura central de destaque no Fórum da Liberdade, principal evento catalisador das direitas no Brasil.

Segundo Casimiro, “o expressivo número de seguidores de Olavo de Carvalho e do próprio Brasil Paralelo, passam a compor o conjunto de entusiastas de Bolsonaro e fortalecer a base de apoio do projeto de extrema direita.”²⁴³ Portanto, não existe neutralidade e imparcialidade encontrada no documentário do Brasil Paralelo, o documentário evidencia de forma tendenciosa a ressignificação e a normalização os horrores da ditadura, trazendo para o tempo presente a cena emblemática do Ex-Deputado Jair Bolsonaro, no ato do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, a homenagem o mais conhecido torturador do DOI-CODI, o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Ou mais recentemente, quando seu filho Eduardo Bolsonaro, intima a população publicamente com ameaças de um possível "novo AI-5".

B.P. representa, neste sentido, a defesa de ideias autoritárias e de mudança de regras democráticas, procurando difundir-las no poder político. Acaba sendo curiosa a ideologia desta “nova direita”, pois, ao mesmo tempo que defende a liberdade de imprensa e de opinião, ao

²⁴² Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/panico/brasil-paralelo-explica-documentario-sobre-a-ditadura.html>. Acesso em: 05/05/2021.

²⁴³ CASIMIRO, Flávio. A extrema direita bolsonarista como projeto de atualização de hegemonia. In: OLIVEIRA, Angela Meirelles de; SILVA, Carla Luciana; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro Paziani (Orgs.). **Direitos, Democracia e Lutas Sociais em Tempos de Crise**. Porto Alegre: FCM, 6, 2020, p. 66.

mesmo tempo em que se auto afirmar como “libertária”, persegue e criminaliza movimentos e grupos de esquerda (especialmente, os marxistas), propagando matérias repletas de calúnias e difamações; promove o discurso de ódio sobre minorias, mulheres, movimentos sociais e sindicatos; exalta o mercado como espaço de realização das liberdades; persegue professoras e professores e a liberdade de cátedra. Em torno dessa paradoxal mobilização midiática, parece-nos que o Brasil Paralelo procura aproveitar-se da atual conjuntura política (conservadora, reacionária, neoliberal) para fortalecer uma “guerra de posição” no mundo digital, com o objetivo de garantir a direção e o domínio moral, político e cultural do que deve (e não deve) “entrar” para a história que eles tentam disseminar.

Aparelhos privados de hegemonia como o BP têm, desta forma, um grande papel na guerra de narrativas que perpassa o Brasil contemporâneo, por adotarem ferramentas como vídeos no Youtube, com grande difusão nas redes sociais. Não seria necessária uma lupa para constatar que, na atual conjuntura, tais produtos e ferramentas possuem uma forte influência, com capacidade de moldar/deformar os rumos da história do país, contribuindo para radicalizar sentimentos de ódio de classe, aversão aos partidos, às minorias, aos movimentos sociais, sindicatos, perseguições de professores e à liberdade de cátedra.

Portanto, o que B.P. produz e dissemina em seu escancarado revisionismo de cariz negacionista é instrumentalizar um suposto conhecimento “histórico” através de uma prática social e uma ideologia ultraconservadora, reacionária e, também, ultraliberal no tratamento temático de suas produções audiovisuais que acaba por encontrar aderência – mesmo que seus sócios neguem veementemente – nos discursos e ações do governo Bolsonaro e do movimento bolsonarista.

O conhecimento histórico é, dessa forma, colocado no leito de Procusto. Na mitologia grega há uma lenda chamada “Leito de Procusto”, que se tratava de um bandido que sequestrava as pessoas, levando-as para a sua casa. Nela, havia uma cama de ferro, que possuía o exato tamanho de Procusto e para a qual ele obrigava as pessoas a se deitarem. Se os “hóspedes” fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. B.P. faz isso: o acontecimento histórico que não se ajusta exatamente ao tamanho das suas ideias, é forçadamente “ajustado”, nem que isso signifique amenizar o que ocorreu na ditadura no país, nem que isso signifique deslegitimar todo o legado de Paulo Freire.

Para nós, pelo contrário, o conhecimento histórico-científico é importante demais na formação de sujeitos críticos de seu próprio tempo e outras temporalidades históricas. Ataques a este conhecimento devem ser combatidos com as “armas da crítica”, para apropriar de

famosa expressão de Marx. É importante demais porque as narrativas do passado, apesar de não serem o real em si, têm a grande responsabilidade de tomar o lugar deste que pretendem dar conta, representando nessas narrativas o passado construído cientificamente.

Assim como o conhecimento histórico-científico produz realidades, as inverdades apresentadas pelo B.P. também – porém com o risco de legitimar narrativas distorcidas da História (que deve ser necessariamente crítica, reflexiva, dialética e cientificamente conduzida) e de gerar a redução (quando não o apagamento) do protagonismo de sujeitos históricos (mulheres, LGBTQIA+, pretos, indígenas) que tão arduamente vem lutando por direitos (civis, sociais) e mesmo o direito à existir (resistir) como expressões e produtores da cultura no Brasil. E isto nada tem a ver com “comunismo”, “conspiração globalista” ou “plano chinês.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma pesquisa em torno de Brasil Paralelo, procuramos compreender o papel das direitas no Brasil do final do século XX ao início do XXI, com as suas estratégias e mecanismos de atuação intrinsecamente ligadas ao conjunto das formas organizativas das burguesias, num movimento que condiciona e é condicionado pelas lutas de classes no contexto de uma nova conjuntura e do avanço de políticas neoliberais no Brasil – principalmente a partir da década de 1990, quando o cenário foi marcado por transformações, tanto na estrutura política das forças econômicas e da própria articulação das lutas sociais. Pois, de acordo com Casimiro:

[...] nesse contexto as bandeiras burguesas da economia de mercado lançadas na década anterior, empunhadas por uma multiplicidade de aparelhos privados de hegemonia, começam a ser operacionalizados em um programa de reformas com vistas a reconfigurar o papel do Estado, ou, como afirmam seus intelectuais orgânicos, torná-lo “eficiente”.²⁴⁴

Partindo da nossa hipótese, esse movimento da “nova direita” não é espontâneo, entendemos que a organizações de classes ou frações de classes, atuam em diversos aparelhos privados de hegemonia, partindo do nosso estudo, analisamos os aparelhos de difusão doutrinária ultraliberal-conservadora.

Atuando como sustentáculo para a construção e constante atualização da hegemonia burguesa no Brasil, produzem consenso através de uma “*teia*” de APHs, essa atuação e organização torna-se fundamental para produzir uma “verdade totalmente aceita”, uma vez que, enquanto formuladores de diretrizes de ação, buscam universalizar seus interesses de classe como consenso. Essa estratégia de atuação foi promovida em 1983, com a criação do Instituto Liberal, e ganhou forte projeção e capilaridade com o surgimento de novos intelectuais coletivos, no sentido de construir, fortalecer e reiterar um projeto hegemônico ultraliberal-conservador para a especificidade da sociedade brasileira.

Nas palavras de Casimiro, “esses intelectuais orgânicos da ideologia de mercado e seus aparelhos difusores vão muito além dos limites institucionais e do alcance mais ponderável de suas ações. Buscam a do consenso, através de diferentes estratégias de difusão”.²⁴⁵ Seus objetivos, de forma geral, é organizar quadros de intelectuais que atuam articulados na elaboração e execução de projetos, eventos e treinamento, ampliando, dessa forma, suas atuações e visões de mundo. Esses grupos/sujeitos, atores e intelectuais, estão

²⁴⁴ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 121-122.

²⁴⁵ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 34-35.

inseridos de forma difusa e capilarizada em diversos veículos de comunicação, nas Universidades, nas redes sociais e em outros aparelhos privados de hegemonia, ressaltando sua visão de mundo e o seu projeto de poder.

Buscamos apresentar um entendimento de vários aparelhos privados de hegemonia de atuação ultraliberal-conservadora, foram os seguintes: o Instituto Mises Brasil (IMB), o Mises Brasil é o principal articulador com o B.P., os dois aparelhos estão “unificados” e contemplam a mesma agenda ultraliberal-conservadora e pautas moralistas, individualistas e de defesa no livre mercado. Outro Instituto importante ao longo da nossa análise, foi o Instituto Millenium (IMIL), com o Millennium conseguimos identificar a atuação de intelectuais coletivos da “nova direita” uma forte conexão de composição de seu núcleo definidor, entre os “membros especialistas” e de “colunistas convidados”, que também atuam nos espaços midiáticos e nas Universidades, capilarizando suas ideias para muito além da sua atuação institucional. Outro Instituto relevante ao longo da dissertação, é o caso do Instituto Borborema, (IB) muito semelhante com a forma organizativa e institucional do B.P. Segundo a definição no seu *site*, "o Instituto Borborema é uma associação cultural sediada em Campina Grande - PB, em meados de 2015. O objetivo principal desse APH, “segundo eles, é resgatar a verdadeira educação é a verdadeira cultura.”²⁴⁶ Com a proposta semelhante do BP o IB, ressalta a troca do modelo clássico de formação pelas modas “educacionais” de Paulo Freire, Piaget e afins, para eles, esse modelo conseguiu emburrecer quase toda a população.”²⁴⁷

Outro espaço de difusão ideológica conservadora, considerado um dos mais importantes apontados no segundo capítulo da dissertação, é o Fórum da Liberdade. Nesse espaço, o B.P, em 2017, a partir daquele momento o B.P. constituiu-se enquanto intelectual coletivo, conseguindo alcançar parcerias nos próximos eventos impulsionados pelo Fórum da Liberdade: o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), o “Movimento Brasil Livre” (MBL) e o Estudantes pela Liberdade (EPL), foram centrais na composição e atuação do B.P. Portanto, estamos diante de uma frente ampla de ação política ideológica, como um verdadeiro *partido*, no sentido gramsciano.

B.P. representa ainda uma das iniciativas, entre várias outras, da chamada “nova direita” no sentido de construir, fortalecer e reiterar um projeto ultraconservador-liberal para a especificidade da sociedade brasileira, mesmo sendo um APH (recente), ele encontrou em outros APHs a capacidade de difusão e capilarização de suas ações. Esse entendimento

²⁴⁶ Disponível em: <https://institutoborborema.com/>. Acesso em: 25/06/2021.

²⁴⁷ Disponível em: <https://institutoborborema.com/>. Acesso em: 25/06/2021.

ressalta e valoriza o papel de agentes históricos de caráter neofascista que, por meio dos APHs e outros espaços, atuaram pedagogicamente para a naturalização dessa visão de mundo brasileira. Neste ponto, conseguimos analisar e compreender os principais “intelectuais orgânicos” do B.P., por ser um APH novo e não possuir uma linha editorial, tivemos ao longo da pesquisa algumas limitações partindo desse ponto. Ao analisar as formas e os métodos de organização e atuação do B.P., percebemos também que as organizações e suas “teias” têm atuado, por dentro o Estado (sentido restrito) e no âmbito da sociedade civil, a fim de legitimar suas pautas reacionárias-conservadoras e no campo das narrativas históricas tentam produzir consenso e difundir por plataformas digitais sua visão de mundo.

A ideologia encarnada em B.P. parte de uma visão do livre mercado e uma pauta conservadora-moral, se aproximando das ideias defendidas por Mises Brasil e Olavo de Carvalho. De acordo com Casimiro, “essa relação demonstra, num âmbito mais geral, a articulação entre liberalismo econômico e conservadorismo cultural nas representações político-ideológicas”²⁴⁸, contemplando os interesses da burguesia brasileira no contexto de reorganização da “nova direita.”

Portanto, o contexto de 2016 foi “favorável” para a criação do B.P “surgiu”, naquele momento, tínhamos sofrido um golpe, de 2014 em diante a direita tinha começado a se organizar (nas ruas), tivemos retirada dos direitos com o Governo Temer; ascensão da figura extremada de Jair Bolsonaro; e o discurso moralista passou a ser um fator importante para esse movimento reacionário-conservador. Sendo assim, mesmo esses grupos/sujeitos e atores sendo “jovens” e o processo recente, em nosso entendimento, devemos compreender essa atuação e organização a partir de 1990, que vem sendo construído por instituições, agentes e contradições concernentes ao sistema capitalista, e não como uma reação direta de causa e efeito “antipetista” ou recentes.

Com essa narrativa que as Universidades foram tomadas pelos marxistas que o B.P. opera e produz consenso, sem método científico e apenas com o interesse em “vender seus produtos” e atrair um grande público. Em nosso procedimento de pesquisa, as hipóteses levantadas à luz de um determinado referencial teórico-metodológico sobre a árvore estudada são contrapostas com as fontes. As fontes e as hipóteses são postas lado a lado, através de um determinado método, de acordo com uma ordem e analisadas em conjunto. Quando o procedimento se mostra falho e as hipóteses caem por terra, volta-se às fontes, num processo

²⁴⁸ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 35.

dialético com a teoria em que nos ancoramos. Ao longo da operação historiográfica, nunca podemos moldar a realidade de acordo com o referencial teórico que adotamos.

Finalmente, vale o questionamento: se a subjetividade é algo implícito e inseparável da narrativa histórica, o que impede que a historiadora e o historiador moldem a história a partir dos seus interesses privados? Além das bases científicas, o caráter coletivo da produção historiográfica é um elemento que permite o equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade.

O nosso trabalho não só se ancora no que foi refletido anteriormente pelos pares, como também é comumente submetido a algum tipo de avaliação, seja por uma banca de qualificação, seja por um corpo editorial de uma revista, jornal ou editora, seja pelo público em uma palestra, seminário, etc. Para tanto, passamos por um longo processo de formação, em que aprendemos, via infinitas aulas e leituras, a realizar uma pesquisa histórica. Depois disso, ainda passamos por um rigoroso processo seletivo para sermos professores numa universidade pública. Contudo, é claro que isso não impede completamente que deixem de existir imperfeições em nossa narrativa, inclusive, são inevitáveis. Por isso, a verdade que construímos não é absoluta. Diferentemente do que faz Brasil Paralelo, nós, profissionais da história, não nos pautamos em uma argumentação incondicional, em um argumento anticientífico de autoridade.

Consequentemente, o nosso trabalho é sempre inacabado. Pesquisar é como mergulhar intencionalmente em uma areia movediça. Ao invés de tatearmos, desesperados, para todos os lados, em busca de algo em que podemos nos agarrar para não nos afundarmos, ao pesquisar mergulhamos de cabeça no poço de areia com o desejo de ir o mais fundo que conseguirmos. Esse processo é infundável. Quanto mais caminhamos em direção ao horizonte, mais constatamos a nossa ignorância a respeito dos meandros do nosso objeto – e mais nos sentimos distante do horizonte. No entanto, nunca deixamos de caminhar, sempre buscando a melhor fundamentação para a nossa argumentação.

Portanto, enquanto profissionais da história, buscamos em nossa prática estar sempre iluminados pelos preceitos científicos, de forma a dar conta da melhor maneira do objeto que nos cabe explicar, considerando que o campo científico faz parte de uma totalidade complexa – que é o mundo – sobre o qual devemos refletir e procurar explicá-lo, mesmo cientes de seu inacabamento teórico e metodológico.

Entendemos, por outro lado, que a história que construímos entre os muros da universidade, pautada em preceitos científicos, não é a única que existe no tecido societal. Pelo contrário, também está presente naquilo que Gramsci chama de “senso comum” – ao qual poderíamos denominar com licença poética de “alma do povo” ou “sabedoria popular”

– percorrendo os imaginários de porta em porta, constituindo cosmovisões e epistemologias, que, não raro, têm o poder de influência e sedução maior do que os da ciência histórica.

Mas, se determinadas formas de saber histórico não são, por assim dizer, apenas o resultado do que produzem cientificamente as historiadoras e os historiadores, torna-se muito difícil renunciarmos à História enquanto teoria e método científicos: só assim continua (e continuará) a ser possível enfrentarmos concepções revisionistas e negacionistas, infelizmente tão disseminadas nos últimos anos. Isso não pode nos tornar meramente pessimistas: o ofício da historiadora, do historiador nestes tempos sombrios é difícil e complexo, mas, ao mesmo tempo, precisa manter-se apaixonante e desafiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

Livros e artigos

ARAÚJO, Valdei Lopes; KLEM, Bruna & PEREIRA, Mateus. **Do fato ao fake: Des(atualizando) Bolsonaro**. Espírito Santo: Milfontes, 2020.

BUCI-GLUCKSMANN, C. **Gramsci e o Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALIL, Gilberto. **Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964)**. História: Debates e Tendências – V. 13, N. 1, jan./jun. 2013, p. 33-47.

_____. **Estado, capitalismo e democracia no Brasil recente**. In: ____.; SILVA, Carla Luciana & SILVA, Márcio Antônio Both da. (org.). Ditadura, transição e democracia: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: FCM Editora, 2016, pp. 205-228.

_____. **Como combater o fascismo**. Blog Junho, 30 de setembro de 2017.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

_____. **O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo**. Acesso Livre. jul/dez, 2019, p. 8-24.

_____. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT**. São Paulo: Xamã; Feira de Santana: Ed. UEFS, 2012.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: 3ª edição: Civilização Brasileira, 2007.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÓRIA PAULO, Diego. **Os mitos do Brasil Paralelo** – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). *Rebela*, v.10, n.1. jan./abr. 2020.

DREIFUSS, René Armand. **O jogo da direita**. 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. 1964: **A conquista do Estado**: Ação política, poder e golpe de classe. 6 Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIA, Fabiano Godinho & MARQUES, Luiz Barbosa. **Giros à direita**: análises e perspectivas sobre o campo libero-conservador. Ceará: Sertão Cult, 2020.

FRIDERICHS, Lidiane. **A importância dos Think Tanks para a divulgação neoliberal no Brasil**. *Faces de Clio, Revista dos Discentes do Programa de Pós-graduação em História UFJF*. Vol. 2. N. 4. jul/dez. 2016, p. 106-129.

MELO, Demian Bezerra de (org). **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

DEMIER, Felipe. **Depois do Golpe**. A dialética da democracia blindada. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: _____. (et al). *O outro Gramsci*. São Paulo, Xamã, 1996.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Edições 70, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaios de interpretação sociológica. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FONTES, Virginia. **O Brasil e o Capital Imperialismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

_____. (et. al.). **Estado e formas de dominação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência. 2017.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. V.2 **Os intelectuais**. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2001.

_____. Cadernos do cárcere. V. 3. **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GROS, Denise. **Novas formas de ação política do empresariado gaúcho nas últimas décadas.** A evolução social. (Três décadas de economia gaúcha, v.3). 2010.

HOEVELER, Rejane. **Os conceitos de Aparelhos Privados de Hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica.** Revista Práxis e Hegemonia Popular, ano 4, n. 5, pp. 145-159, Ago/Dez, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: Edusc, 2001.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano.** São Paulo: Boitempo. 2017.

LIMA, Flávio Ribeiro de. **As eleições de 2018 e a ascensão da extrema-direita no Brasil.** Revista Percurso. Maringá, UEM, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019.

MACIEL, David. **A argamassa da ordem: da ditadura militar à nova república (1974-1985).** São Paulo: Xamã, 2004.

MANN, Michael. **Fascistas.** Brasil: Record, 2008.

MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise: economia e política.** São Paulo : Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

MATTOS, Marcelo Badaró. **As origens: Jornadas de Junho e crescimento das lutas da classe trabalhadora.** In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs). A Onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad-X, 2016.

_____. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Usina Editorial, 2020.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O Estado Ampliado como ferramenta metodológica**. In: Marx e Marxismo. Publicação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Marx e Marxismo, v. 2, n. 2, Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014.

MIGUEL, Luís Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao Golpe de 2016**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

PAULANI, Leda. **Neoliberalismo e individualismo**. Economia e Sociedade, Campinas, dez. 1999, p. 115-127.

PINTO, Céli Regina Jardim. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. In: SOLANO, Esther & ROCHA, Camila. A direita nas ruas e nas redes: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019, pp. 15-54.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LAPUENTE, Rafael Saraiva; ANDRADE, Guilherme Franco de PIMENTA, Everton. **As direitas no Brasil: discursos, práticas, representações**. Porto Alegre: Fi, 2020.

SILVA, Adriana; BRITES, Cristina; OLIVEIRA, Eliane & BORRI, Giovana. **A extrema-direita na atualidade**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

SILVA, Carla L. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009, Coleção Tempos Históricos, v. 7.

SOLANO, Esther & ROCHA, Camila. **A direita nas ruas e nas redes: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

Dissertações e Teses

ALEXANDRE, Thiago de Andrade Romeu. **O Instituto Millenium e os intelectuais da “Nova Direita” no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

CALIL, G. Gilberto. **O Integralismo no Processo Político Brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa.** Tese (Doutorado em História). Niterói e Marechal Cândido Rondon. Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Pós-Graduação em História - UFF/UNIOESTE, 2005.

CASIMIRO, Flávio H. C. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De São João Del Rei. Minas Gerais, São João Del-Rei, 2011.

DAL PAI, Raphael. **Instituto Ludwig von Mises Brasil: os arautos do anarcocapitalismo.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2017.

FRIDERICHS, Luciana. **A atuação política dos Think Tanks Neoliberais brasileiros e argentinos: os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto Para El Desarrollo empresarial De La Argentina (1983-1998).** Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2016.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011).** Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”:** uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

SILVA JÚNIOR, Samuel Fernando da. **Diretas Já e a autocracia burguesa no Brasil: luta política na transição conservadora.** Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018.

SILVEIRA, Luciana. **Fabricação de ideias, produção de consenso: estudo de caso do Instituto Millenium**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2013.

Sites:

Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/03/tresso-gramsci-morte/>, acesso em: 27/03/2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2019/04/678598-painel-do-forum-da-liberdade-destaca-importancia-de-agregar-valor-e-conectar-pessoas.html, acesso em: 27/03/2020. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/reflexoes-sobre-a-ascensao-da-direita/>, acesso em: 01/04/2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/revoltados-online/>, acesso em: 04/04/2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-mitos-da-brasil-paralelo/>, acesso em 18/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4> acesso em 27/03/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4&feature=youtu.be> acesso em 27/03/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6200s>, acesso em 28/03/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw/featured>, acesso em 08/04/2020. Disponível em: <https://www.mises.org.br/About.aspx>. Acesso em: 15/09/2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-paralelo-1-milhao-membros-2022/>. Acesso em: 18/09/2020. Disponível em: <https://www.institutomillenium.org.br/author/heliobeltrao/>. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: <https://tribunadaimpressalivre.com/23079-2/>. Acesso em: 07/05/2020. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/home/>. Acesso em: 07/05/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw/about>. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw/videos>. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5eKE2o9UfdA>. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: <https://adrianogianturco.com/curriculum-vitae/>. Acesso em: 04/05/2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/156190/biografia>. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilparalelo>. Acesso em: 30/04/2020.

Redes sociais:

Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilparalelo/>, acesso em: 08/04/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/brasilparalelooficial/?hl=pt-br>, acesso em: 08/04/2020. Disponível em: https://twitter.com/brasil_paralelo, acesso em: 08/04/2020.

Web jornais:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/secao/2019/09/704818-jornal-do-comercio-desde-1933-acompanhando-o-desenvolvimento-da-economia-e-dos-negocios-no-rio-grande-do-sul.html <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/08/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo/>.

Outras Plataformas:

Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/sala-de-transmissao-a-patria-educadora/>, acesso em: 08/04/2020.

Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/pequena-contribuicao-juridica-para-o-congresso-brasil-paralelo/>, acesso em 20/02/2020. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/03/a-historia-da-ditadura-contada-pelo-brasil-paralelo-por-fernando-nicolazzi/>. Acesso em: 04/05/2020. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2020/01/brasil-paralelo-uma-empresa-colaboracionista-por-fernando-nicolazzi/>. Acesso em: 04/05/2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/rodrigo-constantino/rodrigo-constantino-por-que-perder-tempo-falando-em-olavo-de-carvaolavo>. Acesso em: 04/05/2020.

ANEXOS

Anexo A - Membros convidados no período de 2016-2019 (em ordem alfabética)

Nome	Currículo
Andrez Wojtas	Escritor da Revista Comando sobre serviços de inteligência.
Aristóteles Drummond	Jornalista, apresenta programas de entrevistas da Rede Vida de Televisão, debatedor da Rádio Catedral do Rio desde 1993 e colaborador das revistas Foco, de Brasília e Encontro, de BH. Escreveu artigos semanais publicados na pág 2 do jornal: Hoje em Dia as segundas, de Belo Horizonte, Diário de Petrópolis aos domingos, Diário de Barretos, Correio da Serra, de Barbacena , Diário do Comércio de São Paulo, O DIA às quintas, no Rio e quinzenalmente na edição eletrônica do JB . Membro do PEN Clube do Brasil, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Cultural da Arquidiocese do Rio, publicou em 1990, pela Topbooks, o livro de ensaios A REVOLUÇÃO CONSERVADORA, em 1996, uma edição revista e ampliada do VILA RICA DO OURO PRETO, de seu avô Augusto de Lima Júnior, pela EGL, e, em 2000, a pedido da Academia Brasileira de Letras, organizou uma edição de SÃO FRANCISCO DE ASSIS POEMAS, de seu bisavô Augusto de Lima.
Arthur Moledo do Val	Engenheiro químico, empresário, youtuber no canal “Mamãe Falei” e integrante do Movimento Brasil Livre. Atualmente é Deputado Estadual de São Paulo pelo DEM.
Beatriz Kicis	Advogada, procuradora do Distrito Federal ativista, youtuber e política, filiada ao PSL.
Bruno Araujo	Advogado e político brasileiro, atual presidente do Partido da Social Democracia Brasileira. Foi deputado federal pelo estado de Pernambuco durante três mandatos consecutivos e Ministro das Cidades do Brasil.
Cláudia Castro	Humorista e Redatora.
Cláudio Manoel	Humorista e Redator.
Cléber Eduardo	Filósofo, historiador e teólogo.
Diego Casagrande	Jornalista. Em 2016 foi escolhido para receber o Prêmio Liberdade de Imprensa do XXIX Fórum da Liberdade, evento internacional promovido pelo IEE (Instituto de Estudos Empresariais) e sediado no Centro de Eventos da PUC-RS. Autor de quatro livros: Porto Alegre – 48 horas sob terror (com José Coiro, em 1997), Vanguarda do Atraso (2006), O Triunfo das Nulidades (2014) e Que delícia ser de esquerda (2016). Também participou da antologia “Santa Sede – Crônicas de Botequim” (2012). Também é Editor do site Opinião Livre.com.br.
Dirceô Torrecillas	Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973); - Mestre (1987), Doutor (1993) e Livre-Docente (1998) pela USP; - Professor convidado PUC-PÓS; - Foi professor na Fundação Getúlio Vargas por 25 anos; - Conselheiro do Conselho Superior de Estudos Avançados - CONSEA, da FECOMÉRCIO - Membro da Comissão Especial de Direitos à Educação e Informação da OAB-SP; - Membro do Conselho Superior de Direito da Fecomercio; - Membro da APLJ - Academia Paulista de Letras Jurídicas; - Membro do IASP - Instituto dos Advogados de São Paulo; - Membro do IPSA ? International Political Science Association; - Membro da APSA ? American Political Science Association; - Correspondent of the Center for the Study of Federalism ? Temple University - Philadelphia USA; - Debatedor do "Groupe

	D'etudes Et de Recherches Sur La Justice Constitutionnelle"; - Membro do Conselho Internacional - "Association Of Constitutional Law"; - Foi Presidente da Comissão de Ensino Jurídico - OAB/SP (triênio 2013/2015).
Eduardo Bolsonaro	Policial federal e político brasileiro, filiado ao Partido Social Liberal. Filho do atual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, é deputado federal pelo estado de São Paulo desde 2015.
Felipe Camozzato	Administrador pela UFRGS. Especialista em Finanças UFRGS. Pós-graduado em Liderança Competitiva Global na Georgetown University (EUA). Presidente PS Júnior. Embaixador da Confederação Brasileira de Empresas Juniores (EJs) na Europa. Conselheiro da Federação Gaúcha de EJs. Diretor/Sócio de empresa de serviços ambientais. Eleito o 5º vereador mais votado de Porto Alegre – RS. pelo Partido Novo. Foi voluntário na Jr. Achievement. Voluntário desde a fundação da EA Alumni. Fundação Partido Novo Porto Alegre – RS. Fundação La Banda Loka Liberal. Foi Voluntário MBL.
Felipe Moura Brasil	Escritor, blogueiro e comentarista brasileiro. Foi organizador do <i>best seller</i> "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota" de Olavo de Carvalho, publicado em 2013 pela Editora Record, é o Diretor de Jornalismo da Jovem Pan. Atualmente escreve na Revista Veja.
Fernando Francischini	Delegado de polícia e Deputado Estadual pelo Paraná, filiado ao Partido Social Liberal (PSL) e escritor na Gazeta do Povo.
Fernando Holiday	Vereador na cidade de São Paulo, youtuber, filiado ao DEM (Democratas) e membro do MBL (Movimento Brasil Livre).
Fernando Schuler	Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com ênfase em filosofia política, é professor universitário, articulista, consultor de empresas e organizações civis nas áreas de cultura, ciências políticas, gestão e terceiro setor. Entre 2007 e 2010, foi Secretário de Estado da Justiça e do Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul. Foi Diretor do Ibmec, no Rio de Janeiro, estando na Columbia University, como Visiting Scholar. Atualmente é titular da Cátedra Insper Palavra Aberta. Escritor especialista no Instituto Millenium.
Fernando Ulrich	Mestre em Economia da Escola Austríaca, com experiência mundial na indústria de elevadores e nos mercados financeiro e imobiliário brasileiros. É conselheiro do Instituto Mises Brasil.
Francisco Abrunhosa	Representante do Movimento Avança Brasil
Flávio Gordon (permanente)	Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (http://revistavilanova.com/) para as áreas de política, cultura e educação. Atualmente escreve na Gazeta do Povo e para o Blog: Senso Incomum.
Gilmar Mendes	Jurista, magistrado e professor brasileiro. É ministro do Supremo Tribunal Federal desde 20 de junho de 2002, tendo presidido a corte entre 2008 e 2010.
Guilherme Macalossi	Formado em direito pela UCS e estuda jornalismo na Unisinos. Editor do portal Sul Connection, apresentador do programa Confronto, na Rádio Sonora FM. Escreve para jornais locais, articulista do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e colaborador da agência Critério, Inteligência em Conteúdo.

Guilherme Vasconcellos Almeida	Professor e pesquisador.
Heduan Pinheiro	Empreendedor do Derose Method.
Hélio Bicudo	Foi jurista e político brasileiro, militante de direitos humanos, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
Heni Ozi	Cientista político, professor e palestrante, foi eleito deputado estadual pelo Novo. Com formação interdisciplinar em filosofia e ciências políticas, é mestre em International Peace and Conflict Resolution pela American University, em Washington D.C. Foi estrategista do Partido Novo nas eleições municipais de 2016 e Secretário Adjunto de Segurança Urbana da Prefeitura de São Paulo. Atuou na ONU, na Organização dos Estados Americanos (OEA) e em outras organizações americanas. É fundador da Insight Geopolítico, consultoria de risco político internacional, e também é professor de relações internacionais da ESPM.
Igor Morais	Economista e Head de Pesquisa da Wise & Trust.
Ives Gandra	Jurista, advogado, professor e escritor brasileiro. É professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da Academia Brasileira de Filosofia.
Joice Hasselmann	Jornalista, radialista, escritora, comentarista, política brasileira e a mulher mais votada para a Câmara dos Deputados da história do Brasil.
Jair Bolsonaro	Político e Presidente da República (Sem Partido) eleito em 2018, foi deputado federal por sete mandatos entre 1991 e 2018.
Janaína Paschoal	Jurista e política brasileira, filiada ao Partido Social Liberal e deputada estadual do estado de São Paulo.
Josias Teófilo	Cineasta, escritor e fotógrafo brasileiro. Formou-se em jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco em 2010. Foi colaborador da Revista Continente de 2011 a 2015, onde escreveu principalmente sobre arte e entrevistou personalidades como Hélène Grimaud, Boris Schnaiderman, Philippe Jaroussky, Marlos Nobre, João Moreira Salles, Paulo Mendes da Rocha.
Luiz Felipe D'Avila	Fundador e presidente do CLP - Centro de Liderança Pública, uma organização sem fins lucrativos dedicada à formação de lideranças públicas engajadas em promover mudanças transformadoras na política brasileira. Antes de criar o CLP, fundou a Editora D'Avila, empresa que criou revistas como República, um título de política, e BRAVO!, a principal revista de arte e cultura do Brasil. Em 2002, a revista BRAVO! Foi vendida para a Editora Abril, a maior editora de revistas da América Latina, onde Luiz Felipe tornou-se Diretor Superintendente. Membro do Conselho da LASPAU (filiada à Universidade de Harvard), Fundação Fernando Henrique Cardoso, Instituto Millenium e do Tribunal Superior Eleitoral. É também autor de vários livros de história e política, como Dona Veridiana, Os Virtuosos e Caráter e Liderança. É formado em ciências políticas pela Universidade Americana em Paris e tem mestrado em administração pública pela Harvard Kennedy School.
Lobão	Cantor e compositor.
Miguel Nagib	Advogado, conhecido por ser fundador e líder do movimento Escola sem Partido, fundado em 2003, e idealizador do texto que originou diversos projetos de lei homônimos.
Miguel Reale	Jurista, político, professor e advogado brasileiro. Foi professor titular de direito penal da Universidade de São Paulo e ministro da Justiça no governo Fernando Henrique Cardoso. Escritor no Blog: Antagonista.
Martin Vasque da Cunha	Escritor.

Olavo Mendonça	Policial do Distrito Federal – PMDF (Brasília).
Ozires Silva	Engenheiro aeronáutico brasileiro. Foi ministro da Infraestrutura e ministro das Comunicações do Brasil. Foi presidente e cofundador da Embraer. Presidiu também a Petrobras e a Varig.
Peter Blazek	Historiador do Instituto de Regimes Totalitários.
Paulo Cruz	Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Possui Licenciatura Plena em Filosofia, pelo Centro Universitário Assunção - UNIFAI (2011) e Processamento de Dados, pela UniSant'Anna (1998). Tem experiência na área de Filosofia, Teologia e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Filosofia, Filosofia Antiga, Filosofia Medieval, Introdução à Filosofia, Teologia (Ensino Religioso), Cinema, Educação, Ética, Estética, Platão, Aristóteles, C. S. Lewis e Eric Voegelin. Palestrante sobre racismo no Brasil Professor Titular de Filosofia no Ensino Médio (SEE-SP). Escritor pela Gazeta do Povo.
Paulo Emílio de Macedo	Pós-graduado em Direito Internacional pela Universidade Federal de Santa Catarina e atua como professor na UFRJ e escritor do Instituto Liberal.
Paulo Rezzutti	Escritor, youtuber, arquiteto e pesquisador. Membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Paulo Roberto Almeida	Doutor em Ciências Sociais (Université Libre de Bruxelles, 1984), Mestre em Planejamento Econômico (Universidade de Antuérpia, 1977), licenciado em Ciências Sociais pela Université Libre de Bruxelles, 1975). É diplomata de carreira, por concurso direto, desde 1977; serviu em diversos postos no exterior e exerceu funções na Secretaria de Estado, geralmente nas áreas de comércio, integração, finanças e investimentos. Foi professor de Sociologia Política no Instituto Rio Branco e na Universidade de Brasília (1986-87) e, desde 2004, é professor de Economia Política no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Direito do Centro Universitário de Brasília (Uniceub). É editor adjunto da Revista Brasileira de Política Internacional, colabora com várias iniciativas no campo das humanidades e ciências sociais, e participa de comitês editoriais de diversas publicações acadêmicas. De agosto de 2016 a março de 2019 foi Diretor do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IPRI), afiliado à Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), do Ministério das Relações Exteriores. Escritor convidado do Instituto Millenium.
Raphaella Avena	DJ e fundadora da página Capitalista Ruiva.
Ricardo Gomes	Formou em Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2003. Em 2005 concluiu sua Pós-graduação em Direito Trabalhista, também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É mestrando em História pela Universidad Francisco Marroquín (Guatemala). Foi presidente do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), em 2011-2012, organizando a 25ª edição do Fórum da Liberdade, o maior fórum liberal da América Latina, também foi vice-presidente (2010-2011) e diretor de formação (2009-2010) da mesma instituição. Atualmente é Presidente da RELIAL - Rede Liberal da América Latina (2018-2020). Vereador na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul.
Rico Ferrari	Escritor.
Rogério Chequer	Engenheiro de produção, empresário, ativista político, foi colunista da Folha de São Paulo e cofundador do Movimento Vem Pra Rua.
Simon Schwartzman	Cientista social, nascido em Belo Horizonte, Brasil. Foi, entre 1994 e 1998, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e é membro da Academia Brasileira de Ciências.
Ton Martins	Advogado, filósofo e ativista político.
William Wack	Jornalista, professor e ex-handebolista brasileiro. Waack é formado em jornalismo pela Universidade de São Paulo e em Ciências Políticas e

	Sociologia e Comunicação na Universidade de Mainz em 1974, na Alemanha. Fez mestrado em Relações Internacionais.
--	--

Elaboração própria, fonte: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/producoes>. Acesso em: 22/02/2020.

Anexo B – Matérias: Documentários e Séries

Título - documentário na íntegra	Número de episódios	Títulos dos episódios
<i>Investigação Paralela</i>	1	1) <i>Quem mandou matar Celso Daniel?</i>
<i>Fórum Brasil – A última cruzada: Evento: 07/09/2019</i>	8	2) <i>Abertura – Nossa missão</i> 3) <i>Terra de Santa Cruz</i> 4) <i>Pais Fundadores Cultura Brasileira</i> 5) <i>Os poderes do Brasil</i> 6) <i>capitalismo e Conservadorismo</i> 7) <i>Literatura brasileira como descobrir o Brasil</i> 8) <i>Encerramento: Equipe Brasil Paralelo</i>
<i>1964: Brasil entre armas e livros</i>	1	9) <i>1964: O Brasil Entre Armas e Livros</i>
<i>O teatro das tesouras</i>	7	10) <i>O teatro das tesouras: 1989</i> 11) <i>O teatro das tesouras: 1994</i> 12) <i>O teatro das tesouras: 1998</i> 13) <i>O teatro das tesouras: 2002</i> 14) <i>O teatro das tesouras: 2006</i> 15) <i>O teatro das tesouras: 2010</i> 16) <i>O teatro das tesouras: 2014</i>
<i>O dia depois da eleição</i>	5	17) <i>O que sobrou do Brasil? Pt. 1</i> 18) <i>O que sobrou do Brasil? Pt. 2</i> 19) <i>O que sobrou do Brasil? Pt. 3</i> 20) <i>O que sobrou do Brasil? Pt. 4</i> 21) <i>O que sobrou do Brasil? Pt. 5</i>
<i>Congresso Brasil Paralelo</i>	6	22) <i>A cruz e a espada</i> 23) <i>A Vila Rica/Brasil</i> 24) <i>A Guilhotina da Igualdade</i> 25) <i>Independência ou Morte</i> 26: <i>O Último (sic) Reinaldo</i> 27) <i>Era Vargas – O Crepúsculo de um Ídolo</i>
<i>Brasil: A última cruzada</i>	6	28) <i>Panorama Brasil</i> 29) <i>Terra de Santa Cruz</i> 30) <i>A Raiz do Problema</i> 31) <i>Dividindo pessoas, centralizando o Poder</i> 32) <i>Propostas</i> 34) <i>Impeachment: do Apogeu à Queda</i>
<i>Insight Brasil Paralelo</i>	4	35) <i>Segurança Pública</i> 36) <i>A Ordem do Caos</i> 37) <i>Venezuela: Uma Tragédia do Século 21</i> 38) <i>Dirceu: O homem de Havana no Brasil</i>

Elaboração própria, fonte: <https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos>, acesso em 22/02/2020.

Anexo C – Núcleo de Formação

Área	Tema	Número de aulas	Pessoas que ministram as aulas
Economia	<i>O histórico do pensamento liberal brasileiro</i>	1	Lucas Berlanza
Economia	<i>Introdução da Escola Austríaca de economia</i>	1	Felipe Rosa
Economia	<i>Um passeio pela História do Liberalismo</i>	6	Ricardo Gomes
História	<i>Uma breve história da Rússia</i>	6	Lucas Ferrugem
História	<i>Titãs da Civilização Ocidental</i>	6	Rafael Nogueira
Filosofia	<i>As 5 grandes correntes da ética do Ocidente</i>	3	Frederico Bonaldo
Filosofia	<i>4 Modelos de Liberdade Política</i>	3	Marcus Boeira
Filosofia	<i>Mito, linguagem e mídia</i>	4	Flavio Morgenstern
Filosofia	<i>Linguagem e filosofia prática</i>	8	Marcus Boeira
Ciência Política	<i>Introdução à Política Internacional</i>	1	Cezar Roedel
Ciência Política	<i>Como organizações ideológicas ocupam instituições</i>	1	Lucas Ferrugem
Ciência Política	<i>Direito constitucional</i>	1	Vinícius Boeira
Ciência Política	<i>Ideologias políticas: as diferentes correntes</i>	1	Lucas Ferrugem
Ciência Política	<i>Elite cultural e intelectual</i>	1	Rafael Nogueira
Ciência Política	<i>Desconstruindo Paulo Freire</i>	2	Thomas Giulliano
Ciência Política	<i>A biografia de Carlos Lacerda</i>	1	Lucas Berlanza
Ciência Política	<i>As origens do Estado</i>	4	Ricardo Gomes
Ciência Política	<i>Armamento e a liberdade civil</i>	5	João Pedro Peteck e Diego Ferreira
Ciência Política	<i>Arte, imaginação e sentido</i>	1	Paulo Cruz

Elaboração própria. Fonte: <https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos>, acesso em 22/02/2020.